



## **HOMOSSEXUAIS DA BAHIA DICIONÁRIO BIOGRÁFICO (SÉCULOS XVI-XIX)**

*Editora Grupo Gay da Bahia*

- *Coleção Gaia Ciência*

1. Aidsfobia: Violação dos Direitos Humanos dos Portadores de HIV/Aids no Brasil (1994)
2. As Travestis da Bahia e a Aids. (1997)
3. Aids e Direito (1998)
4. As Religiões Afro-Brasileiras e a luta contra a Aids. (1998)
5. Candomblés da Bahia: Catálogo de 500 Casas de Culto Afro-Brasileiro. (1998)
6. Transexualismo: Guia Prático para pessoas interessadas. (1999)

- *Conselho Editorial*

Edward MacRae, Depto. de Antropologia, UFBA  
Edivaldo Couto, Depto. de Filosofia, UFBA  
Ricardo Liper, Depto. de Filosofia, UFBA  
Luiz Mott, Depto. de Antropologia, UFBA

Copyright 1999 by Editora Grupo Gay da Bahia

Projeto Gráfico e capa:  
Carlos Wilmar

Revisão:  
Aroldo Assunção

---

Mott, Luiz

**Dicionário Biográfico dos Homossexuais da Bahia  
(Séculos XVI-XIX).**

Salvador, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999.

Bibliografia, Índices.

1. Homossexualidade – História. 2. Bahia - Inquisição.
3. Biografia. Brasil Colonial.

ISBN 920.08 - 306.7

---

1999

EDITORA GRUPO GAY DA BAHIA

Convênio com o Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia  
Caixa Postal 2552 – 40022-260, Salvador, Bahia, Brasil

Rua Frei Vicente, 24 – Pelourinho - Fone/Fax: (55) 071 – 322.3782 – 322.2552 <luiz-  
mott@ufba.br>

## Índice

- Prefácio – Ronaldo Vainfas .....
- Apresentação.....
- Século XVI.....
- Século XVII.....
- Século XVIII.....
- Século XIX.....
- Índice Alfabético.....
- Índice das Mulheres.....
- Índice Temático.....
- Bibliografia.....

## PREFÁCIO

**Prof.Dr. Ronaldo Vainfas,**  
Universidade Federal Fluminense

É com imensa satisfação que apresento ao leitor este *DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DOS HOMOSSEXUAIS DA BAHIA*, iniciativa pioneira no gênero, raros que são os dicionários especializados produzidos no Brasil.

Seu autor não podia ser melhor, pois Luiz Mott, além de militante dos mais abnegados da causa *gay* no Brasil, e dirigente que muito se tem dedicado na luta contra o preconceito homofóbico e as violências dele resultantes, é etno-historiador já consagrado. Pesquisador minucioso da vastíssima documentação inquisitorial contra delitos de comportamento e de fé, sobre o que publicou inumeráveis artigos e livros, sendo caso de destacar seus trabalhos sobre a perseguição do Santo Ofício aos sodomitas, assunto exaustivamente contemplado no *Dicionário*.

As fontes inquisitoriais são mesmo privilegiadas para o tema do Dicionário, especialmente para os nossos primeiros três séculos, e Luiz Mott as conhece todas: os livros das visitas, os processos completos, as acusações avulsas, os Cadernos e Repertórios do Nefando. É documentação vastíssima, parte dela publicada, a maior parte só disponível nos originais manuscritos guardados no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa.

É deste filão que Luiz Mott extrai as informações sobre os que outrora eram chamados de “fanchonos”, “somítigos”, sodomitas, palavras de significado variado, porém sempre estigmatizantes na época. Vocabulário estigmatizante seja de um certo ar efeminado que alguns desses homens ostentavam, seja do ato sexual supremo, em matéria sodomítica (a propríssima e perfeita sodomia, no jargão dos inquisidores), a saber: a cópula anal consumada com ejaculação *intra vas*. Era o “pecado feio”, dizia-se então, ou “pecado nefando” derivado de *ne fandus*: o que não pode ser dito.

A documentação de que se vale o Dr. Mott trata de perseguições, mas não só. É documentação que muitas vezes dá informações precisas sobre quem eram os amantes do *beau vice* (como se dizia do homoerotismo na corte francesa de Luiz XIV), como viviam, sua aparência física, as mil formas de relação sexual que mantinham, os amores, por vezes bilhetes enamorados. É documentação que trata de homens, mas também de mulheres, das amantes à moda de Safo na Bahia colonial. Foram elas menos perseguidas que os homens, é verdade, mas o Visitador Heitor Furtado de Mendonça registrou alguns casos e até moveu processos contra algumas lésbicas, a exemplo de Felipa de Souza, mulher que não se cansava de seduzir moças de Salvador, chegando mesmo a admitir para o Visitador inquisitorial, que adorava mulheres.

O leitor encontrará Felipa de Souza e também Isabel Antônia, outra sáfica que por alcunha era conhecida como “a do veludo”, porque simplesmente utilizava uma peça recoberta de veludo, à guisa de falo, nos seus amores secretos. Encontrará também os escravos d’África, uns como vítimas da escravidão que também se estendia às relações sexuais, sodomizados por seus amos, outros protagonizando enredos extraordinários. É o caso de um certo Francisco Manicongo, escravo de um sapateiro que se vestia à moda dos quimbandas ou jimbandas da cultura banto, e namorava vários escravos da cidade.

Encontrará o leitor, no pólo oposto da escala social, homens ricos e poderosos envolvidos nas mais variadas “somitigarias”, outra expressão coeva. Um deles, Luiz Delgado, tabaqueiro do século XVII, vivia a paparicar seus pajens, penteando-os à vista da vizinhança, entrelaçando as mãos na rua e até os beijando na boca, como fez certa vez, na frente de sua esposa, que apesar de somítigo, Delgado era casado na forma tridentina...Fortíssimo este Luiz Delgado, pois, preso como relapso, resistiu às torturas e negou tudo o que lhe foi imputado, escapando por isso da fogueira.

E no início do século XVII encontrará o leitor um caso celeberrimo: o do próprio Governador Diogo Botelho, homem que no passado se alinhara nas hostes de D.Antônio, o Prior do Crato, adversário de Felipe II na disputa pelo trono português. Pois, depois de reabilitado, acabaria ocupando a governança do Brasil e transformando o palácio de governo em verdadeira Sodoma tropical. É o que dele contou um de seus pajens, narrando verdadeiras orgias homoeróticas celebradas na sede do Governo Geral, nas quais atuavam pajens, guardas e o próprio governador que, muitas vezes, obrigava, como autêntico *voyeur*, a que os moços fizessem sexo na sua frente.

Saindo do mundo dos homens para o mundo de Deus, o leitor encontrará, entre os biografados constantes do *Dicionário*, uma infinidade de padres, frades, curas seculares, religiosos professos. Um deles é o Padre Frutuoso Álvares, o primeiro a fazer confissão espontânea para o visitador do Santo Ofício na Bahia: admitiu ter se relacionado com uns 40 parceiros sexuais nos quinze anos em que curava almas em Matoim, sem falar na sua vida pregressa em Portugal, na Madeira, sendo ele já homem de 65 anos. Até mesmo um jesuíta, sendo a Companhia tão afamada por seu rigorismo moral, Luiz Mott logrou encontrar na Bahia do Século XVIII: e ninguém menos do que o próprio reitor do colégio inaciano.

Findo o período colonial, as fontes mudam de perfil, pois a extinção do Santo Ofício quase coincidiu com a Independência. O Prof. Mott se vale, então, para biografar seus personagens, de fontes literárias, imprensa periódica e outros registros avulsos. Desaparece a perseguição de tipo inquisitorial, mas prevalece o estigma. Prevalece de outro modo e com outra linguagem, visivelmente mais “medicalizada” à medida que avança o século XIX.

Trata-se, portanto, de um volume precioso. Um livro que fala de perseguições e preconceitos, paixões e desejos. E recompõe, com esmero, uma face histórica importante da querida Bahia, berço do Brasil, dando rosto e nome aos que ousaram cometer o pecado cujo nome não se podia sequer dizer em tempos idos.

Ronaldo Vainfas

Professor Titular do Departamento de História, Universidade Federal Fluminense

Autor de *O Trópico dos Pecados: Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*.

Rio de Janeiro, 1999

## APRESENTAÇÃO

Bahia rima com sodomia...

De fato, a documentação comprova que em seus 450 anos de história, São Salvador da Bahia foi não apenas a cidade de todos os santos, mas também de todos os sodomitas – aqui vivendo numerosos gays, lésbicas e travestis, que a despeito de suas vidas clandestinas terem sido preconceituosamente escondidas ou esquecidas pelos historiadores oficiais - seus nomes e vivência homoerótica testemunham: não se pode tratar da história da Bahia e do Brasil, sem mencionar a presença significativa dos homossexuais desde os primórdios de nossa existência.

A vivência e repressão aos gays, lésbicas e travestis estão fartamente registradas em nossos acervos documentais: nos manuscritos quinhentistas e setecentistas da Inquisição, nos poemas seiscentistas de Gregório de Matos, nas Teses da Faculdade de Medicina e nos jornais oitocentistas. Podemos afirmar sem sombra de dúvida que a presença homossexual na história da Bahia é anterior inclusive à própria chegada dos colonizadores, pois ao penetrarem na Terra dos Papagaios, portugueses e franceses encontraram e registraram, estupefactos, a existência de numerosos índios e índias praticantes do que a Cristandade chamava de "abominável e nefando pecado de sodomia".

Tão generalizada era na *terra brasilis* a homossexualidade, que os Tupinambá tinham nomes específicos para designar os adeptos desta performance erótica: aos homossexuais masculinos chamavam de *Tibira* e às lésbicas de *Çacoaimbeguira*.

Portanto, com base no depoimento dos primeiros cronistas – inclusive alguns fidedignos sacerdotes – somos forçados a concluir que a homossexualidade na Bahia tem muito mais que 450 anos: é tão antiga quanto a mesma presença humana no Novo Mundo, beirando quando menos 10 mil anos de calorosa adesão pelos moradores desta Boa Terra.

Nas primeiras caravelas chegam do Reino alguns praticantes do "amor que não ousava dizer o nome" - datando de 1547 o registro do primeiro sodomita português a ser degredado pela Inquisição para esta novel conquista. Tanto em Portugal quanto aqui na Colônia os homossexuais masculinos eram popularmente chamados de *somítigos* e *fanchonos*, sendo a homossexualidade considerada crime dos mais hediondos, cabendo à Justiça Real, ao Bispo e sobretudo ao Tribunal da Santa Inquisição, a perseguição e condenação à morte na fogueira dos infelizes sodomitas.

Com a chegada ao Brasil dos primeiros escravos da África, onde significativa documentação comprova igualmente a prática tradicional e pré-colonial do homoerotismo masculino e feminino, tanto na região do Congo-Angola, quanto na Costa da Mina, aumenta o contingente de homossexuais, incluindo a partir de então também os *quimbandas* e *adés* da raça negra.

Portanto, a homossexualidade, com presença marcante nas tradições das três raças formadoras de nossa nacionalidade, encontrará terreno fértil no Novo Mundo, onde a nudez dos índios e negros, o relaxamento sexual inerente ao escravismo, a frouxidão moral do próprio clero, as longas distâncias e isolamento dos núcleos habitacionais, as matas e sertões despovoados, tornaram realidade o ditado popular: "*ultra equinotialem non pecari*" – o nosso conhecido e cantado refrão "não existe pecado abaixo do Equador!"

Mais correto seria dizer: abrandou-se nos trópicos a noção de pecado, desviando-se os cristãos da rígida moral-sexual pontificada pelo catecismo tridentino, de tal sorte que a repressão tornou-se aqui mais frouxa do que no Reino. Tal relaxamento explica o alastramento e desenvoltura como os *fanchonos* e *sodomitas*, *tibiras* e *çacoaimbeguiras*, *adés* e *quimbandas* praticaram seus desejos mais ternos e profundos, suas sinas e tendências mais recônditas: o *amor igual*. Amor que malgrado ser rotulado pelos teólogos de "mau pecado", pelos Inquisidores de "abominável e nefando", equiparado pelas justiças del Rei ao crime de lesa-majestade, não obstante tantos anátemas e a ameaça da pena vil dos açoutes públicos, do seqüestro dos bens, do degredo nas galés de Sua Majestade, e a temida morte na fogueira – o amor homossexual foi mais forte que a morte! Desafiou o chicote, a fogueira, a prisão perpétua: e a prova desta ousada busca da felicidade e de realização existencial é esta fantástica e inédita lista de duas centenas de moradores da Bahia que praticaram ou foram infamados de praticar o “amor que não ousava dizer o nome”.

Lista que inclui 178 homens e 24 mulheres; brancos, índios, negros e mestiços; livres e escravos; cristãos-novos e velhos; artesãos e nobres; muitos padres; professores e estudantes – e dois importantes governadores da primeira capital do Brasil – Diogo Botelho e Câmara Coutinho, além do mais importante revolucionário baiano do Império, o Dr. Sabino Álvares.

Estabelecemos como limite cronológico deste *DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DOS HOMOSSEXUAIS DA BAHIA*, o final do Século XIX (1898), deixando para um futuro próximo, biografar os homossexuais da Bahia do Século XX. Tal restrição temporal deve-se mais ao enorme volume de gays, lésbicas, travestis e transexuais contemporâneos, do que ao receio de eventualmente ferir susceptibilidades dos próprios biografados ou de seus familiares, posto que deixando a homossexualidade de ser considerada entre nós, crime e doença, havendo inclusive venerandos teólogos católicos, judeus e protestantes que defendem a moralidade ética do amor homogêneo, não há razão legal ou jurídica para se considerar injúria, calúnia ou difamação a revelação da orientação sexual de quem quer que seja, especialmente quando referidas as fontes de informação. Felizmente a noção de crime teve radical evolução em nossa sociedade: no tempo de nossos bisavós, eram crime a bigamia, o adultério, a homossexualidade, a prática do protestantismo e das religiões afro-brasileiras – algumas destas condutas condenadas até à pena de morte. Hoje o crime é discriminar os candomblezeiros, judeus, evangélicos, homossexuais, etc.

Até o presente conseguimos levantar um total de 202 nomes de baianos ou moradores da Bahia praticantes ou infamados de praticar o homoerotismo, assim distribuídos ao longo dos séculos:

## **Sodomia na Bahia – Século XVI-XIX**

Século XVI	39 (19%)
Século XVII	84 (42%)
Século XVIII	23 (11%)
Século XIX	56 (28%)
Total	202 (100%)

No século XVII é quando a Inquisição Portuguesa mais perseguiu os sodomitas, seja no Reino, seja no Novo Mundo, daí a existência de maior volume de registros seiscentistas sobre esta população heterodoxa em matéria de amor. A partir do Século XIX a documentação escasseia, cabendo aos médicos, jornalistas e aos agentes da segurança pública a repressão e registro de ocorrências envolvendo tal segmento populacional.

A maior parte dos documentos relativos aos homossexuais nos três primeiros séculos de nossa história foram produzidos pelo Tribunal do Santo Ofício: são denúncias, sumários e processos conservados no principal arquivo lusitano, a avoenga Torre do Tombo. O estilo dos rabugentos inquisidores é conciso e formal, descrevendo friamente a morfologia dos atos homoeróticos entre "agentes" e "pacientes". A preocupação destes padres-juizes era desvendar se houve a consumação da "sodomia perfeita", isto é, "penetração do membro viril desonesto no vaso traseiro com derramamento de semente", a única performance homoerótica considera crime capaz de levar o réu à fogueira.

Com a extinção em 1821 deste *Mostrum Horribilem* – a Santa Inquisição – e a descriminalização da sodomia a partir da Independência do Brasil, livram-se felizmente nossos antepassados homossexuais da fogueira, mas perdem os historiadores sua principal fonte documental, tanto que avança o Século das Luzes, menos fontes há para se recuperar a biografia e a vivência das chamadas "minorias sexuais". A partir dos meados do século XIX os sodomitas, agora rotulados de *pederastas*, *uranistas* e *androfilistas*, passam a ser estudados e tratados pela Medicina – e para gozo dos historiadores, alguns esculápios da Faculdade de Medicina da Bahia dedicaram suas teses a esta buliçosa população.

No século XIX, quando era de se esperar menor intolerância por parte dos doutores, predomina no discurso científico exacerbada e pudibunda indignação – passando os médicos, a partir de então, a desempenhar o papel de cães de guarda da moral dominante. Não há como não se chocar com a homofobia dos médicos da Bahia novecentista, com suas interpretações pseudo-científicas da gênese e cura da pederastia. O linguajar dos jornalistas da época reflete a mesma reprovação moral, cobrando da polícia a repressão aos *machos-fêmeas* que pululavam pela velha São Salvador.

Como o leitor pode observar, indicamos uma ou mais fontes documentais para cada um dos 202 nomes arrolados neste *Dicionário*. Sempre que a documentação permitiu, logo abaixo do nome do indivíduo e do ano em que foi identificado, descrevemos sua aparência física e os dados biográficos disponíveis, transcrevendo *ipsis verbis* as citações relativas às suas práticas homoeróticas.

Em alguns poucos casos, menos de 10% da amostra, embora faltando detalhes sobre a performance sexual dos biografados, tivemos por bem incluir neste *Dicionário* também os "invertidos" e "invertidas", "mulheres vestidas de homem" e



"*efeminados*" que ousaram trajar-se com roupas e adereços do sexo oposto – *travestis* e *transformistas* de ambos os sexos – rotulados pela moderna Sexologia de "*transgênderos*" ou "*cross-dressing*", muito embora para alguns poucos o travestismo não implique obrigatoriamente em assumir práticas homoeróticas. Nesta categoria de invertidos entram dois grandes luminares da história baiana: o Visconde do Rio Branco, que na juventude se travestiu de "dama-galã" e a heroína Maria Quitéria, que alistou-se no exército libertador vestida de homem com o nome de Soldado Medeiros. Persiste a dúvida se praticaram o "amor que não ousava dizer o nome", mas que foram socialmente "invertidos", a documentação está aí para comprovar opção ainda hoje tão melindrosa. Uma terceira celebridade baiana também permanece no limbo: o monge beneditino e poeta Junqueira Freire, autor de um dos mais belos poemas homoeróticos de nossa literatura, intitulado "*A um moçoilo*". Após sua leitura, que o leitor decida se fizemos bem ou não em incluí-lo nesta obra.

Como todo dicionário precursor, ainda mais abordando tema tão proibido, certamente este *DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DOS HOMOSSEXUAIS DA BAHIA* revelar-se-á incompleto – e seu autor agradece cordialmente, de antemão, novas informações e acréscimos que venham enriquecer esta plêiade de baianos e moradores da Bahia pertencentes à mesma estirpe de Miguel Ângelo, Shekespeare, Boticelli, Cervantes, Safo, Joana Darc, e tantos outros homens e mulheres amantes do mesmo sexo.

Duplo é meu objetivo com a publicação deste *Dicionário*: resgatar a história recôndita destas duas centenas de gays, lésbicas e travestis da Bahia antiga, vítimas do preconceito e discriminação, e estimular a outros pesquisadores a aprofundar as pistas aqui apenas esboçadas – colaborando assim para a consolidação de uma Gaia Ciência, alicerce de uma nova sociedade que todos aspiramos, onde se cumpra o vaticínio do poeta Fernando Pessoa:

*"O amor que é essencial  
o sexo um acidente:  
pode ser igual,  
pode ser diferente...!"*

Luiz Mott

Departamento de Antropologia da UFBA

Aos 450 anos de Fundação de Salvador da Bahia de todos os santos e sodomitas

## Século XVI

### 1. ANA CUNHA (1592)

32 anos, moradora em Ilhéus

Confessou na Primeira Visitação do Santo Ofício à Bahia, em 26 de outubro de 1592, que há sete anos passados, na Ilha de Itaparica, na véspera da festa de São João, vindo de Ilhéus, hospedou-se em casa de **Catarina Quaresma** e “deitando-se na mesma rede, em camisas, ajuntaram seus *vasos naturais*<sup>1</sup> e assim estiveram deleitando-se como homem com mulher, sendo ambas *íncubas e súcubas*.<sup>2</sup> Disse saber que *pecado contra*

---

<sup>1</sup> *Vaso natural*: vagina ou *vaso dianteiro*, em oposição ao anus, chamado de vaso traseiro ou vaso prepóstero.

<sup>2</sup> *Íncubo*: aquele que se deita sobre o outro no ato sexual ; agente, ativo; dizia-se do Demônio masculino que, segundo velha crença popular, vinha de noite copular com os humanos. *Súcubo*: o que se deita por debaixo de outro, paciente, passivo.

natureza era o mesmo que *pecado nefando*<sup>3</sup>, e que já se confessara desta falta com um sacerdote.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289)

## 2. ANTÔNIO AGUIAR (1591)

*Lavrador, 20 anos, cristão-velho*<sup>4</sup>, natural da Bahia, sabe assinar o nome, filho de Pedro d'Aguiar d'Altro e de Custódia Faria, morador em Matoim na casa paterna.

Confessou na *Primeira Visitação*, em 5 de fevereiro de 1592. Há 6 anos, quando tinha 14 anos e seu irmão 12 ou 13 anos, dormiam ambos em uma cama quando o mame-luco **Marcos**, cria de sua casa, de 17 para 18 anos, saía de sua rede, ou às vezes os chamava para perto de si, deitando-se entre os dois irmãos, e chegando a acontecer que “deitando-se ele confessante de bruços, e sobre ele se deitava o dito Marcos, metendo *seu membro desonesto*<sup>5</sup> pelo *vaso traseiro* dele confessante e *cumprindo*<sup>6</sup> nele, consumando e efetuando o *pecado de sodomia*<sup>7</sup>.” O mesmo fazia ele, “penetrando com seu membro o vaso traseiro do dito Marcos, alternadamente”. Isto sucedeu a cada um deles entre quinze e vinte vezes por espaço de um mês – tendo percebido que por duas vezes o mame-luco e seu irmão **Bastião Aguiar**, uma vez, praticaram o mesmo. Disse também que sabia que esta “desonesta conversação era pecado mas não tão grave, e que um dia por acaso ouviu conversarem sobre o pecado nefando e então soube quão grave era, e dali por diante se afastou da dita conversação e nunca mais o cometeu”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 6358)

## 3. ANTÔNIO LOPES (1591)

*Bacharel em artes, natural do Reino*

Vivia em 1591 em Salvador, preparando-se para se ordenar clérigo. Confessou ter tido seis “*poluções de semente*<sup>8</sup> no vaso traseiro, reciprocamente”, com **Bastião Aguiar**, 16 anos.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 69-70.)

## 4. BASTIÃO AGUIAR (1591)

---

<sup>3</sup> *Nefando*: Indigno de se nomear; abominável, execrável, execrando, nefário. *Pecado Nefando*: sodomia, pecado contra a natureza, cópula anal, homossexualidade.

<sup>4</sup> *Cristão-Velho*: católico que não descendia de judeus ou de cristãos-novos.

<sup>5</sup> *Membro desonesto*: sinônimo de pênis, também referido como membro viril.

<sup>6</sup> *Cumprir*: o mesmo que gozar, chegar ao orgasmo.

<sup>7</sup> *Sodomia*: sinônimo de cópula anal, desde a Idade Média associada a Sodoma, cidade próxima ao Mar Morto que teria sido destruída por Javé devido à perversão sexual de seus habitantes. Hoje, a moderna Exege contesta a associação entre sodomia e homossexualidade. Cf. Kosnik, *Sexualidade Humana*. Editora Vozes, 1982

<sup>8</sup> *Polução de semente*: emissão de esperma, ejaculação.

*Natural da Bahia, 16 anos, cristão-velho, filho de Pedro d'Aguiar d'Altro e de Custódia de Faria, morador na casa de seu pai em Matoim.*

Aos dez anos, estando em casa de seu pai, dormindo com seu irmão **Antônio de Aguiar**, 11 anos, “aconteceu uma ou duas vezes alternadamente um ao outro se cometeram com seus membros viris desonestos por seus vasos traseiros, começando de querer penetrar, porém não penetraram pois não tinha idade para ter poluição e não se lembrava se seu irmão a teve”... O mesmo praticando com o mameluco **Marcos**, 15 anos. Confessou mais que ao completar 15 anos, teve seis “*ajuntamentos nefandos*”<sup>9</sup>, com **Antônio Lopes**, bacharel em artes, natural do Reino, o qual teve poluição dentro da vaso traseiro.

Foi admoestado para que evitasse novas ocasiões de pecado e fosse se confessar no Colégio de Jesus e trouxesse o escrito comprobatório do confessor.

Em 5 de fevereiro de 1592, o Visitador escreveu à margem do processo: “está metido na religião dos Padres da Companhia de Jesus” (p. 154).

*(Primeira Visitação, Confissões da Bahia, 26-8-1591, p. 68-70)*

##### **5. BELCHIOR DA COSTA (1592)**

*Natural de Guimarães, 35 anos, cristão-velho, filho de Jorge Gonçalves, tecelão e de Senhorinha da Costa, morador Sergipe do Conde, casado com Beatriz Piçarra.*

Confessou na *Primeira Visitação*, em 23 de janeiro de 1592, que aos 10 anos de idade (mais ou menos em 1566), veio pousar em sua casa um cirurgião, **Mateus Nunes**, tido por *cristão-velho*, 20 anos, e estando na mesma cama, o visitante começou “a solicitar e com efeito, dormir com ele carnalmente, metendo seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele confessante cumprindo nele como se fizera com mulher, uma vez somente”.

Confessou mais: que com idade de 14 anos, depois do jantar, em casa do seu pai, “estando deitado na rede, veio aí ter um moço de 9 para 10 anos, filho de um carpinteiro morador em Paripe com sua mãe viúva, o qual se deitou com ele na rede e ele confessante dormiu com ele carnalmente penetrando seu membro desonesto no vaso traseiro do moço, cujo nome lhe não lembra e cumpriu com ele como se fizera com mulher”. Passado 17 anos, voltaram a se encontrar, não falando nunca mais no ocorrido.

Em seu processo, na margem está anotado: “este confessante fez muitas provas de arrependimento. Dei-lhe penitências espirituais em segredo com a admoestação necessária e mandei-o confessar, trazendo o recibo do confessor”. Suas penitências incluíam a obrigação de confessar-se 12 vezes e jejuar 24 dias que não fossem de obrigação da Igreja.

*(Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 116-117; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 7954)*

---

<sup>9</sup> *Ajuntamento nefando*: relações homoeróticas.

## 6. BENTO (1591)

“Negro da terra”<sup>10</sup>, cativo de um cristão-novo<sup>11</sup>, alfaiate, morador em Salvador, de alcunha “Deus o guarde”.

É denunciado por duas escravas da terra, Guiomar e Clara, “que era *somítigo*<sup>12</sup> e servia de mulher no pecado nefando com outros negros”.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 413).

## 7. CATARINA QUARESMA (1591)

Natural de Guimarães, 25 anos, meia cristã-velha, filha de Diogo Gonçalves Lopes e de Guiomar, sabe ler e escrever, moradora em Salvador, casada com senhor de Engenho.

Denunciada na *Primeira Visitação*, em 26 de outubro de 1592 por Ana Cunha. Um ano depois é chamada à Mesa Inquisitorial. Perguntada se tinha algo a confessar, respondeu não ter culpas. Perguntou então o Visitador Heitor Furtado de Mendonça se não viu no *Auto Público* realizado recente na Sé, “algum caso que se sentia culpada?” (Cf. **Felipa de Sousa**, n.11) Respondeu negativamente, acrescentando já ter confessado a um padre, que há 7 ou 8 anos, em Itaparica, certa vez sua hóspede e comadre **Ana Cunha** numa rede, “apalpou-lhe as pernas e abraçada, a apertou muito consigo barriga com barriga”. Disse não se lembrar se ajuntaram seus vasos nem se deleitou, mas não teve tenção de cometer sodomia nem deleitação torpe.

É chamada no dia seguinte à Mesa Inquisitorial, sendo admoestada que fizesse confissão interior e penitência de suas culpas. Negou qualquer relação lésbica quando menina em Ilhéus, relatando nunca ter tratado deste assunto com Ana da Cunha.

Aos 18 de agosto de 1593 o Visitador despachou a Sentença: que pague 10 mil réis para as despesas do Santo Ofício e cumpra as penitências espirituais: confessar, comungar e rezar nove rosários e três salmos penitenciais e pague as custas do processo.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289)

## 8. CATERINA BAROA (1592)

Idade de 14 a 15 anos em 1565, filha de Barão Lourenço, morador então em Vila Velha, termo de Salvador, casada com Diogo Rois, alfaiate, morador em 1592 na Tamararia.

Denunciada na *Primeira Visitação*, em 7 de fevereiro de 1592, por **Isabel Marques**, mameleuca, de terem “juntado seus vasos *dianteiros* como se fora homem com mulher”. Segundo a mesma denunciante, foi vista fazer o mesmo pecado duas ou três vezes com outras moças menores de 10 anos.

---

<sup>10</sup> *Negro da terra*: expressão corrente no início da colonização para designar os ameríndios ou brasis, em oposição a *negro da guiné* ou africanos.

<sup>11</sup> *Cristão-novo*: descendente de judeus, batizado, o mesmo que *marrano*.

<sup>12</sup> *Somítigo*: fórmula popular para *sodomita*, praticante da cópula anal, podendo desempenhar o papel de *agente* (ativo) ou *paciente* (passivo).

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.160)

### **9. DIOGO AFONSO (1592)**

*Natural de Porto Seguro 27 anos, cristão-novo, filho de Gaspar Dias da Vidigueira e Ana Rois, morador em Salvador, não tem ofício.*

Confessou na *Primeira Visitação*, em 30 de janeiro de 1592, que sendo de idade de 15 anos (1577), estando em Porto Seguro, veio a ter amizade com **Fernão de Campos**, um ano mais velho, hoje casado no Espírito Santo, filho de Pero Furtado, “e por serem vizinhos na mesma rua, tinha muita comunicação e chegaram a pecar no pecado nefando de sodomia, metendo o dito Fernão seu membro desonesto pelo vaso traseiro dele confessante cumprindo e consumando... e isso mesmo fez ele confessante também com Fernão de maneira alternadamente, sendo umas vezes *agente* outras *paciente*... isto comeram muitas vezes e em diversos tempos e diferentes lugares, ora em casa, ora nos matos, ora em ribeiros e nesta amizade e conversação torpe duraram por espaço de um ano pouco mais ou menos, tendo os ditos ajuntamentos sodomíticos de três em três dias, de dois em dois dias e de semana em semana, e às vezes, em um dia duas vezes, e às vezes ajuntaram suas *naturas*<sup>13</sup> por diante um com o outro e assim se deleitaram tendo o dito companheiro poluição, mas ele confessante de si não se afirma se a teve... e bem sabiam que era pecado e ofensa grande a Nosso Senhor, mas lhe parece que nenhuma pessoa os viu.”

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p. 128-129)

### **10. ESCRAVO DE GUIOMAR FERNANDES (159 )**

*Negro Manicongo<sup>14</sup>, escravo de Guiomar Fernandes, viúva, moradora em Salvador, “tem uma perna inchada muito mais grossa que a outra”.*

Foi preso juntamente com o escravo **Joane**, da Guiné, dentro do Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus, declarando que “o dito Joane o trouxera ali e que tinha pecado com ele no pecado nefando, ao que respondeu Joane que mentia – e isto falavam pela língua deles a qual o denunciante – Matias Moreira, de Lisboa – muito bem entendia”, estando presente o Padre João Rois, da Companhia de Jesus, que não sabe a língua dos negros.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 406-407)

### **11. FELIPA DE SOUZA (1591)**

*Costureira, natural de Tavera, Algarve, 35 anos, filha de Manoel de Souza e Fulana Gonçalves, casada com Francisco Pires, padeiros, não tem filhos, “ganha sua vida pela agulha”.*

Preso na *Primeira Visitação*, em 18 de dezembro de 1591, confessou que pelo ano de 1583, em Salvador, “enamorado e se afeiçoou” por **Maria Peralta**, solteira, moça que ainda não tinha conhecido homem, 18 anos, depois casada com Tomás Bibentaon, hoje

---

<sup>13</sup> *Natura*: órgão sexual.

<sup>14</sup> *Manicongo*: etnia originária do Reino do Congo.

moradores em Pernambuco. Dormindo na mesma cama, de porta fechada, pôs-se sobre a moça ajuntando seus vasos dianteiros e deleitando-se, “mas não cumpriu desta primeira vez da maneira que interiormente as mulheres costumam cumprir estando no ato carnal”. Disse que naquela ocasião estava prenhe e ainda prenhe se ajuntaram numa cama pela segunda vez, Maria Peralta pondo-se em cima, “ambas *cumprindo* como costuma *cumprir* a mulher estando o homem no ato carnal”.

Também com **Maria Lourença**, mulher do caldeireiro morador na porta da cidade, teve diversos ajuntamentos, sendo ela, a ré, a súcuba .

Pelo meados de 1590, após enviar algumas cartas e recados de amor a **Paula de Siqueira**, mulher do contador Antônio de Faria, um dia lhe deu um abraço e beijo “com tenção desonesta” e no dia da festa de Nossa Senhora do Ó, em dezembro do mesmo ano, ficaram juntas ambas na igreja de São Francisco, e depois Paula de Siqueira levou-a para sua casa e antes do jantar, se deitaram na cama, a dona da casa pondo-se em cima, ajuntando seus vasos, mas só Paula de Siqueira cumpriu, conforme depois declarou. Após o jantar e terem bebido bastante vinho, novamente Paula a convidou e ajuntaram suas *naturas*, cumprindo 3 vezes enquanto ela, ré, não chegou ao orgasmo. Nunca mais tiveram encontros *nefandos*.

Com a mulher de um ferreiro acorcovado, **Ana Fiel**, sua vizinha, trocou um abraço e beijo em afeição desonesta, “e o dito abraço e beijo deram por cima de uma parede entre os seus quintais...” Arrematou sua confissão declarando que “todos esses ajuntamentos lhe causaram grande amor e afeição carnal, com que da vista se afeiçoava com as ditas mulheres...”.

Inquirida pelo Visitador porque não veio espontaneamente confessar-se, disse que o jesuíta Antônio Velasquez garantira-lhe que bastava ter-se confessado sacramentalmente.

A Mesa Inquisitorial foi mais severa com Felipa de Sousa do que com as demais lésbicas da Bahia quinhentista. Em seu parecer o Visitador declarou que apesar de ter cometido muitas vezes o nefando, como nunca utilizou instrumento penetrante, que fosse castigada fisicamente com a pena vil dos açoites, sendo degredada para todo o sempre da Capitania onde cometera atos tão torpes, ficando proibida de retornar a Bahia em todos os dias da sua vida.

Foi aos 24 de janeiro de 1592, festa de São Timóteo, que a infeliz Felipa de Sousa teve a maior dor e humilhação em toda sua vida: retirada da Casa da Inquisição, no Terreiro de Jesus, o Ouvidor da Capitania levou-a até a Sé da Bahia, onde vestida simplesmente com uma túnica branca, descalça, com uma vela na mão, de frente à Mesa Inquisitorial e de algumas autoridades religiosas, ouviu sua ignóbil sentença. Em seguida foi açoitada publicamente pelas principais ruas do centro de Salvador, enquanto o Ouvidor lia o pregão: “justiça que o manda fazer a Mesa da Santa Inquisição: manda açoitar esta mulher por fazer muitas vezes o pecado nefando de sodomia com mulheres, useira e costumeira a namorar mulheres. E que seja degredada para todo o sempre para fora desta capitania.”

Após esta cruel humilhação pública, permaneceu ainda quatro dias no cárcere, certamente cuidando-se das chagas e feridas decorrentes da tortura de açoites. Teve ainda de pagar \$992 réis com as custas processuais. Para onde foi cumprir o seu degredo, não informam os documentos. Felipa de Sousa é a mais ousada, persistente e castigada de todas as lésbicas das colônias da América, razão pela qual seu nome foi atribuído ao principal prêmio internacional de Direitos Humanos dos Homossexuais, o chamado “Feli-

pa de Sousa Award”, conferido pela *International Gay and Lesbian Human Rights Comission* de S.Francisco, Estados Unidos.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1267)

### **12. FERNÃO LUIZ (1591)**

*Mulato, mestre (de primeiras letras) dos filhos de Sebastião Faria, morador no Engenho Freguesia (hoje, “Museu do Recôncavo”).*

É denunciado por João Garcez de ter pecado no nefando com **Marcos Pires**, de Matoim, pelo ano de 1580 e que “ouvira dizer já ter pecado nesta cidade da Bahia com um moço das Ilhas e para não ser descoberto, matara o dito moço e a seu pai e mãe com peçonha que lhes deu a comer em uma galinha, vindo esta família a morrer pelas bandas de Matoim ou Jacaranga. O denunciante indica Marcos Pires e Bastião Faria como prováveis conhecedores de maiores detalhes deste desaparecimento. É o primeiro homossexual do Brasil, que se tem notícia, a reagir – de forma extremada – contra a repressão homofóbica: matou em legítima defesa da vida.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 466; Cf. Pedro Calmon/Jaboatão, p. 204)

### **13. FRANCISCA (1591)**

*Tinha mais ou menos 13-14 anos em 1582, filha de um carpinteiro e de uma mulher chamada Saboeira, moradora na rua que vai do Terreiro de Jesus para a horta do Carreiro, casada com Gonçalo Gonçalves, mestre de açúcar do Engenho de Antônio Francisco do Porto.*

Teve um ajuntamento lésbico com **Maria Rangel**, de 13-14 anos, em 1582, que a denunciou na *Primeira Visitação*.

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p. 124-125)

### **14. FRANCISCA LUIZ (1592)**

*Natural do Porto, moradora em Salvador, 40 anos, filha de Luiz, cativo do Chantre do Porto, não conheceu sua mãe, negra forra, abandonada pelo marido Domingos Soares, pardo, remendão; “sabe ler pela cartilha”, tem uma irmã mulata, filha de sua mãe com um branco do Porto.*

Denunciada na *Primeira Visitação*, em 25 de janeiro de 1592, por Isabel da Fonseca, natural da Bahia, casada, moradora em Tasuapina, 17 anos. Disse que há sete ou oito anos, viu Francisca Luiz dar um recado a uma mulher solteira chamada “a do veludo” dizendo “que não a agravasse e que o que houvesse mister que lho mandasse pedir que lho daria e não andasse com outrem, isto a mode de ciúmes, e de então até agora, sempre ela denunciante vê ser fama pública e geral que a dita Francisca Luiz dorme carnalmente com **Isabel Antônia** e que tem o dito ajuntamento nefando com um instrumento coberto de veludo”.

Oito meses após esta denúncia, em 14 de setembro de 1592, Francisca Luiz é chamada pelo Visitador, admoestando que declarasse todas suas culpas. Disse que há



quinze anos passados (1577) na cidade do Porto, “morou de portas a dentro duas vezes com Maria Álvares, tecedeira, mulher que em casa não tinha marido...”. Que há 13 anos está na Bahia. Confessou outrossim que há 13 anos, tendo amizade nesta cidade com Isabel Antônia, “mulher que não tem marido, que diziam que veio degredada do Porto por usar do pecado nefando com outras mulheres, e por ela ser sua natural (conterrânea), ela ré se agasalhou em sua casa um mês, pouco mais ou menos, no qual tempo pecou com ela o dito pecado nefando algumas três vezes em diferentes dias, pondo-se uma em cima da outra e ajuntando seus corpos e vasos, e isto sem haver mediante outro nenhum instrumento exterior penetrante e não se lembra se teve cumprimento natural que as mulheres costumam ter, nem sabe se teve a dita cúmplice, porém já por este caso elas ambas foram presas nesta cidade pelo Juízo Eclesiástico e ela ré saiu condenada para que se saísse fora daqui, mas depois a deixaram ficar e que isto é o que se lembra.”

Negou categoricamente ter mandado qualquer recado enciumado a Isabel Antônia. Após ser admoestada pelo Visitador Furtado de Mendonça que dissesse a verdade, foi despedida. Dois dias depois foi chamada de novo à Mesa Inquisitorial, e após jurar nos Santos Evangelhos, ratificou sua negação: “nunca mais, nem antes nem depois em todo o tempo de sua vida que se lembra, pecou o tal pecado nefando”.

A 18 de agosto de 1593 foi proferida sua sentença: pagamento de 10 cruzados para as despesas do Santo Ofício, penitências espirituais (confissão e jejuns).

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 13.787; agradeço ao Prof. Ronaldo Vainfas pela indicação deste documento)

### **15. FRANCISCO MANICONGO (1591)**

*Escravo de Antônio Pires, sapateiro, morador abaixo da Misericórdia de Salvador.*

Denunciou Matias Moreira, cristão-velho de Lisboa que Francisco Manicongo “tem fama entre os negros desta cidade que é somítigo e depois de ouvir esta fama, viu ele com um pano cingido, assim como na sua terra do Congo trazem os somítigos. Mais disse que ele denunciante sabe que em Angola e Congo, nas quais terras tem andado muito tempo e tem muita experiência delas, é costume entre os negros gentios trazerem um pano cingido com as pontas por diante que lhe fica fazendo uma abertura diante, os negros somítigos que no pecado nefando servem de mulheres pacientes, aos quais chamam na língua de Angola e Congo *quimbanda*, que quer dizer somítigos pacientes”.

E tendo o lisboeta visto ao cativo Manicongo trazer a veste dos quimbandas “logo o repreendeu disso e o dito Francisco lhe respondeu que ele não usasse de tal e o repreendeu também porque não trazia o vestido de homem que lhe dava seu senhor, dizendo-lhe que em ele não querer trazer o vestido de homem mostrava ser somítigo pois também trazia o dito pano do dito modo. E depois o tornou ainda duas ou 3 vezes a ver nesta cidade com o dito pano cingido e o tornou a responder, e já agora anda vestido em vestido de homem.”

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 406-407; Mott, “Relações raciais entre homossexuais no Brasil Colonial”, Revista de Antropologia da USP, vol. 35, 1992, p.169-190)

## **16. FRUTUOSO ALVARES, Padre (1591)**

*65 anos, natural de Braga, cristão-velho, filho de Janalvarez, picheleiro e Maria Gonçalves, vigário de Matoim, já tem barba branca.*

Foi o primeiro colono da Bahia a confessar-se perante o Visitador Heitor Furtado de Mendonça – a 29 de julho de 1591, declarando que “nos quinze anos que está na Capitania da Bahia de Todos os Santos, cometeu a torpeza dos tocamentos desonestos com alguns 40 moços e mancebos, poucos mais ou menos, abraçando, e beijando e ele tendo tocamentos torpes e desonestos em suas naturas e tendo ajuntamentos por diante e dormindo com alguns na cama algumas vezes, e tendo cometimentos pelo vaso traseiro com alguns deles, sendo ele o agente e consentindo que eles o cometessem a ele no seu vaso traseiro sendo ele o paciente, lançando-se de barriga para baixo e pondo em cima de si os moços e lançando também os moços com a barriga para baixo, pondo-se ele confessante em cima deles, cometendo com seu membro os vasos traseiros e fazendo de sua parte por efetuar, posto que nunca efetuou o pecado de sodomia, penetrando...”

Dentre mais de 40 parceiros que teve no Novo Mundo, lembrou-se apenas dos nomes de **Cristóvão de Aguiar**, 18 anos, de Matoim; **Antônio**, 17 anos, criado ou sobrinho do mercador Siqueira; **Medina**, 17 anos, castelhano, morador na ilha de Maré, feitor; **Jerônimo**, 12 anos, estudante, irmão do cônego Manuel Viegas.

Ainda no Reino, já era useiro na prática nefanda: “na cidade de Braga, a vinte e tantos anos, cometeu e consumou o pecado de sodomia uma vez com **Francisco Dias**, estudante, filho de Aires Dias, serralheiro, e assim cometeu tocamentos desonestos com outra pessoa, e por este caso foi denunciado pelo Bispo de Braga e degredado para as galés, e sem cumprir o degredo, foi para Cabo Verde onde também foi acusado por tocamentos torpes que teve com dois mancebos, e por apresentar uma demissória falsa, foi enviado preso a Lisboa onde pelas ditas culpas foi sentenciado e condenado em degredo para sempre nestas partes do Brasil”.

Padre Frutuoso Alvares, pelo visto, era mesmo um sodomita incorrigível, pois em todas terras onde viveu – no Reino, em Cabo Verde e no Brasil – suas incontinências renderam-lhe sempre perseguições judiciais. Na Bahia, apesar de sua condição de degredado pelo crime de sodomia, antes da chegada do Visitador já fôra acusado pelo mesmo pecado, tendo como cúmplice **Diogo Martins** – “hoje casado com a padeira Pinheira, moradora nesta cidade da Bahia perto da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda” – sendo, porém absoluto “por não haver prova”. Segunda vez foi acusado por quatro ou cinco testemunhas “com quem teve tocamentos desonestos” – entre eles os irmãos **Antônio Alvares** e **Manoel Alvares**, ora mestres de açúcar – “deste caso saindo condenado, em condenação pecuniária, que pagou e em suspensão das ordens sacras por certo tempo, que já lhe é levantada.” Sofreu uma terceira denúncia em 1590, pouco antes da chegada do Santo Ofício ao Brasil, acusado na Visitação que o Provedor fez nesta cidade mas “não se procedeu contra por não haver prova bastante”.

Ao tomar a iniciativa de se confessar perante o Visitador Furtado de Mendonça – era portanto quando menos a sétima vez que em sua frenética vida enfrentava as autoridades civis ou eclesiásticas, devido à sua incontinência homoerótica.

Após concluir sua confissão, “sendo perguntado, respondeu que nenhuma pessoa lhe viu cometer as ditas culpas e perguntado se dizia ele a estas pessoas com quem pecava, que cometer aquelas torpezas não era pecado, respondeu que não, mas que alguns

deles entendiam ser pecado, e alguns por serem pequenos o não entenderiam, mas que ele confessante sabe muito bem quão grandes pecados sejam estes que tem cometido, e deles está muito arrependido e pede perdão”.

Eis a resposta do Visitador tal qual consta em seu processo: “Foi admoestado que se afaste de conversação com estas pessoas e de qualquer outra que lhe possa causar dano em sua alma, sendo certo que fazendo o contrário, será igualmente castigado.” Acrescentou mais o Visitador que “sendo sacerdote e pastor de almas e tão velho – pois visto que é de 65 anos de idade pouco mais ou menos, e tem passado tantos tempos praticando atos torpes, em ofensa de Deus Nosso Senhor e ainda há um só mês que os deixou de cometer, que se afaste deles e das ruins ocasiões e torne a esta mesa no mês de setembro.”

Se voltou mesmo à mesa na data marcada, não há registro. Somente dois anos depois (7-7-1593) vamos encontrá-lo de novo face à face ao Inquisidor, declarando que “depois de ter confessado, se arrependeu muito e se regenerou, fugindo das ocasiões de ter práticas com moços para não cair nos ditos pecados de sodomia, acrescentando que já agora recordava-se que de fato, o jovem **Jerônimo Parada** derramou *semente viril* dentro de seu vaso traseiro...”.

Raposa velha na arte de inquirir e desmascarar as omissões fraudulentas dos réus, após esta segunda confissão, o Inquisidor anotou no processo: “não deve gozar da graça (da prescrição) porque esqueceu maldosamente de declarar o pecado que tivera com Jerônimo Parada. Parece que ele não devia esquecer pois era ato de culpa consumada tão grave, e lhe bem lembraram as outras torpezas menos graves mais antigas... mas como veio confessar-se no *tempo da graça*<sup>15</sup>, tenha como pena a suspensão das ordens sacras por 5 meses, pague vinte cruzados pelas despesas processuais e cumpra as seguintes penitências: confissão geral de toda sua vida a um confessor letrado nomeado por esta mesa, que comungue cada um dos 5 meses, que reze 5 vezes os salmos penitenciais com suas ladainhas e evite os maus pecados, senão será castigado com todo o rigor da justiça”.

Sua assinatura trêmula no final do processo é a prova do quão abalado devia estar o padre Frutuoso Alvares, o primeiro homossexual da história do Brasil a cair nas malhas da Inquisição.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 5846; *Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p. 20-22)

### **17. GASPARD ROIS (1591)**

*Feitor, natural de Torres Novas, 30 anos, , “homem baixo do corpo e magro”, filho de Pedro Vaz e Margarida Rois, participou da Batalha da Alcácer Quibir em companhia de Dom Sebastião (1578), tornando-se cativo dos mouros e vendido para remar nas galés dos Turcos de Argel. Após quatro anos, “per si adquiriu cento e tantos escudos espanhóis de ouro com que se resgatou e se tornou para Portugal, depois tornou à Ilha Terceira na armada do Marquês de Santa Cruz, daí vindo para o Brasil”. No tempo do cativo esteve em Constantinopla e Grécia.*

---

<sup>15</sup> *Tempo da graça*: os trinta dias iniciais de uma Visitação do Santo Ofício, em que os culpados que tomassem a iniciativa de se auto-delatar, antes de serem denunciados, eram anistiados de suas culpas.

Na Bahia foi criado e feitor de Manuel de Mello, que no *tempo da graça* da Primeira Visitação encontrava-se ausente, na cidade de Cusco, no Vice-Reino do Peru. Foi o irmão de seu senhor, o Cônego Bartolomeu de Vasconcelos, baiano de 32 anos, quem o denunciou na Visita de 1591. Disse que ao chegar do Reino pelo ano de 1586, Gaspar Rois “cometera algumas vezes o pecado nefando com um negro da Guiné, **Matias**, 18 anos, ora em Jaguaripe, escravo de seu irmão, atando-o e constringendo-o e que por amor disto o negro lhe fugira uma vez e fora ter à casa de Manoel Miranda, cunhado do denunciante e lhe descobrira o caso. E perguntando ele denunciante ao dito negro, lhe confessara também dizendo que Gaspar Rois “pecava com ele, tendo ajuntamento carnal, penetrando com seu membro desonesto no seu vaso traseiro e tendo aí poluição e cumprimento com efeito e consumação, assim como faz o mesmo com uma mulher, sendo sempre ele Matias negro o paciente, e que o dito Gaspar Rois o forçara e era feitor.” Disse mais que já anos antes dera seu testemunho deste crime perante o Vigário Geral da Bahia, Sebastião da Luz, que mandou fazer os autos pelo escrivão Belchior da Costa de Ledesma, que estando em poder do escrivão Antônio Gomes, da Câmara do Bispo, negociou Gaspar Rois com o citado cônego denunciante, irmão de seu empregador, que queimasse as ditas culpas, pagando dez cruzados ao escrivão Pero de Vila Nova, estrangeiro, que de fato rompeu e queimou os autos, deixando-se por conseguinte de se proceder contra o *delato*.

Devido a este quiproquó, tendo sido despedido da feitoria onde trabalhava, Gaspar Rois fugiu para Sergipe, engajando-se como soldado na recém conquistada cidade de São Cristóvão.

Em seu processo, arquivado na Torre do Tombo, além do cônego, consta o testemunho de mais 8 moradores da Bahia, um deles o Padre Baltazar Lopes, 35 anos: acrescenta que o réu estava debaixo de uma escada quando foi surpreendido em ato sodomítico com seu escravo “e ouvia dizer que estando cativo em terras de mouros usava no dito pecado, e trazia os cabelos do toutiço<sup>16</sup> depenado”. Muitos foram os portugueses denunciados na Inquisição por terem se tornado *berdaches*<sup>17</sup> na terra dos mouros – posto haver então na barbárie maior tolerância ao homoerotismo. “*Toutiço depenado*” seria um distintivo dos praticantes deste amor secreto? Outra testemunha, João da Costa Tição, 39 anos, membro do Eclesiástico, disse mais: que Gaspar Rois levou um mameluco para debaixo de uma escada “e disse que se descalçasse e se pusesse de quatro pés – e o mameluco se benzera, afastando-se...”.

O próprio Matias – então com 25 anos, casado, contou que estava dormindo quando o feitor Gaspar Rois “o pegou à força, e por se queixar lançou as mãos à garganta e disse que calasse se não o mataria, metendo o membro no seu traseiro mas conseguiu desaparecer, fugindo para Pirajá, e logo depois chegou o réu dizendo que era preguiçoso e não trabalhava, por isto que fugira...”. Disse que naquela época era solteiro e amigo do réu, mas depois ficou-o querendo mal e que “se não fora negro como é, se fora branco, por esta causa o houvera de matar.”

---

<sup>16</sup> *Toutiço*: parte posterior da cabeça.

<sup>17</sup> *Berdache* ou *bardache*, termo utilizado pelos europeus para referir-se aos nativos do Novo Mundo ou aos europeus em terra dos mouros, praticantes do homoerotismo, acompanhado ou não de travestismo. Dynes, W. *Encyclopedia of Homosexuality*. New York, Garland, 1990

O próprio Gaspar Rois é ouvido pelo Visitador em 7 de outubro de 1592: declara não ter culpas a confessar, mas suspeita ter sido preso por causa de uns documentos falsos que seu amo mandou fazer contra si, onde se dizia que havia sodomitado a um negro. Retrucou o Inquisidor: se eram falsos os documentos, qual a razão para queimá-los? Respondeu com sabedoria: “não por temer as falsidades, mas para ficar tranqüilo...”.

O parecer da Mesa Inquisitorial datado de 4 de agosto de 1593 favorece o acusado: “Visto as testemunhas que depõem com o negro, [serem] somente de ouvido, que ouviram ao mesmo negro, que é cativo e ao qual o réu açoitava e castigava, e nenhuma das coisas que diz contra o réu são provadas, mas antes são boas as suposições em favor do réu, pois se apresentou à esta mesa antes de ser preso, que Gaspar Rois seja *absoluto* e que não lhe dê pena alguma, mas penitências espirituais, que se confesse e pague as custas de 2\$348 réis.”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 11061; Denúncias da Bahia, p. 380-381; Confissões da Bahia, p. 54-56 e 52-53)

### **18. GONÇALO PIRES (1593)**

*Lavrador, 18 anos, morador na Bahia.*

Foi acusado pelo cristão-novo João Batista na *Primeira Visitação* aos 12 de agosto de 1593. Uma semana depois já estava encarcerado por ordem do Visitador. Ao ser inquirido, primeiro tentou diminuir sua culpa dizendo que não se lembrava de ter pecado no nefando pois estava meio dormindo quando outro sodomita apalpou seu traseiro. No dia seguinte pediu nova audiência ao Visitador, declarando ter-se lembrado que pelo ano de 1588, o mercador **João Batista**, 28 anos, “tomou seu membro viril e o meteu no traseiro, deitados deilharga (de bruços), e sem ele réu fazer movimento com o corpo, teve polução” Disse não ter confessado antes por vergonha mas entendeu que fizera mal. Como era menor de 25 anos – segundo a praxe Inquisitorial – foi-lhe concedido um procurador para auxiliá-lo no inquérito. Foi rapidamente despachado pela Mesa Inquisitorial: considerando ser menor de idade, ter sido incitado pelo cúmplice, e ser réu de apenas um ato sodomítico, foi condenado à multa de 10\$000 réis, acrescida de penitências espirituais (confissão, comunhão e auto flagelação enquanto recitava os salmos penitenciais), sendo degredado por 6 meses para fora da cidade da Bahia num raio de quatro léguas.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4307)

### **19. GUIOMAR PIÇARRA (1592)**

*Natural Moura, 38 anos, moradora em Itaparica, cristã-nova, filha de Belchior Piçarra e Maria Rois, casada com Manuel Lopes, veio pequena de Portugal, não sabe assinar o nome.*

Confessou na *Primeira Visitação*, aos 6 de fevereiro de 1592, que sendo moça de 12 a 13 anos (mais ou menos em 1566), no Rio Vermelho, em casa de Antônio Rois Belmeche, juntamente com **Mécia**, *negra da Guiné*, ladina, 18 anos, acorcovada (corcunda), “chegaram ambas a tão desonesta amizade que duas ou três vezes, em diferentes

dias, se ajuntaram em pé, uma com a outra, com as *fraldas*<sup>18</sup> afastadas, abraçando-se, combinando e ajuntando suas naturas e vasos dianteiros um com o outro e assim se deleitaram como homem com mulher, porém não se lembra se cumpriram...”

Ao ser perguntada pelo Visitador, respondeu que não sabia que tais ajuntamentos eram sodomia “senão pecados mortais”. Pagou \$ 672 réis das contas do processo.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1275; *Primeira Visitaçã*o, Confissões da Bahia, p. 157-158)

## **20. GUIOMAR PINHEIRA (1592)**

*Natural de Ilhéus, 38 anos, cristã-velha, filha de Antônio Vaz Falcato e de sua escrava Vitória, brasileira, viúva, casada que fora já com 3 homens brancos, morador na Tamararia.*

Confessou na *Primeira Visitaçã*o, em 17 de janeiro de 1592, que quando menina de 8 anos (mais ou menos em 1562), em Ilhéus, levando um recado a **Quitéria Sequa**, mulher do alcaide daquela vila, “tomou a ela nos braços, que estava só de camisa, segundo o costume deste Brasil, e a lançou em cima de sua cama, de costas, lhe alevantou a camisa e arregaçando assim suas *fraldas*, se pôs em cima dela confessante e ajuntando seu vaso natural com o vaso natural dela confessante, fez com ela como se fora homem com mulher tendo deleitação por espaço de tempo...”. Passados alguns dias, tornou a fazer o dito pecado, sendo sempre a dita Quitéria a autora e a incubadora, “sem nunca usar instrumento exterior além de seus vasos naturais”.

(*Primeira Visitaçã*o, Confissões da Bahia, p. 95-96)

## **21. ISABEL ANTÔNIA (1580)**

*Natural do Porto, apelidada “a do veludo”, “mulher sem marido”, degredada do reino para a Bahia, “por usar do pecado nefando com outras mulheres”, moradora em Salvador.*

Denunciada e condenada pelo pecado nefando no Juízo Eclesiástico da Bahia, pelo Bispo Dom Antônio Barreiro, em 1580. Em seu traslado de testemunhas, onze folhas de difícil compreensão, lê-se que Isabel Antônia teve uma conturbada relação com **Francisca Luiz**, causando grande escândalo na cidade, com cenas públicas de violência física e ciúme “numa das quais, Francisca, ao saber que Isabel Antônia tinha saído com um homem, dirigiu-se a ela aos brados de : *velhaca! Quantos beijos dás ao seu coxo (amante) e abraços não dás a mim um! Não sabes que quero mais a um cono*<sup>19</sup> *que a quantos caralhos aqui há!* Disse tudo isto aos berros, pegando-a pelos cabelos, trazendo-a porta a dentro com açoites e bofetões à vista dos vizinhos.” Conta que Isabel Antônia morreu antes da chegada do Visitador à Bahia. Era fama pública na Bahia que usava um falo artificial revestido de veludo em suas relações homoeróticas, daí o apelido “a do veludo”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 13.787; cf. Vainfas, 1989, p.179; Bellini, p.26)

<sup>18</sup> *Fralda*: a parte inferior da camisa.

<sup>19</sup> *Cono*: forma popular para designar o órgão sexual feminino, vulva, cona.

## **22. ISABEL MARQUES (1593)**

*Mameluca, natural da Bahia, 37 anos, filha bastarda do Cônego Diogo Marques e Isabel Índia, casada com Antônio Machado, sapateiro, morador na freguesia de Sergipe do Conde de Linhares, não sabe assinar o nome.*

Confessou na *Primeira Visitação*, aos 7 de fevereiro de 1592, que sendo moça de 10 anos (em 1563), foi à Vila Velha, no termo de Salvador, em casa de Barão Lourenço, para folgar com sua filha **Caterina Baroa**, que então seria de 14-15 anos, e “chegaram ambas a tão torpe ajuntamento, que a dita Caterina se pôs encima dela, levantadas as camisas, assim ajuntaram seus vasos dianteiros como se fora homem com mulher, por uma vez por um pequeno espaço de tempo, não sabe se cumpriu...”

*(Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p.160)*

## **23. JERÔNIMO PARADA (1591)**

*Estudante, natural da Bahia, 17 anos, cristão-velho, filho de Domingos Lopes, Carpinteiro da Ribeira e de Leonor Virgens, morador a meia légua de Matoim.*

Foi o segundo lisboeta a se confessar na Visitação do Santo Ofício, em 17 de agosto de 1591. “Disse que há 2 ou 3 anos, no dia da Páscoa à tarde, foi com seu irmão em casa do **Padre Frutuoso Alvares**, clérigo de Missa, amigo de seu pai, e este começou apalpar-lhe dizendo que estava gordo e outras palavras meigas, e lhe meteu as mão pelos calções e lhe apalpou a sua natura, alvoroçando-lha com a mão e lhe tirou os calções fora e o levou à sua cama, e o dito clérigo tirou também os seus (calções) e se deitaram ambos sobre a cama, e o dito clérigo ajuntou a sua *natura* com a dele confessante e com a mão solicitava ambas as naturas juntas por diante a ter poluição, porém daquela vez não teve poluição nenhum deles”.

Repetiram estes mesmos atos outra vez algum tempo depois, agasalhando-se o Padre Frutuoso em casa da avó de Jerônimo Parada, dizendo o dito clérigo “que fizessem como das outras vezes, ao que ele respondeu que não queria. Então o clérigo lhe deu um vintém e por ele se não contentar com um vintém, lhe deu mais um vintém, então ambos tiraram os calções e se deitaram na cama e o dito clérigo deitou-se com a barriga para baixo e disse a ele que se pusesse em cima e assim o fez e dormiu com o dito clérigo carnalmente, por detrás, consumando o pecado de sodomia, metendo o seu membro desonesto pelo vaso traseiro do clérigo como faz com uma mulher, tendo poluição uma só vez.” Declarou já ter-se confessado este pecado com os padres da Companhia que o absolveram, tendo cumprido as penitências. Consta no original: “O acusado se mostrou arrependido”. Este é o primeiro caso documentado de uma relação homoerótica comercial, e Jerônimo Parada o primeiro *garoto de programa (michê)* de nossa história.

*(Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 39-40)*

#### 24. JOANE (1591)

*Negro da Guiné<sup>20</sup>, escravo de Bastião de Faria, morador no rio de Matoim.*

Primeiro fora escravo dos jesuítas do Colégio da Bahia “e nele se veio a descobrir que ele cometia para o pecado de sodomia, por muitas vezes, a **Duarte**, negro da Guiné, também escravo do dito colégio, o qual Duarte por não querer consentir, o descobriu e por essa causa os padres do Colégio venderam o dito Joane a Bastião de Faria, que ora o tem”. Denunciou-o Matias Moreira, de Lisboa, acrescentando que “no dito pecado Joane usa o ofício de mulher, digo, de fêmea, e isto sabe pelo dito Duarte.”

No mesmo dia (21 de agosto de 1591) compareceu chamado pelo Visitador o negro **Duarte**, 25 anos, solteiro, escravo do Colégio dos Jesuítas, “negro da Guiné, filho do gentio de Angola”. Por não falar o português, foi seu intérprete o mesmo denunciante Matias Moreira, e juraram dizer a verdade colocando a mão direita sobre os Santos Evangelhos. Disse que “por muitas vezes Joane o seduziu e o cometeu com dádivas que fizesse com ele o pecado nefando, sendo ele Duarte, o macho, no qual nunca consentiu mas o repreendeu e lhe disse que era caso de os queimarem ao que o dito Joane respondeu que também Francisco Manicongo fazia o dito pecado com outros negros e que não o queimaram por isso... E que Joane mesmo depois de ter sido preso, tenta seduzi-lo com dádivas e ele Duarte não quer consentir”.

*(Primeira Visitação, Denúncias da Bahia, p. 408)*

#### 25. JOANE (1592)

*Índio, 20 anos, escravo de João Fernandes, morador na freguesia de Itaparica, na ilha de Maré.*

“É fama geral entre índios e negros, e assim o dizem todos eles corrente e publicamente, que Joane é *tibiro*<sup>21</sup>, que quer dizer somítigo paciente, e que faz o dito pecado com muitos outros, usando de fêmea, e ora de novo, especialmente faz o pecado nefando com **Constantino**, também do Brasil, escravo de Gaspar Lobo, morador na Maré, estando particularmente amancebados como se foram homem com mulher, servindo o dito Joane de mulher e Constantino de homem”. Completa que Joane Angola, escravo de Manoel Antônio de Maré, disse tê-los visto “estar fazendo atualmente o dito pecado nefando, e disto são muito infamados”. Foi denunciante Luíza Fernandes, casada.

*(Primeira Visitação, Denúncias da Bahia, p. 569)*

---

<sup>20</sup> *Negro da Guiné*: no século XVI, sinônimo de africano, em oposição a *negro da terra*, equivalente a índio. Nesta mesma denúncia é citado um “negro da Guiné filho do gentio de Angola” – confirmando a inclusão sob este étimo de africanos oriundos de regiões distantes da costa da Guiné.

<sup>21</sup> *Tibira, tivira ou tibiro*: termo de origem tupi para designar homossexual passivo, citado por Jean de Léry e encontrado em processos inquisitoriais dos séculos XVI e XVII do Maranhão à Bahia.



## **26. JOÃO BATISTA (1593)**

*Mercador, natural de Lisboa, 33 anos, cristão-novo, solteiro, filho de Francisco Rois Montemor e Felipa Taeros, “judeus de Selônica, Judéia da Turquia, donde ele fugiu para Roma e de lá para Lisboa”, já fora acusado pela Inquisição pelo crime de Judaísmo.*

Relatou que sua crônica homoerótica começou quando tinha quinze anos – por volta de 1578 – na Turquia, onde teve cópulas sodomíticas “agente e paciente” com meia dúzia de turcos e judeus.

Foragido na Itália – a terra cristã mais infamada de se praticar generalizadamente o “amor à italiana”- foi duas ou três vezes possuído por um cristão-novo residente em Florença; depois disto, em Roma, num banho turco, copulou duas vezes com outro rapaz italiano, sendo agente no ato sodômico. Viajando para a Ilha de São Tomé, na costa africana, também lá, como em Lisboa, possuiu pelo vaso traseiro, à modo de Sodoma, por volta de quinze negras – prática também encontrada entre outros sodomitas bissexuais, embora predominantemente homófilos. Desde que instalou-se no Brasil, há 5 anos, lembrou-se ter cometido *somitigarias*<sup>22</sup> com **Pero de Leão** – “hoje casado em Pernambuco ou na Paraíba”, e com Gonçalo Pires, morador em Salvador – “sendo o confessante, nestes atos, sempre o agente”. Foi preso aos 20 de agosto de 1593.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4307)

## **27. JOÃO QUEIXADA (1592)**

*Pagem, natural de Bobadela, Espanha, a serviço do Governador Dom Francisco de Sousa, menor de 20 anos, filho de Gaspar Queixada e Maria Filgueira, solteiro, morador em casa do Governador, no centro de Salvador.*

Confessou na *Primeira Visitação*, em 30 de janeiro de 1592, que no ano anterior, em Lisboa, na casa do *Deão da Sé*<sup>23</sup>, dormindo na mesma cama do pagem do Deão, um mulato de 18 anos, **Leonardo**, cria da casa, tentou o dito mulato “penetrar com seu membro pelo traseiro dele confessante, e por não poder com efeito penetrar, se virou dando o traseiro para ele confessante, e com sua mão tomou o membro dele confessante e o meteu pelo seu traseiro, e assim esteve breve espaço com deleitação, e nem dentro nem fora do vaso teve poluição.” Foi mandado evitar tais torpezas, confessar e ter segredo.

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.130)

## **28. LUIZ (1591)**

*Índio, 18 anos, “negro deste Brasil”, forro<sup>24</sup>, que servira a Dona Luíza, viúva, moradora no Taípe.*

“É fama pública na Capitania de Ilhéus, e [se] ouve geralmente da boca de todos dizer que Luiz é somítigo, e que usa do pecado nefando sendo paciente, em lugar de fê-

<sup>22</sup> *Somitigaria*: atos próprios dos praticantes da sodomia, cópula anal.

<sup>23</sup> *Deão*: o mesmo que *decano* ou presidente do *cabido* (reunião dos cônegos) da catedral.

<sup>24</sup> *Forro*: o mesmo que *liberto*, *alforriado*, o que deixou de ser escravo.

mea.” Foi denunciante Inácio de Barcelos, cristão-velho, lavrador, natural da Ilha Terceira, 50 anos, morador em Ilhéus.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 458)

### **29. MARCOS BARROSO (1592)**

*Lavrador, português, natural de Barroso, 45 anos, morador em Tasuapina no Engenho de Martim Carvalho, cristão-velho, filho de Bastião Pires e Inês Martins, lavradores, casado com Caterina Colaça.*

Confessou na *Primeira Visitação*, em 23 de janeiro de 1592 que por volta dos 17 anos de idade (1564), estando no mosteiro beneditino de Bustelo, no Porto, onde vivia seu tio, o Prior Frei Antônio do Rio Domo, por duas ou três vezes, em diversas noites, dormiu sodomiticamente com **Domingos**, 14-15 anos, natural de Riba Douro, que servia de moço no dito mosteiro, irmão de Frei Antônio Nogueira. Dormindo na mesma cama, foi o confessante sempre agente, “metendo o seu membro desonesto pelo vaso traseiro do dito Domingos e cumprindo com ele por detrás como faz homem com mulher, sendo sempre ele o principal provocador...”.

Foi admoestado que não repetisse jamais este pecado pois seria então gravemente punido, e mandado confessar ao Padre Querício Caxa (professor de Teologia Moral no Colégio Jesuítico e autor da primeira biografia do Beato Padre José de Anchieta).

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.1116-117)

### **30. MARCOS PIRES (1591)**

*Morador em Salvador, casado com Maria Pinheiro.*

Quando solteiro, pelo ano de 1580, “muitas pessoas geralmente diziam que ele pecara no nefando com **Fernão Luiz**, mulato, mestre dos filhos de Bastião Faria. Foi denunciante João Garcez, cristão-velho, natural do Porto, casado, 37 anos, Guarda-mor da Relação da Bahia.

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 466)

### **31. MARCOS TAVARES (1592)**

*Mameluco, 18 anos, criado na casa de Pero d’Aguiar d’Alto e de sua mulher Custódia de Faria, em Matoim, filho de Francisco Fernandes, feitor branco e Iria Alves, “brasila<sup>25</sup> forra” (provavelmente Tupinambá).*

Segundo se lê em seu processo, por volta de 1586 manteve dezenas de cópulas anais com os filhos de seus protetores, **Bastião** e **Antônio Aguiar**, então com 12 e 16 anos respectivamente. Segundo Antônio Aguiar “o dito Marcos se veio a fazer ladrão e de ruins manhas e fugiu de casa haverá 5 anos”. Foi preso por ordem do Visitador.

Em sua confissão, em 3 de julho de 1593, declarou ter fornicado mais de quinze vezes com Antônio Aguiar, enquanto com Bastião Aguiar não se lembra pois somitigavam

---

<sup>25</sup> *Brasila*: índia natural do Brasil.

atrás da cama ou quando iam “passarinhar no mato”, aí praticavam “*sodomia ad invicem*”<sup>26</sup>. Quando da análise deste caso, a Mesa Inquisitorial ponderou que apesar de ter consumado por mais de quinze vezes o pecado nefando, respeitando porém ser menor de idade no tempo em que delinqüiu “e em consideração de ser mameluco”, em vez de ser condenado à morte na fogueira, “usando de misericórdia o relevam das penas de direito”, recebendo as seguintes punições: no dia 19 de agosto de 1593 Marcos Tavares foi conduzido ao Auto Público na Sé da Bahia, vestindo apenas uma túnica, cingido com uma corda, descalço, trazendo acesa uma vela na mão. Ali, ostentando todos aqueles símbolos humilhantes “em presença do Senhor Inquisidor e seus assessores, de muitos religiosos, Cônegos do Cabido, dos Oficiais das Justiças, e de grande concurso de gente e povo”, teve seus nefandos pecados proclamados. No dia seguinte, foi açoitado publicamente, pelas principais ruelas de Salvador, degredado em seguida para a recém fundada cidade de São Cristóvão, em Sergipe – ficando ainda com o encargo de pagar \$738 réis pelas custas processuais.

Foi o primeiro sodomita do Brasil a ser castigado publicamente: sua condição de mestiço – provavelmente bem visível em sua aparência – e o fato de ter menos de 25 anos – levaram os juizes inquisitoriais a agir mais com misericórdia do que com justiça. Sem estes dirimentes, poderia ter sido queimado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 11080; *Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p. 153)

### **32. MARIA LOURENÇO (1591)**

*40 anos, casada com Antônio Gonçalves, caldeireiro, moradora nesta cidade, cristã-velha, natural de Viseu, filha de Antônio Pires, caldeireiro e Maria Francisca; não sabe assinar o nome.*

Confessou-se na *Primeira Visitação*, em 28 de agosto de 1591: disse que há quatro anos, estando numa roça à meia légua de Salvador, recolhida por causa dos ingleses que invadiram o porto da Bahia, nesta ocasião foi ter com ela confessante, **Felipa de Sousa**, e se fechou numa câmara com ela depois de jantar, à hora da sesta, “e lhe começou a falar muitos requebros, amores e palavras lascivas, melhor ainda do que se fora um *rufião* para sua *barregã*”<sup>27</sup>, e lhe deu muitos abraços e beijos e enfim a lançou sobre sua cama, e estando ela confessante lançada de costas, a dita Felipa se deitou sobre ela de bruços, com ambas as fraldas arregaçadas, e assim com os seus vasos dianteiros ajuntados, se estiveram ambas deleitando até que a dita Felipa cumpriu, e assim fizeram uma com a outra como se fora homem com mulher, sem nenhum instrumento penetrante...”.

Na noite seguinte Felipa quis deitar-se de novo na cama com Maria Lourenço mas esta não consentiu, avisando ao marido de Felipa “um homem já velho”, que não a deixasse vir à sua cama. Então Felipa de noite fingiu-se doente, mas Maria Lourença recusou ir para sua cama. Passados 5 ou 6 dias, de volta a Salvador, procurou-a em sua casa

---

<sup>26</sup> *Sodomia ad invicem*: conhecida popularmente como “*troca-troca*”, relação sexual em que os dois parceiros se revezam ativa e passivamente.

<sup>27</sup> *Rufião*: indivíduo que se mete em brigas por causa de mulheres de má reputação; namorado, galanteador. *Barregã*: Mulher que vive amasiada com um homem.

Felipa de Sousa, e novamente recolhidas ao mesmo quarto, “levantadas as fraldas, ambas juntaram seus vasos dianteiros deleitando-se uma com a outra como se fora homem com mulher, até que a dita Felipa cumpriu... E destas culpas pede perdão e misericórdia.” Contou-lhe Felipa ter a mesma desonesta e nefanda amizade com **Paula de Siqueira, Paula Antunes e Maria Pinheira.**

(*Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 73-74*)

### **33. MARIA RANGEL (1592)**

*Natural do Porto 24 anos, moradora na freguesia de Tasuapina, cristã-velha, , filha de Miguel Ribeiro, Procurador do Número da Bahia e Marta Vilela, casada com Rafael Telex, lavrador, não sabe assinar o nome.*

Aos 29 de janeiro de 1592, Maria Rangel compareceu perante a Mesa Inquisitorial, no Terreiro de Jesus, e confessou que por volta de 1582, num dia de domingo, quando tinha 13 a 14 anos, sendo donzela, estando em casa de seu pai nesta cidade de Salvador, veio ter com ela **Francisca**, moça de seu próprio corpo e idade, sua vizinha, e estando sós, “fecharam a porta da casa e se deitaram sobre sua cama e tiveram ambas o nefando ajuntamento carnal, deitando-se Francisca de costas e ela confessante de barriga em cima dela, ajuntando seus vasos um com outro e assim se estiveram deleitando por espaço de um quarto de hora, e o dito pecado fizeram ambas aquela vez somente e sabiam muito bem ser aquilo pecado grave em ofensa de Deus”...

Lembrou-se mais: que sete ou oito anos antes de mudar-se para o Brasil, na cidade do Porto, vindo em casa da mulher de um *picheleiro*<sup>28</sup>, morador na Porta de Cima da Vila, sua filha, **Isabel**, que parecia ter de 15 ou 16 anos, “tomou por força a ela confessante e fechando a porta, ficando ambas sós, a lançou sobre uma cama de costas e se pôs em cima dela de barriga, ajuntando o seu vaso com o dela, deleitando-se um pouco de tempo, mas como ela era então pequena, não o entendia e não sabe da razão das mais circunstâncias”. Acrescentou ainda, que na cidade do Porto, no mesmo tempo, “em diversos tempos e lugares, por várias vezes, se deitou e ajuntou seus vasos com deleitação com outras moças também pequenas, e algumas de 12 anos, as quais lhe não lembra o nome...”

(*Primeira Visitação, Confissões da Bahia, p. 124-125*)

### **34. MARTIM CARVALHO (1591)**

*Militar, morador em Salvador, tido por cristão-velho, “pessoa nobre”, capitão da bandeira de 1576 em Porto Seguro, Tesoureiro das Rendas da Bahia por 6 anos, Provedor da Fazenda e Mantimentos da Armada de Diego de Flores Valdes, participou da conquista da Paraíba, tem engenho de bois, “peça de muita estima”, no Cape, casado com Dona Luíza Dória. Ocupou também o cargo de Provedor da Fazenda em Pernambuco “onde sempre andou no governo da terra”.*

Denunciante João da Rocha Vicente, cristão-velho de Viana da Foz, 48 anos, morador em Pirajá, casado. Diz que pelo ano de 1567, ouviu ser fama pública geralmente

---

<sup>28</sup> *Picheleiro*: fabricante ou vendedor de pichéis, artesanato feito com folha-de-flandres.

em Porto Seguro que o capitão Martim Carvalho cometia o nefando com um mancebo por nome **Baltazar Vieira**, já defunto, “e que neste pecado pecavam na jornada do sertão... conforme disseram muitas pessoas das muitas que iam naquela jornada, o qual Martim Carvalho ouviu dizer que era mandado ao Reino por este caso”. Tem contra si mais dois denunciantes.

Este Martim Carvalho é citado por Pero Magalhães Gandavo no *Tratado das Terras de Santa Cruz* (1576) como capitão de uma bandeira composta de 50 a 60 portugueses além de índios mansos que partiram pelo sertão do Jequitinhonha percorrendo 220 léguas à procura de “pedras verdes”. Encontraram num riacho grãos miúdos amarelos que acreditaram ser ouro. Após oito meses de muita fome e escaramuças com os aimorés, Martim Carvalho retornou a Salvador, onde residia por volta de 1576. De volta do Reino em 1593, trouxe provisão real para recuperar as avenças dos direitos de sua fazenda.

Bastião Carvalho, de Matoim e Diniz de Andrade, físico em Salvador, apontam-no como “culpado no pecado nefando de sodomia com um moço e que tinha contra si sete testemunhas contestes, tudo confirmado por outras pessoas cujo nome não lembra.”

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 405/447; Calmon/Jaboatão, p. 443; Gandavo, p.94; Silva Campos, p.68)

### **35. MATEUS DUARTE (1591)**

**Mulato, 50 anos, forro**

Em princípios de 1590 Mateus Duarte esteve preso na Cadeia de Salvador, acusado de ter “cometido para o pecado nefando de sodomia a um moço que pode ser de 17 anos, filho de um ferreiro que mora junto à porta desta cidade quando vão para São Bento e que o dito moço não consentiu e gritou”.

O denunciante, Afonso Romeiro, cristão-velho de Coimbra, alfaiate, casado, 23 anos, morador na Travessa que vai da rua Direita para a de Nossa Senhora da Ajuda, ouviu dizer por um pescador e um cordoeiro, que Mateus Duarte era somítigo. O denunciante viu-o na cadeia, antes de ter fugido para a fazenda de André Brito.

Outro delator, Mateus Sobrado, cristão-velho, solteiro, 28 anos, pescador, morador em Tinharé confirma que Mateus Duarte está fugido na dita fazenda “tendo fama pública nesta cidade que esteve preso pelo pecado nefando sodomítico pelo qual todos se escandalizaram deste seu caso”. Disse mais que “tivera algumas diferenças com Mateus Duarte porém que agora já se falam”. E que nos finais de 1590 ouviu de um “moço da terra, **Paulo**, morador em Tinharé, que Mateus Duarte também o cometera para o pecado nefando”. E João Garcês, 37 anos, casado, natural do Prata declarou que pelo ano de 1589 o mulato Mateus Duarte estivera preso “quando diziam, pelo pecado nefando e que ia ser queimado.”

(*Primeira Visitação*, Denúncias da Bahia, p.249-271-272-467)

### **36. MATEUS NUNES (1592)**

*Cirurgião, 46 anos, cristão-velho, natural do Porto, filho de André Nunes e Caterina Rois, tecelões de toalhas, morador em Tasuapina, no Recôncavo da Bahia, casado com Caterina Coelho, mameleuca.*

Aos 16 anos de idade (mais ou menos em 1561), fugiu de casa de seus pais, sendo acolhido por um tecelão de toalhas, chamado Nogueira, “de boa estatura e com barbas branqueadas”, e por três ou quatro noites diferentes “teve ajuntamento *contra natura* sodomítico sendo sempre ele, confessante, paciente. Retornando ao Porto, estando em casa do cirurgião Domingos Jorge, onde aprendia o ofício, dormindo na mesma cama com um moço mais jovem, cujo nome não se lembra, “penetrando com seu membro no vaso traseiro do dito moço, consumou nele três ou quatro vezes o nefando pecado de sodomia sendo sempre ele, confessante, o *íncubo* agente.” Declarou ter-se confessado e emendado destas culpas.

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.102-103)

### **37. MÉCIA (1592)**

*Negra da Guiné, ladina, corcunda, alfaiate, moradora no Rio Vermelho em casa de Antônio Rois Belmeche, 18 anos (em 1566)*

Denunciada na *Primeira Visitação* por **Guimar Piçarra**, cúmplice de dois ou três atos lésbicos. Em 1592 Mécia estava casada com um negro, alfaiate dos padres do Colégio, “e ela também é alfaiate, moradora em Salvador.”

(*Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.157-158)

### **38. PAULA DE SIQUEIRA(1591)**

*40 anos, moradora à rua de São Francisco, cristã-velha, natural de Lisboa, filha de Manuel Pires, ourives de prata, meio flamengo e de Mercia Rois, casada com Antônio de Faria, contador da Fazenda del Rei.*

Confessou na *Primeira Visitação*, em 20 de agosto de 1591, que há três anos Felipa de Sousa, casada, moradora nesta cidade, perto à igreja da Ajuda, “lhe começou a escrever muitas cartas de amor e *requebros*<sup>29</sup>, de maneira que ela confessante entendeu que a dita Felipa tinha ruim pretensão”, mandando-lhe pelo espaço de dois anos recados e presentes, dando-lhe beijos e abraços, até que um dia de domingo, haverá um ano, estando a confessante em sua casa, “Felipa se recolheu consigo para dentro de sua câmara, se fechou por dentro e lhe dizia por palavras claras que fizessem o que dela pretendia, então ambas tiveram ajuntamento carnal uma com a outra, por diante, ajuntando seus vasos naturais um com o outro, tendo deleitação e consumando com efeito o cumprimento natural de ambas as partes como se perfeitamente fossem homem e mulher, e isto foi pela manhã, duas ou três vezes, sem instrumento algum penetrante... E depois que jantaram tornaram a ter outras tantas vezes o mesmo ajuntamento torpe, usando ela confessante sempre de modo como se ela fora homem, pondo-se em cima, sem saber que era pecado tão grave e contra a natura, como depois soube em sua confissão...”

É igualmente acusada pelo Padre Baltazar de Miranda e ter lido o *Livro de Diana*, de Jorge Montemayor.

---

<sup>29</sup> *Requebro*: Gesto ou meneio amoroso.

Foi recolhida à prisão com outras mulheres em 20 de janeiro de 1592 e teve sua sentença publicada cinco dias depois, na Sé da Bahia, em presença do Bispo, autoridades e “muita gente do povo”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo, 3307; *Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p.47-480)

### **39. QUITÉRIA SEQUA (1592)**

*Casada com Pedro Madeira, alcaide de Ilhéus.*

Denunciada na *Primeira Visitação*, em 17 de janeiro de 1592, pela mameluca Guiomar Pinheira, então com 8 anos de idade, de ter mantido duas relações lésbicas na vila de Ilhéus, no ano de 1562; anos após mudou-se para as capitanias de baixo.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1289; *Primeira Visitação*, Confissões da Bahia, p. 95-98.)

#### **40. ABRAÃO HUGO (1630)**

*Soldado, 18 anos, holandês, também chamado de Antônio de Torres, Antônio do Rosário, Henrique Hugo ou simplesmente "o Flamengo", morou na Bahia*

"Na *restauração da Bahia*<sup>30</sup> [abandonou o exército holandês] e passou aos portugueses, ficando primeiro a serviço de Dom Afonso de Noronha," depois foi pagem do Senhor de Belas, Dom Antônio Corrêa. Apresentou-se à Inquisição de Lisboa aos 28 de novembro de 1630, logo depois de voltar da Bahia, denunciando ao Cônego Vicente Nogueira, com o qual manteve anos antes, relações homoeróticas, "peitando-o com dinheiro para que retornasse a sua casa" [a famosa casa dos Picos de Lisboa]. Este Cônego Vicente Nogueira (1586-1654) era fidalgo da melhor estirpe lusitana, poliglota exímio, preso pelo crime de sodomia, fugiu para a Itália, sendo protegido pelo Cardeal Francisco Barberino.

Nesta mesma ocasião da "restauração da Bahia" há notícias de outros sodomitas do Reino que viveram na Bahia: Frei Duarte Pacheco, da Ordem de Santo Agostinho confessou-se, preso na Inquisição de Lisboa em 1631, que "como fraco pecador", cometera o pecado nefando com algumas dúzias de homens e rapazes, entre eles com um soldado de 18 para 19 anos, cujo nome esqueceu, "que foi para a Bahia" – do qual lembrava-se ter-lhe dito o mancebo em sua cama, na cela do Convento de Santo Antão: "vire-se [de costas] que é melhor e de mais sensualidade", usando o dito frade como passivo.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4241/1632; Diogo Barbosa, Tomo III, p.784)

#### **41. AFONSO CASTELHANO (1653)**

*Cavaleiro do Hábito de Cristo, 42 anos, solteiro, natural de Torres Novas*

Confessou-se perante o Santo Ofício de Lisboa que nos últimos quatorze anos, quer no Reino, quer em Angola, manteve mais de quatrocentos atos homoeróticos, a maior parte como ativo, com seis parceiros - entre civis e militares – e a dois anos passados, na Bahia, praticou diversos atos lascivos com seu escravo angolano, **Miguel**, de dez anos de

---

<sup>30</sup> Convencionou chamar-se "*restauração da Bahia*" à campanha naval-militar iniciada a 27 de março de 1625, comandada por Fradique Toledo Osório e Manuel de Menezes, composta por 52 navios e 12 mil homens entre portugueses, espanhóis e napolitanos, redundando na rendição e expulsão dos invasores holandeses a 30 de abril do mesmo ano.



idade – sem contudo chegar a penetrá-lo. Antes de retornar ao Reino, vendeu o negrinho na Bahia.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 10, [nº 143-6-36], fl. 9, 27-3-1653]

#### **42. AMADOR AMADO ANTUNES, Padre (1630)**

*Clérigo de Epístola, 25 anos, natural do Porto, morador na Bahia.*

Aos 26 de novembro de 1630 este clérigo procurou a Mesa do Santo Ofício em Lisboa para confessar que, após morar na Bahia, retornando ao Reino nos últimos meses, tivera dezenas de relações homoeróticas com cinco rapazes – no mais das vezes como passivo, entre eles com um viúvo, notavelmente infamado de sodomita, a quem chamam “*menino puto*”<sup>31</sup>. Não descreveu nenhuma referência a aventuras homoeróticas no Brasil

Anos depois retorna à América Portuguesa e aos 9 de outubro de 1638, na Bahia, em casa do Vigário Geral Diogo Lopes Chaves, Rui Gomes Bravo, que fora excomungado por ter desferido uma cutilada no Padre Antunes, denunciou que o criado do sacerdote estando a lavar-lhe os pés, “o Padre disse que depois fosse deitar-se com ele na cama e o criado deixou por isto de servi-lo”. Outra denúncia: certa feita quando este sacerdote viajara ao Reino, na nau “acometera dois rapazes para mau fim” – mas eles gritaram e nada chegou a acontecer. Um soldado ouviu o dito criado declarar: “Este padre é mau”<sup>32</sup>.

Diziam que costumava convidar aos moços de Lisboa para merendar em sua casa com segundas intenções. Em 1646, quando é realizada a “*Grande Inquirição*”<sup>33</sup> em Salvador, o mesmo sacerdote (aí referido como Padre Amador Antunes de Carvalho) é denunciado que ao retornar numa barca de Sergipe do Conde, em vez de conversar com pessoas graves, ficou proseando com um criado do Ouvidor Geral, Juliano Carneiro, “causando escândalo” entre os viajantes. Nesta época o sacerdote sodomita ocupava o posto de Capelão do Terço da Bahia, havendo fama de manter relação com **Matias da Silva** – jovem que havia se tornado noviço jesuíta no Colégio do Rio de Janeiro. Denunciaram também que Padre Amador tentara seduzir a outro estudante “que se enojou”.

Sua fama de homossexual era tão generalizada que “em o vendo nas ruas de Salvador, muitos diziam: lá vai o somítigo e chegando um estranho na cidade logo lhe diziam que tivesse cuidado com o padre”. Foi visto catar piolhos e beijar a face do Capitão Antônio Guedes de Brito.

Aconselhado por seus amigos mais íntimos a abandonar o Brasil para livrar-se da má fama, esteve no Porto, de lá retornando tão infamado quanto antes. Entre seus desafetos estava o Capitão Damião Andrade que recusava-se dirigir a palavra ao Capelão mili-

---

<sup>31</sup> *Puto*: sinônimo de homossexual; indivíduo devasso, corrompido, dissoluto.

<sup>32</sup> Nos tempos da Inquisição a sodomia era popularmente chamada de “mau pecado”, daí a associação do sodomita a “mau”.

<sup>33</sup> *Grande Inquirição*: Expressão consagrada por Anita Novinsky para descrever a mais severa e extensa “inquirição” realizada pelo Santo Ofício em Salvador, iniciada aos 12 de abril de 1646, determinada pelo Tribunal de Lisboa após denúncia de que na Bahia grassava “escandalosa soltura”. Novinsky, A. *Cristãos Novos na Bahia*, Editora Perspectiva, SP, 1972, p.129.

tar. Perguntando-lhe o motivo, respondeu: “Não falo com .V.Mercê porque dizem que é somítigo... e o Padre se abanou frouxamente como pessoa [culpada] em alguma coisa”.

Outra denúncia, datada de 1646, revela que o Padre “é tão público e desaforado no pecado contra a natureza que parece que já se não dá que o tenham nesta culpa e chega a querer mal e fazer com seus enredos, que sabe fazer, que as pessoas que ele quer e lhe não queiram conceder seus apetites, sejam avexadas”. Para agravar-lhe ainda mais as culpas, acusam-no de não rezar o ofício divino e comer metade das palavras da missa.”

Como já era a quarta vez que o Santo Ofício recebia denúncias contra este devasso sacerdote, aos 3 de outubro de 1647 é passada uma comissão ao Padre Manoel Fernandes, Reitor da Companhia de Jesus da Bahia, para proceder contra o delato. Aos 7 de fevereiro de 1648 o Comissário jesuíta oficia à Inquisição de Lisboa, informando que o Padre Amador Antunes havia passado desta para a melhor. A morte livrou-o das masmorras da Inquisição. Este sacerdote disputa o Padre **Frutuoso Alvares**, o título de campeão da sodomia na Bahia de todos os Santos.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 5, fl. 37, 26-11-1630; Caderno do Nefando, nº 6, fl. 392, 9-10-1638; Caderno do Nefando, nº 8, fl. 204, 10-12-1646)

#### **43. ANTÔNIO COSTA (1646)**

*Jovem.*

Confessou na Grande Inquirição (1646) que o ourives **Inácio Antunes** quis apalpá-lo e “aceitou o anel que lhe dera por zombaria”. Acrescentou: quem podia dar notícias mais detalhadas deste caso eram os criados do Governador Diogo Botelho.

Denunciam mais: que o pai de um rapaz de Pernambuco ameaçou matar a Antônio Costa por ter solicitado a seu filho. Encontrava-se então na Capitania de Pernambuco.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

#### **44. ANTÔNIO GUEDES DE BRITO (1646)**

*Militar, viveu entre 1627-1697, filho do Capitão Antônio Brito Gouveia, morador junto à igreja da Ajuda, aluno dos jesuítas, capitão da Companhia dos estudantes e da Infantaria do Terço, teve atuação destacada na guerra contra os holandeses (1647), herdeiro de grandes fazendas no Rio Real e Itapicuru, casado com Guiomar Ximena de Aragão, com quem não teve filhos, Capitão.*

Quando estudante foi alvo de carícias e tentativas de atos homoeróticos por parte do **Padre Amador Antunes**. Catou-lhe piolhos e beijou-lhe a face. Foi proprietário por mais de quarenta anos do escravo **Jerônimo**, um dos *gays*<sup>34</sup> mais frenéticos de Lisboa e de Salvador nos meados do século XVII. Devemos ao Capitão Antônio Guedes de Brito a

---

<sup>34</sup> O termo *gay*, segundo pesquisas de J.Boswell, era utilizado desde o século XIII no catalão-provençal (*gai*) para designar pessoas abertamente praticantes do homoerotismo, daí derivando no português os termos *gaio*, *gaiato*, *gaiatice*. Boswell, John, *Christianity, Social Tolerance and*

curiosa conceituação diferenciando as duas principais categorias de homossexuais à época da Inquisição: “a gente ordinariamente não sabe distinguir *fanchono* de *somítigo*<sup>35</sup>, tomando muitas vezes somítigo por fanchono, porque o nome de somítigo é mais usado e se usa mais vezes dele...”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29; Calmon/Jaboatão, p. 207-237)

#### **45. ANTÔNIO GUERRA, Padre (1684)**

*Padre, natural de Lisboa, morador na Bahia, expulso da Ordem Carmelita Descalço.*

É denunciado por três homens entre 1684-1689 de ser “somítigo e muito amigo de rapazes”. Na nau em que navegava de Angola para a Bahia, dizendo este clérigo ser amigo dos parentes de **Bento da Costa Mesquita**, 24 anos, convidou-o a hospedar-se em sua casa, mantendo com o jovem três atos sodomíticos. Outro rapaz, de 14 anos, disse que chamando-o para sua cama “lhe metera a cabeça entre as pernas e metera o membro viril na boca”; assustado, o moço fugira enquanto Padre Guerra lhe gritava: “tanto perdes!”

Numa viagem da Bahia para o Reino, “acometera a uns marinheiros para o pecado nefando e por isto, ataram os pés e mãos do clérigo para o botar no mar, acudindo-lhe uns homens honrados que o salvaram”. Disse a algumas pessoas que “ser fanchono não era pecado” e ao lhe perguntarem por um certo homem respondeu “que já fizera a *punheta*<sup>36</sup> com ele”. É acusado de usar de violência e oferecer dinheiro a seus amantes. Trata-se de um dos poucos sodomitas na Bahia seiscentista a proferir um discurso revolucionário e profético retirando da homossexualidade a pecha de pecado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 13; Inquisição de Lisboa, Processo 4769)

#### **46. ANTÔNIO HOMEM (1624)**

*Cristão novo, Lente de Prima de Cânones na Universidade de Coimbra, (1564-1624), conhecido como “Preceptor Infelix”, queimado pela Inquisição de Coimbra pelos crimes de judaísmo e sodomia. Em seu processo há depoimento de mais de trinta estudantes – de doze a vinte anos – com os quais teria mantido centenas de cópulas homoeróticas.*

---

*Homosexuality. Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century.* The Chicago University Press, 1980, p.43

<sup>35</sup> *Fanchono* era o termo utilizado em Portugal e no Brasil na época, para se referir ao gay que se contentava com a masturbação recíproca com seu parceiro, enquanto o *somítigo* chegava ao orgasmo através da cópula anal, seja como *agente* ou como *paciente*. Por extensão, empregavam-se antigamente os termos *fanchonice* e *somitigaria* como qualidades dos praticantes do homoerotismo. Cf. Mott, “Pagode Português”.

<sup>36</sup> *Punheta*: expressão popular encontrada nos documentos inquisitoriais, a partir do século XVI, para se referir à masturbação.

“... comentava-se na Bahia que o retrato que havia na capela de Gonçalo Homem de Almeida – promotor do juízo eclesiástico e senhor de engenho - não era de Santo Antônio, como dizia, mas do seu irmão, Antônio Homem, que morrera queimado pela Santa Inquisição...” Se for verdadeira a denúncia, trata-se do primeiro retrato de um homossexual a ser venerado na América Portuguesa.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 15421; Novinski, 1972:159)

#### **47. ANTÔNIO OLIVEIRA RAMOS (1697)**

*Ermitão de Monte Serrat, Ponta do Humaitá, Salvador.*

A escrava Juliana fora comprada pelo ermitão Antônio em Angola há sete ou oito anos e segundo sua denúncia ao *Comissário* do Santo Ofício<sup>37</sup> da Conceição da Praia, seu senhor também trouxera consigo da África o soldado **Francisco de Brito** com o qual “tinha muita amizade”, dormindo na mesma cama, tanto em Angola como na Bahia, “trancando-se na câmara onde faziam bula”, sendo o soldado o paciente. Declarou que o ermitão o trazia muito bem cuidado, dando-lhe de comer, vestir e moleques para servi-lo.

Outro a denunciar o ermitão foi o barbeiro do promotor Dom João de Abreu Costa, Jerônimo de Abreu Lima. Disse que era amigo do soldado, e indo certa vez a casa do réu à procura do moço, o ermitão Antônio Oliveira Ramos convidou-o a cear e que dormisse aquela noite em Monte Serrat; e deitando em umas cadeiras, “rogou que viesse para sua cama com muita importunação, e pela noite adentro lhe começou a abraçar e meter-lhe a mão na braguilha e as pernas por entre as suas. Entendendo a testemunha que seriam estes efeitos procedidos do sono, se arredou para a borda da cama, mas continuando o mesmo, entendeu que era por malícia, levantando-se”. Ao comentar tal episódio com o soldado Francisco de Brito, este confirmou que o ermitão também o cometera para o nefando pecado de sodomia, “mas ele o descompusera”. De que lado estaria falando a verdade?

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 16, fl. 172, 8-1-1697)

#### **48. ANTÔNIO PEREIRA (1618)**

*Estudante, 19 anos, natural de Lisboa, morador nesta cidade em casa de seu pai Bento Pereira, cortador de carne e sua mãe Clara Antunes, moradores a Nossa Senhora da Ajuda.*

---

<sup>37</sup> *Comissário* do Santo Ofício: Sacerdote selecionado e aprovado pela Inquisição para representá-la nas localidades onde não havia Tribunal, presidindo as inquirições e demais diligências ordenadas pela Mesa de Lisboa, tendo como auxiliares os *Familiars* do Santo Ofício, leigos que exerciam as funções policiais da Santa Inquisição.

Disse que há dois anos, nas *Casas del Rei* <sup>38</sup>, nesta cidade da Bahia, de noite, cometera o pecado nefando de sodomia uma vez com um mourisco de nome **Batista**, cozinheiro do Capitão Mor e Governador, Vasco de Souza Pacheco, "o qual cúmplice lhe meteu sua natura no corpo dele confitente pela parte traseira, dormindo carnalmente só uma vez." Perguntado pelo Inquisidor "de quem aprendera o dito crime" respondeu que fora o cozinheiro que o ensinara "pois fazia pasteis e o convidara" e esta a causa de sua conversação, mas que deixou de falar com o mesmo "porque não lhe vinha bem." Disse ter tomado a iniciativa de confessar-se no tempo da graça para evitar que alguém o denunciasse previamente.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia*, p.417)

#### **49. ANTÔNIO DE SOUZA, Padre (1646)**

*Sacerdote, natural da Bahia, morador em Lisboa.*

Após viver no Reino, ao retornar a Salvador, pediu um negro emprestado ao ex-governador de Angola, Dom Pedro César para carregá-lo na rede. Chegando em sua casa, colocou-o entre os lençóis para praticar sodomia, recusando, fugiu o escravo para a casa do seu senhor e a partir de então Dom Pedro César proibiu a entrada do sacerdote em sua residência. Este moleque chamava-se **Domingos**, "**Bango** em nome de Angola", e segundo suas próprias palavras, "após ter o sacerdote colocado seu membro na mão dele, denunciante, e lhe dar um beijo, declarou ao Padre que não era clérigo, mas o diabo", fugindo espantado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

#### **50. ANTÔNIO DE SOUZA, (1646)**

*De alcunha "o Caubeta"*

Segundo denuncia do capitão **Antônio Guedes de Brito** este jovem "parecia querer pecar no pecado de fanchono com ele pois detinha fama". Segundo denuncia do Padre Simão Ferreira, 26 anos, coadjutor na Freguesia de Jaguaribe, quando estudante no Colégio dos jesuítas, o Padre Salvador da Silva açoitou "o Caubeta" por ter sido acusado de solicitar a um rapaz.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29.)

#### **51. BALTAZAR ÁLVARES (1620)**

*Natural da Ilha Terceira, 21 anos, filho de Baltazar Alvares e Maria Cordeira, morador em Cotegipe, no Recôncavo, solteiro.*

---

<sup>38</sup> Nos meados do século XVII as chamadas *Casas del Rei* situavam-se no Terreiro do Colégio da Companhia de Jesus, funcionando nelas, por certo tempo, a *Relação da Bahia*.

Disse que em 1612, estando na ilha Terceira, cometera o pecado nefando por seis vezes com o **Cônego André Pereira Sarmiento**, "metendo-lhe o dito cônego sua natura pela parte traseira de seu corpo". Disse que o cúmplice tomava as vezes vinho, não estando certo se estava ou não em seu juízo quando cometeu o "mau pecado"<sup>39</sup>.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.5225-526*)

**52. BALTAZAR MARINHO, Padre (1618)**

*Sub-Chantre<sup>40</sup>, Capelão da Ermida de Itapoã.*

Foi denunciado por Magdalena Gois, viúva, natural da Bahia e moradora em Itapoã. Disse que o sacerdote "a cometera na confissão para dormir com ele carnalmente", e que a um seu filho, Manuel, 14 anos, também o capelão "o acometera para o pecado nefando de sodomia", solicitando igualmente a outro seu filho, Pascoal Soares, já falecido, e que o Bispo fizera um sumário com este e muitos outros casos.

(*Segunda Visitação, Denúncias da Bahia, 16-1-1618, p. 180*)

**53. BARTOLOMEU FERREIRA (1646)**

*De alcunha "o Perene".*

Foi denunciado na Grande Inquirição (1646), infamado de ser muito amigo de rapazes. Fora surpreendido pelo coadjutor de Jaguaribe, Padre Simão Ferreira, com **Manoel de Leão**, quando eram estudantes no Colégio da Companhia, sem calças, masturbando-se um ao outro. Escandalizado, o sacerdote ameaçou-os de mandar queimá-los na Inquisição "e os dois, de joelho, imploraram-lhe que não os descobrisse".

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29.)

**54. BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, Frei (1689)**

*Frade Carmelita, natural da Bahia.*

O soldado Luiz de Oliveira denunciou perante a Mesa Inquisitorial de Lisboa que navegando para a Índia, nas ilhas Mascarenhas, deixou sua fazenda, casa e uns escravos sob cuidado do carmelita Frei Bartolomeu dos Mártires e ao retornar, um dos negros queixou-se que o frade abusou sexualmente dele e do negro **Pedro**. Querendo denunciar Frei Bartolomeu dos Mártires ao Comissário do Santo Ofício da Bahia este não aceitou a queixa. Corporativismo clerical?

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 14, fl. 196, 11-10-1689)

---

<sup>39</sup> Mau pecado: forma popular como era chamada a homossexualidade no período inquisitorial.

<sup>40</sup> *Chantre*: membro do cabido das catedrais encarregado de entoar os cantos sacros, dirigir o coro e presidir o ofício divino.

### **55. BENTO (1618)**

*Escravo, cirurgião, 16 anos, filho de um mameluco e de uma mulata por nome Francisca, cativos de Pero Garcia.*

Segundo sua lembrança, há dois anos, cometeu o pecado de sodomia umas dez vezes com seu senhor **Pero Garcia**, sendo passivo, algumas vezes no *Engenho do Rio Pitanga* e no *Rio do Açú*, nesta Bahia, e outras vezes nas casas de seu senhor no Terreiro<sup>41</sup> desta Cidade, tanto de dia como de noite. Arrependido, pede perdão e misericórdia.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.461*)

### **56. CÂMARA COUTINHO ( )**

*31º Governador da Bahia, Almotacé-Mor do Reino, "cujo desvelo no real serviço, inteireza na distribuição da justiça e desinteresse em conveniências particulares, admirou Pernambuco e aplaudiu a Bahia por três anos e sete meses que nela governou, tomando posse em 22 de maio de 1690 e findando em 22 de maio de 1694. Após deixar a Bahia foi Vice-Rei na Índia, e ao retornar à pátria, faleceu em Salvador, sendo sepultado na igreja do Colégio. (Vilhena, p.402)*

É o poeta Gregório de Matos, em diversos sonetos, quem denuncia e satiriza a relação homoerótica do Governador Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho com seu amante **Luiz Ferreira de Noronha**, Capitão da Guarda. Apesar do "poeta dedo-duro" ter chegado a sugerir que a Inquisição procedesse contra o "governador sodomita e fancho-no", não encontramos nos manuscritos do Santo Ofício qualquer denúncia contra este ilustre personagem. Em várias estrofes o "Boca do Inferno" sugere a passividade anal do Governador:

"O rabo erguido em cortesias mudas  
como quem pelo cu tomava ajudas..." (p.158)

"Mandou-vos acaso El Rei, com fêmeas não dormir,  
Senão com vosso criado, que é bomba dos vossos rins?  
Mandou-vos El Rei acaso, a Sodoma ou ao Brasil?  
Mandou-vos El rei que fosse vosso pagem meretriz,  
Madrasta de vossos filhos, como dizem por aí?  
Ora ide-vos com o diabo, que já não quero acudir  
Por um tucano, um fancho, um sodomita, um vilão ruim." (p.217)

"Subverteu-se a cidade de Sodoma pelo muito que andou de caranguejo,  
A palácio também creio, sucedeu o mesmo que à cidade de Gomorra...  
Conheça a Inquisição estas verdades, e como é certo, o que o soneto diz,  
Paguem-se em vivo fogo estas maldades, ardendo morram já como Solis,  
E como arderam já duas cidades, ardam Luiz Ferreira e Antônio Luiz." (p.210)

---

<sup>41</sup> "Terreiro desta cidade" refere-se ao hoje conhecido como Terreiro de Jesus, citado também nos documentos da época como "Terreiro do Colégio" ou "Terreiro da Companhia".

(Gregório de Matos, p.150-217-210)

### **57. CRISTÓVÃO ALBERTO (1683)**

*Soldado do Terço da Armada, 27 anos, morador junto à cadeia da Bahia.*

Apresentou-se ao Tribunal da Inquisição, em Lisboa, em 1683 confessando que na viagem para a Bahia, “caíra no pecado nefando três ou quatro vezes, cujos nomes dos cúmplices não se lembra por serem vagamundos”. Arrependido e temeroso, escreve aos Inquisidores: “agora vejo-me casado com uma das melhores mulheres da Bahia, com filhos que espero, e a cada hora me arrependo do passado...”.

Passado-se um ano, a Inquisição ordena ao Comissário Frei Domingos das Chagas, carmelita, fazer sumário de culpas contra este jovem. Cristóvão então revela memória mais aguçada: quando veio no navio, praticou uma cópula sodomítica, sendo paciente de **Diogo Freire**; com o soldado **Tomás Pinto** realizou “troca-troca”. Em terra firme, possuiu cinco vezes ao irmão do coadjutor da Sé da Bahia, **José Correia da Cruz** “abaixo da cadeia”; com **João de Pinto**, casado, caixeiro, morador no Porto de Cachoeira, consumou quatro sodomias sendo o réu agente, e em sua própria fazenda, no Tororó, possuiu seu criado, o soldado **Eustáquio de Lisboa**. A última sodomia foi com o criado do governador de Angola, “em suas casas junto à cadeia”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 13, 4-5-1683)

### **58. CRISTÓVÃO DA CONCEIÇÃO, Frei (1644)**

*Frade franciscano, “filho da Bahia”.*

Estava na lista dos cúmplices de **Antônio Ferreira**, 18 anos, solteiro, branco, criado de **Dom Felipe de Moura**, morador em Lisboa à rua da Rosa do Carvalho, condenado a dez anos de galés em 1645.

“Cometeu *molícies*<sup>42</sup> com as mãos dez ou doze vezes”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 8232)

### **59. DAMIÃO PINTO BARROSO (1647)**

*Mercador, 29 anos, natural de Braga, morador em Lisboa, filho de Francisco Barroso, (morto no Brasil), alvo de cara, louro, usa gadelhas<sup>43</sup>, tem as ordens menores (primeira tonsura), sabe pouco latim, morou em Salvador.*

---

<sup>42</sup> *Molície* ou *molice* eram os termos empregados pela Teologia Moral desde a Idade Média, para classificar toda a gama de atos sensuais, além da cópula (vaginal ou anal), incluindo as carícias e toques nas partes íntimas, masturbação individual ou recíproca, etc. Neste caso, "molícies com as mãos" certamente refere-se à "manustrupação", i.e., masturbar o parceiro, na época popularmente conhecido como "*fazer as sacanas*".



"Morou na Bahia". Confessou dezenas de atos sodomíticos com 5 cúmplices, um dos quais foi queimado. Condenado a dez anos de galés, foi comutado em 1650 para degredo em Angola.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 1771)

#### **60. DIOGO BATISTA (1618)**

*Cozinheiro, 18 anos, mourisco de nação por parte de sua mãe Ana Garcia, filho de João Garcia, Mestre Sala do Conde d'Anhauer, serve ao Governador da Bahia, casado, tem em penhor 60\$000 réis para acabar de se forrar.*

Confessou perante o Inquisidor Marcos Teixeira, que há 3 anos passados, cometeu seis ou sete vezes o pecado nefando nesta cidade da Bahia com **Pero Nunes**, 18 anos, de *nação*<sup>44</sup>, que morava em casa de seu tio mercador Gonçalo Nunes, de Lisboa. Que algumas vezes cometeram este pecado nas portas da cidade, junto à igreja de Santa Luzia, "dormindo ele confitente carnalmente com o dito Pero Nunes, metendo-lhe sua natura no corpo pela parte traseira, mas não derramando dentro a semente da geração."

E no mesmo local cometera igual pecado com um estudante, por alcunha **Boa Viagem**, filho maior do Ruivo, cortador de carne desta cidade, morador na travessa de Nossa Senhora da Ajuda, sendo que uma vez cometeram este pecado nas *Casas del Rei*, "não cumprindo, pelo cúmplice não poder sofrer".

Disse o Senhor Inquisidor "que o admoestava com muita caridade que fugisse de tão grande e perigoso pecado e das ocasiões de cair nele e se encomendasse muito a Deus."

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.397-398)

#### **61. DIOGO BOTELHO, (1618)**

*"8º Governador e Capitão Mor da Bahia. Chegou em Salvador aos 12 de maio de 1602, governando até 1º de fevereiro de 1607. Foi o primeiro Governador e Capitão General do Estado do Brasil. Deu princípio ao Forte de Nossa Senhora do Pópulo (Forte de São Marcelo), também chamado Forte do Mar. Fez viva e continuada guerra ao gentio."* (Vilhena, p.382)

"Aos 12 de setembro de 1618, na cidade do Salvador da Bahia, na Igreja do Colégio de Jesus, estando em audiência da tarde no tempo da graça o Senhor Visitador Marcos Teixeira, perante ele compareceu sem ser chamado **Fernão Rois de Souza**, *cristão velho*, natural de Vila Galega, 25 anos, cavaleiro fidalgo nos livros de Sua Majestade, casado e morador na Freguesia de Nossa Senhora do Socorro, 7 ou 8 léguas desta cidade,

---

<sup>43</sup> *Gadelha*: cabeleira longa. Muitos sodomitas traziam cabelos compridos, modismo que causava irritação nos Inquisidores, conforme se pode constatar em diversos processos do século XVII. Cf. Mott, "Pagode Português: A subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais".

<sup>44</sup> O qualificativo "*de nação*" era sinônimo no século XVII de "cristão-novo", pessoa batizada que tinha sangue judaico.

e sendo presente para em tudo dizer verdade e ter segredo lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pôs a mão sob cargo do qual assim prometeu. E disse que haverá 14 anos, pouco mais ou menos, que nesta cidade, servindo ele confitente de pagem a **Diogo Botelho**, Governador, que então era destas partes do Brasil, depois de per algum tempo o dito Diogo Botelho o tratar com muitos mimos e favores, o fez deitar consigo na cama e veio a dormir com ele carnalmente, pela parte traseira, efetuando o pecado nefando de sodomia, a primeira noite uma vez somente per força e contra vontade dele, confitente e com medo de o dito cúmplice o matar, não se atreveu a gritar. E depois, por espaço de dez anos continuou em cometer o dito pecado nefando com ele, assim nesta cidade em duas moradas de casas onde morara, uma das quais está no Terreiro deste Colégio, a onde mora ao presente Diogo Barcho, escrivão da Alfândega, e nas casas que são del Rei, a onde agora se faz a *Relação*, assim como na cidade de Lisboa, em casas de sua Quinta que tinha ao Chafariz de Arroios. E declarou ele confitente que no decurso do dito tempo, dormira carnalmente com o dito Digo Botelho pela parte traseira, 15 ou 20 vezes, efetuando o dito pecado de sodomia, por o cúmplice o provocar e forçar a isso."

"E assim disse que se acusava que no dito tempo que tem dito, servindo ao dito Governador, cometera ele confitente o mesmo pecado nefando de sodomia com **Diogo da Silva**, sendo ele confitente paciente."

Confessou mais, ter cometido diversos atos sodomíticos com **Antônio Galvão**, natural desta cidade, então com 14 anos, pelo espaço de oito anos, sendo ambos serviçais de Diogo Botelho, o qual os "provocava e os fazia cometer o dito pecado em sua presença para se provocar e incitar ao mesmo. O que também usava quando ele confitente e o dito Diogo da Silva cometiam o mesmo pecado, igualmente com **João de tal**, filho de uma portuguesa e um *tudesco*<sup>45</sup> da Guarda, que também era criado de Diogo Botelho. E mandado e provocado por ele, tentou cometer o pecado nefando em sua presença com ele confitente, 15 ou 20 vezes nesta cidade e no Reino e por ele resistir, nunca acabou de efetuar o dito pecado. O que também quis o dito Diogo Botelho usar nesta cidade da Bahia com um *flamengo*<sup>46</sup> por nome **Anrique**, que teria 25 anos, e hoje dizem que está casado no Porto Calvo, [Alagoas], distrito de Pernambuco, o qual flamengo por mandado e provação do Governador, e em sua presença, por três ou quatro vezes, tentou cometer o dito pecado com ele, confitente, e por lhe resistir, o não efetuou", o mesmo ocorrendo com **Agostinho Ferreira**, natural de Lisboa, filho de um tabelião.

"E que era verdade e que sabia pelo ver que Diogo Botelho cometera o pecado nefando de sodomia com os sobreditos, umas vezes paciente, outras agente e também com **Nicolau Soares**, ora num engenho em Jaguaribe, ao qual ele, confitente o viu entrar e sair muitas vezes em camisa e ceroulas da *câmara*<sup>47</sup> do dito Diogo Botelho depois de meia noite".

Disse mais que "a fora as vezes que fora constrangido a cometer o dito pecado nefando, as outras vezes, que foram muitas, o cometera por sua vontade e po-la fazer ao dito Governador que lho pedia e o provocava a isso, do que tudo disse, se acusava e pedia perdão e misericórdia."

---

<sup>45</sup> *Tudesco* ou *tedesco*, o mesmo que alemão.

<sup>46</sup> *Flamengo*: natural de Flandres (Bélgica/Holanda)

<sup>47</sup> *Câmara* ou *câmera*: compartimento ou aposento de uma casa e, em especial, o quarto de dormir.

Perguntado se havia testemunhas e se houve escândalo provocado por estes atos? Respondeu que "os criados de casa davam a entender que suspeitavam e havia entre eles escândalo disso e que pelos muitos mimos e favores que Diogo Botelho fazia a ele confitente, não faltaria gente de fora que o suspeitasse, maiormente tendo o dito Governador fama disso; e que de noite e de dia aconteceram tais casos, de dia quando havia ocasião e de noite quando Diogo Botelho chamava a ele para sua cama e algum dos outros cúmplices, e na sua cama estando o dito Governador também lançado na cama, aí cometiam todos os três o dito pecado. E que de dia pela maior parte era depois do jantar e de noite, depois da ceia, quando estavam recolhidos para dormir. Disse que entendia por pecado de sodomia "meter sua natura pela parte traseira do cúmplice e derramar dentro em seu corpo a semente genital ou consentir fazer-lhe o cúmplice o mesmo."

Tal confissão e denúncia fizera **Fernão Rois de Souza** estando presentes na Mesa do Santo Ofício pessoas honestas e religiosos, Padres Jesuítas do Colégio da Bahia, que consultados após a retirada do confessante, disseram que "se lhes parecia dizer a verdade e que se lhe havia de dar crédito."

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.380-384*)

#### **62. DIOGO DA SILVA (1618)**

*Lavrador de canas nas partes de Cotegipe, natural de Alchochete, 25 anos, solteiro, servia de Almojarife na cidade da Bahia, criado de Governador Diogo Boptelho, com o qual morou nas Casas del Rei e nas casas em que agora mora o Licenciado Felipe Thomas.*

Foi denunciado por **Fernão Rois de Souza**, pagem do Governador Diogo Botelho: "disse que no tempo que serviu ao Governador, cometera o pecado nefando de sodomia com **Diogo da Silva**, sendo ele confitente paciente."

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.381*)

#### **63. DIOGO DE SOUZA (1632)**

*Filho do 10º Governador da Bahia, D.Gaspar de Souza (1614-11617), 20 anos, estudante em Coimbra*

Consta nos manuscritos da Torre do Tombo que Diogo de Souza, manteve relação homoerótica com D.Vicente Nogueira, cônego da Sé de Lisboa, não chegando a concluir o ato de sodomia perfeita "por ser o membro viril de Diogo de Souza, grande em demasiadamente".

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4241)

#### **64. DOMINGOS, Frei (1646)**

*Monge Beneditino do Mosteiro da Bahia.*

Segundo denúncia do sobrinho do Abade do Mosteiro de São Sebastião de Salvador, este monge era infamado de cometer o pecado nefando, sendo surpreendido em pleno ato homoerótico com um negro boçal<sup>48</sup> dentro do *Capítulo*<sup>49</sup> do dito convento. O Abade deu-lhe como penitência celebrar missa por uma semana, enquanto o ex-Governador de Angola, revoltado com tamanha licenciosidade *intra-claustros*, comentou com o Abade: "Viu Vossa Mercê que já prende a Inquisição pelo pecado nefando? Pois agora querem prender para que o cometam...", referindo-se às insistentes solicitações homoeróticas dos beneditinos do Mosteiro de S. Sebastião da Bahia.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

#### **65. DOMINGOS BANGO (1646)**

*Natural de Angola, jovem escravo do ex-governador de Angola, Dom Pedro César.*

Carregando na rede do Padre Antônio de Souza, morador em Salvador, o sacerdote mandou que entrasse em sua casa e de portas fechadas, "ordenou que mostrasse-lhe as vergonhas enquanto punha [seu pênis] na mão do negro, o qual após receber um beijo disse-lhe que o sacerdote não era clérigo mas o diabo", fugindo espantado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

#### **66. DOMINGOS SOARES DA FRANÇA (1667)**

*Cavaleiro da Ordem de Cristo, filho de João Alvares Gomes e Dona Catarina Corte Real, Familiar do Santo Ofício (1687), irmão da Santa Casa de Misericórdia (1665).*

Foi infamado de ser amante do Padre José Pinto Freitas: "moço nobre da terra, vive de portas a dentro com o padre-sodomita, o qual mandou fazer-lhe um espadachim de guarnições de prata de alto custo." Um homem muito honrado "escreveu uma carta ao pai deste moço, alertando-o que estava mal falado nesta amizade e para evitar piores danos, seu pai o embarcou para Lisboa na primeira frota".

Deve ter sido nesta ocasião que recebeu no Reino o hábito na ordem Carmelita descalça, saindo do claustro pouco tempo depois.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 12, fl. 106, 20-8-1667; Pedro Calmon/Jaboatão, p. 412)

#### **67. DOMINGOS TAVARES (1640)**

*Soldado, 40 anos, natural de Couto, morador em Nogueira, casado, sabe assinar o nome, viveu dez anos em Castela.*

---

<sup>48</sup> *Negro boçal*: escravo negro ainda não ladino, recém-chegado da África e desconhecedor da língua e costumes do país; também conhecido como *negro-novo ou caramutanje*.

<sup>49</sup> *Capítulo*: Salão conventual, geralmente contíguo ao Claustro, onde os religiosos se reúnem semanalmente, para declarar publicamente as faltas cometidas contra a Regra.

“Andou soldado na Bahia, na armada de Dom Rodrigo Lobo”. Como os demais sodomitas portugueses que participaram da reconquista da Bahia, Domingos Tavares partiu de Lisboa a 22 de novembro de 1624 na armada composta de 26 embarcações, vindo no Galeão São José que tinha como capitão Dom Rodrigo Lobo, e chefe de Infantaria Dom Gancho Faro. Em seu processo consta que certa noite, quando estava na armada, dentro de um paiol, na época em que vivera em Sevilha, lá tivera “um rufião, um muchacho de 15 para 16 anos, branco como o leite e vermelho como sangue e que mais valia dormir com ele que com quantas mulheres havia no mundo”.

Provavelmente deve ter permanecido na Bahia entre março de 1625 e finais de 1626. Foi condenado pela Inquisição a quatro anos de galés, dos quais teve a metade do tempo comutado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Coimbra, Processo 2212; Frei Vicente do Salvador, p.386)

### **68. DOROTEU ANTUNES (1689)**

*Estudante de latim, natural e morador no Rio de Janeiro, 18 anos, solteiro, filho de Antônio Antunes, de Ponte do Lima e Úrsula de Arão, cantora, foi o quarto amante de Luiz Delgado.*

Segundo consta em seu processo, era um jovem bonito (“bem parecido”), trigueiro, vestia-se de baeta e fora barrado na carreira eclesiástica por sua mãe ter parte de cristã-nova.

No verão de 1686, segundo confissão de seu amante e protetor **Luiz Delgado**, “ao ver Doroteu Antunes, então com 16 anos, fazendo papel de mulher em uma comédia no Rio de Janeiro, ficara tão afeiçoado ao rapaz, que o desinquietou e o persuadiu a fugir da casa de seu pai e vir morar com ele.” Ficou escondido no interior da casa de seu amante por 3 meses, sendo então surpreendido por um criado, “se beijando e abraçando na loja da casa por sobre um banco”, sendo também visto andar de ceroulas e camisa pela casa.

Denunciados junto ao Ouvidor do Rio de Janeiro, os dois amantes homiziaram-se primeiro no vizinho Convento do Carmo, fugindo a seguir para a capitania do Espírito Santo. Em Vitória hospedam-se no Convento dos Franciscanos, no alto da Penha – sendo expulsos quando o Prior foi informado que eram acusados do abominável pecado de sodomia. Temendo as justiças do Rio de Janeiro, escapam numa canoa em direção à velha Bahia.

Em Salvador Luiz Delgado instala Doroteu Antunes numa casinha alugada junto à Fonte do Sapateiro, e nas poucas vezes que o jovem ia à casa de seu mecenas “era com cautela, como dando a entender que não queria que a mulher de Luiz Delgado o visse”. Na freguesia da Conceição da Praia, “se murmurava muito que Luiz Delgado tinha novo afeto e que sua amiga provocava-lhe muitos ciúmes... às vezes mandava um negro atrás de seu moço estudante e o mandava vigiar para onde ia: o moço andava enfeitado de galas...”.

Preocupado com o escândalo provocado por esta amancebia nefanda, os amantes fogem para Santo Amaro da Ipitanga, sítio de Jacumirim, de propriedade dos jesuítas, a 11 léguas de Salvador, onde uma “casa de bugre” é construída por 3 escravos para servir de ninho para o casal de pombinhos. A 5 de fevereiro de 1689 o Bispo da Bahia D. Frei

Manoel da Ressurreição promulga ordem de busca e prisão dos sodomitas que são transportados algemados para a capital.

Doroteu é trancafiado primeiro no Convento de São Francisco e depois, embarcado para os cárceres do Santo Ofício. A 28 de outubro tem início seu julgamento: confessou ter mantido dezenas de cópulas passivas com Luiz Delgado “e que a estes atos precediam afagos, beijos e abraços e todas as demais circunstâncias que costumam incitar para este fim a natureza”. Aos 27 junho de 1690 é lida sua sentença na sala do Santo Ofício: "Atendendo ser menor de idade, apesar de repetidas penetrações, não houve malícia de sua parte, e de acordo com a opinião de muitos Doutores, os pacientes no pecado nefando devem ser menos rigorosamente punidos, ainda havendo atos consumados." Foi degradado por 3 anos para Castro Mearim, no Algarve.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4230; Mott, *O sexo proibido*, p. 92)

### **69. DUARTE FERNANDES, (1618)**

*Serviçal, "meio de nação", 18 anos, natural de Matosinhos, solteiro, serve a Francisco Leitão, mestre de navio, filho bastardo de Jerônimo Luiz da Fonseca e Catarina Muniz.*

Aos 11 de setembro de 1618, Duarte Fernandes confessou-se perante o Visitador, no tempo da graça, com o auxílio de um *curador*, por ser menor de 21 anos, que há 5 anos, em Pernambuco, na rua dos Quatro Cantos, seu primo-co-irmão, **Miguel da Fonseca**, cristão-novo, mercador, "o cometeu muitas vezes ao pecado nefando de sodomia, dando-lhe muita pancada e açoites porque não queria consentir, ato que por força o efetuou por duas vezes, segundo sua lembrança, na cama onde ele confitente dormia." Disse ainda que embora solicitado outras vezes, nunca mais cometeu o dito pecado, embora suspeite que seu primo **Miguel** tenha-o cometido outras vezes com um moço lisboeta de nome Pero Luiz, confeitoiro. E completou: "o acusado cúmplice é homem muito sensual e já andou por Itália e Flandres, donde devia trazer o dito vício."<sup>50</sup> Disse ter confessado estes pecados com um padre da *Companhia*, o qual aconselhou-o que viesse se delatar perante a Mesa do Santo Ofício.

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.355-356)

### **70. ELISEU LOPES (1618)**

*Cristão velho, 40 anos, natural de Salvador, casado, morador em Sergipe do Conde.*

---

<sup>50</sup> A homossexualidade era também conhecida em Portugal e no Brasil Colonial como "vício italiano". Em Pernambuco, em 1592, o colono Estêvão Cordeiro, 31 anos, lavrador residente no Engenho Carnijo, na freguesia de Santo Amaro, confessou que “estando em prática com alguns vizinhos, não se lembra em que tempo nem a que propósito, disse que em Roma andavam as mulheres com os peitos descobertos e que os Padres Santos concediam indulgências aos homens que com elas dormissem carnalmente, por respeito de com isso divertir aos homens de fazer o pecado nefando...” in *Confissões da Bahia, 1591-1592*. RJ, F.Briguiet e Cia. Eds, 1935, p.27

Confessou que na idade de 15 anos, na casa do bispo D. Antônio Barreiros, a quem servia de pagem, cometeu muitas vezes e por muito tempo o pecado nefando de sodomia com outro pagem da mesma idade, **Manoel Canal**, natural desta cidade, e que hoje é clérigo, "metendo ele confitente sua natura na parte traseira do dito Manoel Canal e derramando dentro a semente genital". Disse que estava muito arrependido e de tudo pedia perdão.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.455*)

### **71. FELIPE DE MOURA (1638)**

*Militar, membro do Conselho Ultramarino, Cavalheiro da Ordem de Cristo e de Santiago, morou na corte de Madri, Itália, residente na rua da Rosa do Carvalho, em Lisboa, irmão de Dom Luiz Alvares de Távora, Cardeal de São João, senhor da Casa de Mogadouro, participou da luta contra os invasores holandeses no nordeste brasileiro.*

Consta em seu processo ter mantido mais de mil relações homossexuais, "ora agente, ora paciente", com dezenas de rapazes entre escravos, pagens e filhos de nobres. Dom Felipe de Moura viveu na Bahia entre 1638 e 1640 período em que Maurício de Nassau tentou reconquistar Salvador. Já no navio em que cruzou o Atlântico em direção ao Brasil, ao estacionar em Cabo Verde, o sobrinho do Comandante, Dom Pedro de Almeida mandou-lhe "um escrito de queixas, por não fazer caso dele, indagando se não tinha boa vontade de o servir, então se concertaram para que fingissem que seus leitões tinham percevejos e fizessem as camas junto uma da outra, no chão da câmara de baixo da embarcação; e estando ambos deitados Dom Felipe de Moura procurou penetrar a **Dom Pedro de Almeida** que o não consentiu, e fazendo queixa no dia seguinte, prometeu consentir e à noite consumou ato somítico sendo Dom Felipe de Moura o agente".

Chegando na Bahia, ainda em 1638, consta que Dom Felipe de Moura teve duas relações homoeróticas – primeiro com um soldado de sua companhia e depois, com outro militar engajado na armada de Dom Rodrigo Lobo – "dos quais não se lembra nada deles, nem de suas feições...". Detalhe curioso: este soldado é o primeiro sodomita conhecido pertencente à armada de Dom Rodrigo Lobo - uma réplica luso-brasileira do "batalhão dos amantes" de Tebas, tantos eram os praticantes do "amor grego" nela engajados.

Em fevereiro de 1639, na Bahia, "se achou ele confessante em sua casa com **João Rois**, 24 anos, pequeno de corpo, magro, pardo, nem alvo nem preto, com o qual manteve diversas cópulas sodomíticas, sendo o cúmplice paciente. Ao retornar a Europa, na corte de Madri, reatou o mesmo idílio homoerótico.

Em 1640, Dom Felipe de Moura, entre as batalhas contra os holandeses, reencontrou refrigério nos braços de um adolescente de 16 anos. Acompanhando a armada do primeiro vice-rei do Brasil, Dom José Mascarenhas, Marquês de Montalvão, levava consigo um pagem – **Antônio Monteiro** "de meia estatura, moreno, cabelo preto". Durante a travessia do Atlântico – Dom Felipe e Antônio sodomizaram-se mutuamente por mais de sessenta vezes – praticamente todas as noites durante os dois meses que costumavam demorar tais viagens marítimas. Por motivo não declarado, fugiu-lhe o pagem por uns tempos, retornando em seguida à casa do amante.

Este nobre militar fez duas confissões perante o Santo Ofício: em 1644 e 1651. Considerado devasso e escandaloso, e sem esperança de emenda, porém seu sangue azul e sua louvável ficha de serviços prestados à realeza prevaleceram: foi confinado em 1653 em uma Quinta na Vila de Pena Cova a 3 léguas de Coimbra. (Não confundir este sodomita com seu homônimo, Dom Felipe de Moura, governador de Pernambuco).

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 789; Afonso Ruy, Cap.VII; Pedro Calmon/Jaboatão, p.62-63)

## **72. FELIPE THOMÁS (1618)**

*Natural de Lisboa, cristão-novo (“da nação”), morador na Bahia, graduado em Cânones em Coimbra, filho de Diogo Freire e Guiomar Thomás, há vinte anos no Brasil, casado com Maria Cardoso, tem um filho natural de 6 anos e um mês, homem rico, possuía trinta escravos, duas casas e canavial.*

Foi denunciado por Bartolomeu de Vasconcelos, 58 anos, Chantre da Sé, natural da Bahia e Bernardo de Aguiar, 21 anos, morador em Itapagipe. Dizem que ele “fugiu de Pernambuco para esta cidade, haverá 12 anos pouco mais ou menos, pela morte de um moço seu criado, o qual o matou pelo ter acusado de cometer ambos o pecado de sodomia”.

Um mês antes da Visitação, um dos denunciantes ouviu “de um homem de crédito” que vira Felipe Thomás cometer o pecado nefando com **Antônio Rois**, de Évora, seu criado, hoje casado com um enteada de sua mulher. E também cometera o mesmo pecado com **Francisco**, mulato, seu escravo, que por isto fugiu para a Fazenda de Antônio Cardoso, dizendo que seu senhor o mandara estar em camisa e sem calças quando se recolhia de noite. Também **Bento Correia**, “o Calambauzinho”, de Viana, solteiro é apontado como seu cúmplice. Em seu processo consta que Felipe Thomás “é tão infamado no pecado nefando na Bahia e em Pernambuco, que anda em provérbio entre brancos e negros”. Dizem que andava livrando-se do crime de sodomia junto ao juízo secular. Acusado também de praticar o judaísmo, foi preso em 1619, sofrendo tortura – por ter chamado a Nossa Senhora e à Santíssima Trindade de “muita merda”.

(*Segunda Visitação*, Denúncias da Bahia, p. 108; 161; Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 7467)

## **73. FERNÃO ROIS DE SOUZA, (1618)**

*Pagem, cavaleiro fidalgo nos livros de Sua Majestade, cristão velho, natural de Vila Galega, 25 anos casado e morador na Freguesia de Nossa Senhora do Socorro*

Aos 12 de setembro de 1618, confessou na Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, ter sido amante do Governador e Capitão Mor da Bahia, **Diogo Botelho**, por diversos anos, sendo agente e paciente de numerosos atos homoeróticos, denunciando igualmente outros cúmplices no abominável pecado de sodomia: **Diogo da Silva**, **Antônio Galvão**, **João de tal**, **Anrique flamengo** e **Agostinho Ferreira**. (Cf. Diogo Botelho)

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.380-384)



#### **74. FILHO DO OURIVES DE SANTO ANTÔNIO DO CABO (1646)**

*“Moço bonito e efeminado”, criado de João Fernandes, morador em Salvador.*

Acusado pelo Desembargador Francisco Bravo da Silveira de praticar somitigarias com Inácio Antunes. Disse que o pagem do governador da Bahia poderia dar mais notícias sobre tal relação.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29.)

#### **75. FRANCISCO FREITAS (1638)**

*Capitão, 36 anos, ex-prisioneiro em Argel, morador nas Índias de Espanha e Cartagena.*

Em 1629, quando esteve ancorado na Bahia, em frente a Torre de Garcia Dávila, “penetrou seu membro viril no vaso traseiro de um moço da caravela, sem contudo deramar semente”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando - V, fl. 399, 12-5-1638)

#### **76. FRANCISCO ROCHA (1645)**

*Morador em Salvador.*

Numa carta denúncia, datada de 4 de dezembro de 1645, chegada ao Tribunal da Inquisição de Lisboa, informava-se que “na Bahia grassam tão escandalosa soltura alguns crimes, (que) se não julga por bastante pera atalhar este dano nenhum outro remédio mais que o juízo do Santo Ofício...” nomeando-se a Francisco Rocha como autor da blasfêmia: “os Apóstolos de Cristo eram somítigos”.

É feita uma grande inquirição, sob o comando do Prior do Colégio da Companhia de Jesus, onde são denunciados diversos sodomitas – embora ninguém mais tenha se referido a este blasfemo. Alguma décadas mais tarde Gregório de Matos (1636-1695), o Boca do Inferno, será igualmente denunciado ao Santo Ofício por ter dito que “Jesus fora nefando, usando palavra mais torpe e execranda”, certamente tendo dito que Nosso Senhor Jesus Cristo era “puto, somítigo ou fanchono”, as expressões mais correntes naquela época, várias vezes utilizadas pelo poeta em sua lavra.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29; Mott, *O Sexo proibido*, p.98; Rocha Peres, 1987)

#### **77. FRANCISCO RODRIGUES (1693)**

*Mestiço, escravo de Antônio de Moura Rolim, morador na Cajaíba, freguesia de São Gonçalo.*

Segundo denúncia registrada pelo Comissário do Santo Ofício da Bahia, Padre Antão de Faria Monteiro, “Francisco Rodrigues tem fama pública e constante em toda a freguesia e seus contornos que é relapso<sup>51</sup> no delito de sodomia, cometendo os escravos assim do engenho de seu senhor, como outros, entre eles **Lázaro**, escravo de Diogo Vargas, **Pedro Picapau**, **Bento Homem** e **Antônio Saquará** – o qual apareceu arranhado e mordido pelas costas, com o calção rasgado por detrás por não ter consentido.” Quatro testemunhas, inclusive um capitão, confirmam a denúncia.

O proprietário deste escravo **Francisco Rodrigues** – Antônio de Moura Rolim – vem referido na genealogia de Frei Jaboatão como amigo do poeta Gregório de Matos, auxiliando-o a fugir para Angola.

Um ano após a denúncia, em 17 de junho de 1694, tem início um sumário de culpas onde algumas testemunhas confirmam ter visto o réu “oscular e beijar na boca a **Pedro Picapau** e **Antônio Carmelo**” presenteando ao primeiro com 3 varas de pano e outros mimos, morando ambos de portas a dentro.”

Diziam também que o “escravo **Manuel**, carpinteiro, guiné, 36 anos, andava vazando-se em sangue da *serventia traseira*<sup>52</sup> por razão de ser o paciente.” Do escravo Lázaro dizia-se que Francisco Rodrigues abordou-o dizendo “que queria lhe dar uma palavra em segredo, e na casa das caldeiras, Francisco Rodrigues solicitou-o oferecendo 5 tostões: aí Lázaro lhe disse que o ensinasse o que havia de fazer, a cujas palavras o réu estendeu um casacão sobre uma caixa de açúcar e lhe disse que “se deitasse para fazer o ofício de mulher, que ele faria o de homem, a cuja resolução respondeu Lázaro dando-lhe com um bordão algumas pancadas e correndo atrás dele para lhe dar mais...”.

Havia igualmente fama que Francisco Rodrigues praticava cópula anal com Mariquita, 38 anos, sua amásia, com quem conviveu por um mês.

O sumário é encerrado sem resultado, pois o senhor de Engenho declarou não ter encontrado “prova concludente”, interpretando estas denúncias como “ditos de negros”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 15, fl. 227, 7-6-1693; Pedro Calmon/Jaboatão, p.64)

### **78. FRANCISCO DE SAMPAIO ARANHA (1618)**

*Mercador, cristão-velho, 35 anos, natural de Arcos de Valdeves, arcebispado de Braga, casado, morador nesta cidade da Bahia, à Rua Direita.*

Disse que pelos anos de 1602-1603, estando no Mosteiro de Nossa Senhora do Socorro da Ordem de São Francisco da Recoleta, em Alcochete, uma noite, dormindo na mesma cama com Antônio Gonçalves (ou Fernandes), carreiro do convento, cometeram o pecado nefando de sodomia, sendo ele o agente, “três ou quatro vezes, tudo em uma noite somente.” O mesmo pecado cometeu de igual modo com um moço chamado **João**, de 14 para 16 anos, natural de Peniche ou Atougua, no mesmo convento.

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.459)

---

<sup>51</sup> *Relapso*: aquele que reincide em erro, impenitente, obstinado, contumaz.

<sup>52</sup> *Serventia traseira*: sinônimo de ânus, vaso prepóstero, vaso posterior, vaso traseiro.

**79. GASPAR DE SANTO AGOSTINHO, Frei (1651)**

*Frade Agostiniano, 42 anos, filho do Capitão de Infantaria, da Província de Santo Agostinho da Índia.*

Acusa-se perante o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa que nos últimos 6 anos, dentre seis parceiros com quem manteve cópulas anais, no ano anterior, quando a caminho da Índia, ao ancorar sua nau na Bahia, hospedou-se no Colégio dos Jesuítas e aproveitando-se que outro frade saíra da cela para celebrar missa, cometeu uma sodomia, sendo agente, com um jovem de 16 anos, de nome **Martins**, estudante no mesmo colégio.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 9, fl. 1 e 3, 3-7-1651)

**80. GREGÓRIO, Frei (1646)**

*Monge Beneditino, pregador, morador no Mosteiro de São Bento de Salvador.*

Conforme denúncia “acometeu e quis usar mal” do jovem **Pantaleão Vasconcelos**, 17 anos, sobrinho do Abade, quando hospedado no Engenho desta Ordem. Denúncia confirmada pelo ex-governador de Angola, Dom Pedro César.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**81. HILÁRIO NUNES (1646)**

*Soldado, alferes reformado, morador em Salvador*

“Era infamado de somítigo e dizia que tinha por maior pecado o ser bêbado que somítigo”- proposição que vinha defendendo desde que residia em Pernambuco.

Segundo denúncia do soldado Bernardo Cabral, 22 anos, Hilário Nunes ficava muito enciumado de um seu camarada, **Baltazar Vieira**, 20 anos, quando se recolhia tarde “pedindo-lhe com lágrimas que não tardasse”. Moravam na mesma casa e o capitão do batalhão onde servia, para evitar escândalo, nomeou-o para outro quartel, “mas retornaram a viver juntos”. Trata-se do segundo sodomita do século XVII a defender "proposição erética"diminuindo a gravidade moral do amor homossexual.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**82. INÁCIO ANTUNES (1646)**

*Ourives, filho de um ourives, morador em Salvador*

Foi a primeira pessoa a ser denunciada na “grande Inquirição” realizada na Bahia em 1646: “tinha má fama em matéria do nefando”. Tinha pousada na portaria do Colégio dos Jesuítas, no Terreiro de Jesus. Comentava-se ter presenteado com um anel de ouro

a **Antônio Costa**. Segundo declaração do acusado, de fato, Inácio Antunes tentara certa vez apalpá-lo e aceitara o anel “por zombaria”. Disse mais que o pai de um rapaz em Pernambuco ameaçou matá-lo por ter solicitado o filho e que o denunciado mantinha “muita amizade suspeita” com o mulato **Jerônimo [Soares]**.

Um seu inimigo capital, o Desembargador Francisco Bravo da Silveira certa vez o caluniara, conforme reconheceu perante o Comissário do Santo Ofício local, embora garantindo que era “muito visado de somítigo”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

### **83. JERÔNIMO SOARES (1644)**

*Escravo, mulato, cozinheiro, natural de Lisboa, morador em Salvador e em Itapicuru*

Em 1632, adolescente, fugiu da casa de seu senhor, Manoel Pereira Castro, residente em Lisboa, à rua das Cavaleiras, quando este ameaçou-o castigar marcando seu rosto com ferro quente. Encontrou abrigo no sobrado do Padre Santos Almeida, no beco da rua do Saco – local de confraternização de numerosos sodomitas lisboetas – 5 dos quais, algum tempo mais tarde, tiveram a desventura de ser queimados em 1644, num *Auto de Fé*<sup>53</sup> da Inquisição de Lisboa. Temeroso de perder o escravo gay, seu proprietário despacha-o secretamente para o Porto, onde é vendido e embarcado para a Bahia, tornando-se cozinheiro de Antônio de Brito Corrêa, destacado tabelião soteropolitano, descendente da pioneira família de João Ramalho e Catarina de Paraguassu. Ao chegar na América Portuguesa beirava então os trinta anos.

Na Bahia, desde 1644, o mulato Jerônimo persiste na fanchonice, “sendo infamado de alcovitar pessoas para pecarem no nefando e ser ele próprio infamado de sodomita”. Em 1646, ao realizar-se em Salvador a “grande Inquirição”, são denunciados dezoito sodomitas atuando na grande Salvador – entre eles, “Jerônimo Soares, mulato escravo, acusado de manter amizade muito suspeita com o ourives **Inácio Antunes**. “Um documento da época declara: “nesta Bahia há muitos homens que se comunicavam contra a natura e há sérios escândalos que necessitam castigo... Cresceram estes erros de em Lisboa o Santo Ofício proceder neste particular, por cujo respeito algumas pessoas se lançaram a esta província, como o mulato de Manoel Pereira [Castro], muito infamado no nefando, agora na casa do escrivão Antônio Brito, e outros mulatos mais”. Neste mesmo manuscrito denuncia-se que Jerônimo era muito íntimo do mulato **Mateus Lopes**, um dos homossexuais mais populares da Bahia seiscentista, e que “um chupava o outro”.

Nada informam os documentos sobre a vida de Jerônimo nas quatro décadas seguintes, até que em 1683, com medo da chegada do novo Bispo na frota, como já fora denunciado no Juízo Eclesiástico e poderia ter contas a prestar, o mulato fanchono é vendido para o sertão do Itapicuru, tendo agora como proprietário um tal de Manoel Mo-

---

<sup>53</sup> *Auto de Fé*: grande e solene cerimônia pública, realizada esporadicamente pela Inquisição em praças ou dentro de Igrejas de Lisboa, Coimbra e Évora, onde eram lidas as sentenças dos réus condenados pelo Santo Ofício, queimando-se na fogueira os criminosos considerados mais graves, contando com a presença da família real e principais dignitários religiosos. Mendonça, J.L. & Moreira, A.J. *História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal*. Lisboa, Biblioteca de Autores Portugueses, 1980.

rato. No sertão, já beirando setenta anos, Jerônimo continuará indômito na luxúria: “era voz pública que acometera alguns negros e moleques ao pecado, alguns estando dormindo; sua fama corria pelo sertão, de que era público no vício de sodomia”.

Apesar de presentear a seus parceiros, alguns mais homofóbicos chegaram a ferir o velho sodomita: “o escravo de José da Silva ao ser acometido pela segunda vez deu uma facada na testa de Jerônimo ferindo-lhe um olho, e outros negros o tinham ferido e maltratado, dando-lhe uma bordoadada com um pau em sua cabeça, fazendo-lhe uma grande ferida”. Sua fama era tão espalhada – nos limites da Bahia com Sergipe, que “os moradores costumavam desempulhar-se com falar no Jerônimo e outros diziam: guarda-te do Jerônimo do Morato.”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 12257; Caderno do Promotor, nº 29; Pedro Calmon/Jaboatão, p.219; Mott, *A Inquisição em Sergipe*, p.36 e ss.)

#### **84. JOÃO DIAS, O CABRA (1624)**

*Cozinheiro, natural do Reino de Chaul, Índia (Cambaia), 50 anos, há dezessete anos residente em Portugal, batizado aos dez anos, calvo, “pinta de branco”.*

Era escravo de Simão Vaz, tanoeiro, morador da calçada de São Francisco em Lisboa. Aos 17 de agosto de 1624 é acusado por duas testemunhas junto ao Tribunal do Santo Ofício de ter cometido o nefando pecado com dois moços adolescentes “bolindo com o corpo como os animais quando têm cópula”. A filha de seu proprietário, Caterina de Sena, 35 anos ao ser inquirida no Tribunal de Inquisição disse que o réu “fora mandado por seu pai para a frota do Brasil, para não tê-lo mais diante dos olhos por ter ouvido que estava *brincando*<sup>54</sup> com um menino e ter mais indícios dele”. Outra testemunha declarou: “o Cabra ora se acha com a Esquadra que foi para a Bahia, para fazer de comer a um senhor.”

Este indiano foi um dentre os vários sodomitas aqui citados que embarcaram no Reino na esquadra vitoriosa que reconquistou a Bahia da invasão holandesa de 8 de maio de 1624. Denunciado quando ainda estava em Salvador, ao retornar à Lisboa após a restauração, a 1º de maio de 1625, foi preso um ano depois.

Deve ter permanecido na Bahia por mais de um ano, intercalando-se entre o fogo e as escaramuças contra o invasor batavo. Após sofrer cruel tormento, nos cárceres secretos do Rocio, sempre negando ter cometido as “torpezas de que o acusavam, foi condenado a dois anos de galés”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 2545)

#### **85. JOÃO FERNANDES, (1618)**

*Mulato forro, 23 anos, solteiro, natural da Bahia, filho de Anrique Fernandes, o Porra, do Reino, e de Caterina da Costa, preta solteira, cativa.*

---

<sup>54</sup> “*Brincos desonestos*” era expressão corrente no português antigo como sinônimo de atos libidinosos.

Aos 13 de setembro de 1618 compareceu perante a Mesa do Santo Ofício no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, João Fernandes, e por ser menor, foi-lhe dado como curador o *meirinho*<sup>55</sup> do Santo Ofício. Disse que com idade de 12 anos, cometera o pecado de sodomia por três ou quatro vezes com **Pero Garcia**, cristão velho, então solteiro e hoje casado, senhor de quatro engenhos de açúcar, onde ele servia numa de suas casas nesta cidade, próxima à ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Descreveu assim ao escrivão da Visita seu pecado: "metendo Pero Garcia sua natura no corpo dele, confitente, pela parte traseira, e derramando dentro a semente da geração." Disse que seu senhor tinha então 35 anos e que uma das vezes cometeram o ato homoerótico à noite depois da ceia, as demais vezes, de manhã e à tarde.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.39280-393*)

### **86. JOÃO ROIS (1639)**

*Mestre de meninos, natural de Évora, 30 anos, pouca barba, morador na rua de Aviz em Évora, sabe ler e escrever e um pouco de latim, viveu 7 anos na Bahia.*

Quando mais jovem, "esteve na Bahia por soldado durante seis a sete anos". Nada mais declara em seu processo sobre sua estadia no Brasil. Certamente cá estivera por ocasião da restauração da Bahia, recuperada da ocupação holandesa que durou de 8 de maio de 1624 a 1º de maio de 1625. Retornando ao Reino, a 3 anos, tornou-se mestre de meninos: tinha oitenta alunos a quem ensinava em sua própria casa, sendo por todos reconhecido como bom cristão, até quando foi denunciado por nove crianças, entre 7 e 9 anos, de tê-los sodomizado. Apesar da riqueza dos detalhes como estas crianças descreveram a volúpia do mestre, este tudo negou no tormento, encontrando os Inquisidores certas contradições nas delações. Após ter sido açoitado pelas ruas públicas de Évora, foi degredado por 6 anos para as galés del Rei. Em 1644 é libertado por ter o braço e mão direita aleijados.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Évora, Processo 9687)

### **87. JORGE (1610)**

*Mameluco, 18 anos, natural de Pernambuco, morador em Salvador*

Criado de **Frei Luiz Moreira**, Abade Primacial dos Beneditinos do Brasil, 42 anos, com o qual manteve diversas relações homoeróticas como paciente por quatro a cinco meses, tanto no Convento de Salvador como nas fazendas da Ordem.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando - 2, fl. 24, 23-8-1610)

---

<sup>55</sup> *Meirinho*: antigo funcionário das justiças civis e religiosas, correspondente *mutatis mutandis* ao oficial de justiça de hoje, e que nas visitas do Santo Ofício desempenhava o papel de curador dos menores.

### **88. JORGE MONIZ (1620)**

*Estudante de Filosofia no Colégio da Companhia da Bahia, 27 anos, cristão-novo, filho de Antônio Moniz de Lisboa, morador em Sergipe del Rei e de Branca da Costa, ambos cristão-novos.*

Aos 25 de maio de 1620, perante a Mesa do Santo Ofício compareceu sem ser chamado Jorge Moniz dizendo que haverá dez anos cometeu o pecado de sodomia nesta cidade, numas *casas que estão de frente da Sé*, tendo como cúmplice a **João d'Albuquerque**, cristão velho, solteiro, natural de Pernambuco, filho de Felipa da Rosa, criado que era do desembargador Antão de Mesquita e hoje é morador no Rio de Janeiro, dormindo carnalmente com ele pela parte traseira, por duas ou três vezes, metendo sua natura no vaso traseiro do cúmplice. Acusou mais que há 5 ou 6 anos, cometeu o mesmo pecado uma vez, sendo agente, com **Luiz Correia**, mameluco, ora casado no Rio de Janeiro.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.4522-523*)

### **89. JOSÉ GONÇALVES (1683/1686)**

*Estudante de latim, jovem pobre, natural de Lisboa, residente em Salvador, terceiro amante de Luiz Delgado.*

“**Luiz Delgado** fazia de José Gonçalves tanto caso como se fora seu filho”, declarou o mameluco Luiz Nunes, seu criado, “vestindo-o com muito asseio e conceito, com calções e gibão de tililho”.

Segundo sua própria avaliação, praticou com Luiz Delgado mais de oitenta atos homoeróticos entre beijos, abraços e *molicie ad invicem*<sup>56</sup> e quatro *sodomias perfeitas*<sup>57</sup>, como se fora José Gonçalves mulher e Luiz Delgado homem”.

Tornando-se na Bahia por demais pública sua relação homoerótica com Luiz Delgado, ambos mudaram-se para o Rio de Janeiro, estabelecendo moradia atrás do Convento do Carmo. Um seu vizinho, o clérigo José da Silva Passos, 26 anos, mestre de artes declarou que de seu sobrado, abelhudo, observava sempre Luiz Delgado cuidar zelosamente de José Gonçalves, “tratando-o com singular amor, vendo de sua janela o mais velho penteá-lo e amarrar as fitas nas mangas da camisa e abanico antes que saísse fora”. Seu gibão era de “chamalote encarnado enfitado de várias cores”.

Tanta vaidade causou problemas ao belo *ganimedes*<sup>58</sup>. Segundo o testemunho de João Azevedo, Meirinho do Rio de Janeiro, “por andar vestido com calções desonestos

---

<sup>56</sup> *Molicie ad invicem*: masturbação recíproca, referida popularmente desde o século XVI em Portugal e no Brasil como “fazer as sacanas”.

<sup>57</sup> Segundo os Regimentos do Santo Ofício, entendem-se por “*sodomia* perfeita a penetração do membro viril desonesto do vaso traseiro com derramamento de semente”, sendo apenas este ato, seja *agente ou paciente*, e não as demais performances homoeróticas, matéria considerada crime merecedor da pena de morte na fogueira. A tentativa de penetração ou mesmo a cópula anal sem ejaculação era rotulada pelo teólogos moralistas de *connatus*, pecado grave sem contudo configurar-se crime do conhecimento do Santo Ofício.

para trajo de estudante, por serem lavrados em seda de cor, com fitas vermelhas e amarelas, mostrando-as ao levantar a loba", causava escândalo e mau exemplo aos outros estudantes que andavam candidamente, razão suficiente para que o Ouvidor do Rio de Janeiro mandasse prender a José Gonçalves e cortar a cauda de sua véstia "por dar escândalo e nota".

Temendo maiores represálias por parte da justiça civil e eclesiástica, José Gonçalves abandonou Luiz Delgado, embarcando para o Reino em 1686, onde apresentou sua confissão perante o Tribunal do Santo Ofício.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4769)

### **90. JOSÉ LOPES (1695)**

*Soldado de cavalo, 26 anos, natural Tomar, solteiro, morador em Faro, analfabeto.*

Foi pagem do Arcebispo da Bahia, Dom Frei João da Madre de Deus por 3 anos. Em 1694 foi denunciado de ter mantido três cópulas sodomíticas como passivo de **Frei Manoel do Sacramento** – quando tinha treze anos – quando o Arcebispo da Bahia se hospedou no Convento Franciscano da Vila de Cartaxo. " O Arcebispo da Bahia quis levá-lo para o Brasil mas ele não quis, recebendo de Dom Frei João da Madre de Deus, como prêmio, muitas roupas e móveis". Confessou também ter-se relacionado sexualmente com dois frades franciscanos. Em seu processo consta ter matado um moço em Tomar.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Évora, Processo 4461)

### **91. JOSÉ NUNES (1680)**

*Soldado, morador em Salvador.*

Segundo declarou Maurícia Rois, parda, 50 anos, "o soldado José Nunes e **Luiz Delgado** saíram mui suados de trás do muro do Convento de São Bento na parte em que está arruinado e cheio de arvoredos, razão pela qual se formou um ruim conceito pela má fama que havia de ambos cometerem o pecado nefando".

Havia murmuração que José Nunes recebera um anel de ouro de seu amante benfeitor, sendo Luiz Delgado quem lhe pagava o aluguel da casa onde morava.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4769;  
Mott – *O Sexo proibido*, p. 86)

### **92. JOSÉ PINTO DE FREITAS, Padre (1669)**

---

<sup>58</sup> *Ganimedes*: na mitologia grega, belo príncipe de Tebas, raptado por Zeus para ser seu amante no Olimpo. Desde a Antiguidade e durante a Renascença, Ganimedes foi usado como sinônimo e modelo de homossexual.



O Deão e Vigário Geral do Arcebispado da Bahia, Padre Pedro Cordeiro de Espinosa denuncia que há 6 anos “encontrava-se na Bahia e em o todo este tempo foi e é fama constante sem diminuição que o Tesoureiro mor da Sé, Padre José Pinto de Freitas comete o pecado nefando com muitas e várias pessoas eclesiásticas e seculares”. Feito um sumário de culpas, amigos do denunciado queimaram o documento oficial, obstaculizando sua persecução judicial.

O mesmo clérigo é igualmente acusado pelo Vigário de Ilhéus, Padre Manoel Vieira: disse que este padre-sodomita “metera a mão em suas *partes ocultas*” e por isto o descompusera. Também um moço do coro de Sé, Amaro Velho, estudante, queixou-se que o padre Freitas queria “tocar em suas *partes pudendas*”,<sup>59</sup> chegando a ameaçá-lo de morte se contasse o sucedido. Dizem que tentara seduzir o filho do Desembargador Leandro de Castro e vários jovens do coro, inclusive um músico mulato e diversos religiosos do Carmo.

Maior escândalo, contudo, causara sua amizade constante com **Domingos Gomes da França**, moço natural da Bahia, com quem vivia de portas a dentro e a quem presenteara com um espadachim com guarnições de prata de alto custo. Consta ainda que um homem muito honrado escrevera uma carta ao pai deste moço, alertando-o que estava mal falado nesta amizade e para evitar piores danos, seu pai o embarcou para Lisboa na primeira frota que aportou nesta cidade.

Contou mais: que o Padre Freitas fora antes Vigário Geral em Pernambuco, lá também gozando de mesma má fama e que ao chegar a última frota, logo fora consultar o meirinho para saber se vinha alguma diligência do Santo Ofício contra ele.

Também o Chantre da Sé da Bahia, Padre Domingos Vieira de Lima, confirma a denúncia: que “há fama pública e constante entre a plebe, clérigos, religiosos e nobreza que o Padre José Pinto de Freitas exercita o abominável pecado nefando com homens, estudantes e rapazes, pegando-lhes pela braguilha, abraçando-os e beijando-os, acomeitando-os com dinheiro, ouro e jóias, por ser rico e poderoso.”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 12, fl. 106, 20-8-1667)

### **93. JOSEPH FERNANDES (1618)**

*Serviçal, mulato, 18 anos, natural da Bahia, filho de Ana, preta cativa e de Martim Fernandes, mercador, morador no engenho de Pero Garcia.*

Por ser menor foi-lhe dado como curador o Meirinho da Visitação.

Confessou que há seis anos, em casas de Pero Garcia, na Ajuda, cometeu três vezes o pecado de sodomia com o dito senhor, sendo paciente.

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.460)

---

<sup>59</sup> *Partes pudendas, partes ocultas, partes vivendas, vergonha, natura*: sinônimo de órgãos genitais.

#### **94. LUIZ ALVES (1621)**

*Mulato, 30 anos, casado, 5 filhos com duas mulheres, natural de Santarém, morador em Lisboa defronte da Bica da Esperança, filho de Duarte de Larcão e Domingas Lopes, parda, escrava de seu pai. Seu tipo físico: “pardo, pouca barba, alto de corpo, rosto redondo”.*

Foi preso em 1620 pela Inquisição de Lisboa após ter sido acusado por doze cúmplices, pela prática de várias dezenas de atos homoeróticos. Declarou ter morado um ano na Bahia.

Sentença: “vista a larga prova que contra ele há e não provar coisa alguma que o haja de relevar, seja relaxado à justiça secular para ser queimado na fogueira como convicto no crime de sodomia”.

Foi queimado no Auto de Fé de 28 de novembro de 1621, no Rossio de Lisboa – ao lado de mais dois sodomitas.

Salvo engano, foi o único gay a ter vivido na Bahia que chegou a ser queimado pela Santa Inquisição. *Requiescat in pace!*

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 765)

#### **95. LUIZ DELGADO (1689)**

*Violeiro e estaqueiro<sup>60</sup> de fumo, natural de Évora, 40 anos, casado com Florença Dias Pereira, sabe ler e escrever, filho de Luiz Delgado e Joana Machado, alto de corpo, alvarinho, magro de cara.*

De todos os sodomitas da Bahia, é de quem dispomos a maior quantidade de detalhes biográficos. Na Torre do Tombo encontram-se dois grossos processos contra Luiz Delgado: sua fama de sodomita começou na cadeia de Évora, em 1665. Tinha 21 anos e estava preso junto com um seu irmão, ambos acusados de um furto. Por receber frequentes visitas de um seu cunhadinho de 12 anos, **Brás**, os demais presos acusaram-no junto ao Santo Ofício de Évora, após ter ouvido à noite, ruídos e gemidos indicativos que praticavam o abominável pecado de sodomia. Apesar do jovem cúmplice ter negado, Luiz Delgado assumiu ter cometido tão somente “*punheta*” e “*coxeta*”<sup>61</sup>, não chegando à sodomia perfeita (penetração com ejaculação), matéria prima indispensável para caracterizar os atos homoeróticos como crime. Levado à casa de tormentos, “chamando por Nosso Senhora e pedindo misericórdia”, Luiz Delgado foi torturado na *polé*<sup>62</sup>, sem acrescentar nada à confissão anterior. Também Brás foi torturado, sendo ambos degredados para fora do termo de Évora pelo período de três anos.

Em 1669 Luiz Delgado encontra-se preso no principal cárcere de Lisboa, o Limoeiro – causando também aí murmuração de que era amante de um moço por nome **André**,

---

<sup>60</sup> *Estaqueiro*: proprietário de um *estanco*, estabelecimento onde se vendem cigarros, charutos, tabaco e objetos de fumantes.

<sup>61</sup> *Coxeta*: expressão popular para designar a cópula *inter femura*, i.e., entre as coxas, prática homoerótica bastante comum na época inquisitorial, evitando-se assim cometer o crime de sodomia perfeita – a cópula anal.

<sup>62</sup> *Polé*: Antigo instrumento de tortura utilizado pela Inquisição, que consistia em pendurar o réu, com uma corda grossa de cânhamo, pelos pulsos e pelas mãos, levantando-o até o teto, de onde era despencado, sofrendo um puxavão antes de tocar no solo.

ladrão degredado para o Maranhão. Nos primeiros anos da década de 70, Luiz Delgado encontra-se na Bahia – e de violeiro torna-se “*estaqueiro de fumo*”, tendo loja onde comprava e vendia tabaco no atacado e varejo.

Em 1675 espalha-se “a fama geral entre brancos e pretos que Luiz Delgado era fancho e sodomita”, e em duas Visitas Pastorais realizadas nas freguesias de São Pedro e Nossa Senhora do Desterro, de onde era freguês, é acusado por meia dúzia de paroquianos de ser praticante do abominável pecado de sodomia. Audacioso, o fancho não temia seduzir pessoas de diferentes condições sociais, inclusive serviçais: a um criado de quatorze anos, perguntou em segredo: “Miguel, quero saber: tendes três polegadas<sup>63</sup> de pica ? Façamos uma aposta: entrai para dentro de minha casa. Aposto uma ou duas patacas se tiver as três polegadas!”

Provocaram maior escândalo e murmuração, do que suas solicitações esporádicas a escravos e rapazes sem eira nem beira, os “casos” amorosos mantidos com quatro moços na Bahia: o soldado **José Nunes**, a quem Luiz Delgado presenteou com um anel de ouro; **Manoel de Sousa Figueiredo**, “de rosto e jeito afeminado e bem afigurado”; **José Gonçalves**, de quem “fazia tanto caso como se fosse seu filho” e com o qual o estaqueiro praticou mais de 80 atos homoeróticos; e **Doroteu Antunes**, 16 anos, seu derradeiro romance, “bem parecido e trigueiro, tinha cara como uma dona” – tão efeminado que se travestia de mulher em comédias públicas.

Mesmo sendo casado, aliás como a grande parte dos sodomitas do passado – e do presente! – Luiz Delgado se excedia em demonstrar publicamente a paixão que nutria por seus sucessivos amantes, beijando-os na frente de outras pessoas, regalando-os com presentes e fino trato, andando juntos pela rua, de baixo de um grande guarda-sol, para escândalo e escárnio de seus inimigos. Sabendo-se denunciado perante o Juízo Eclesiástico de Salvador, foge para o Rio de Janeiro, onde persuade o adolescente Doroteu Antunes a abandonar a casa paterna, retornando com seu *ganimedes* para a Bahia.

Constrói uma choupana no sítio Jacumirim, de propriedade dos Jesuítas, a 11 léguas de Salvador, onde permanece em idílica lua de mel com seu “menino do Rio”. A 5 de fevereiro de 1689, por ordem do Comissário do Santo Ofício da Bahia, os dois amantes são presos e algemados – o mais velho trancafiado na cela forte do Convento do Carmo, e o mais novo no Convento de São Francisco.

Remetidos para Lisboa, na travessia Luiz Delgado foi vítima de penosas humilhações físicas e morais. Nos cárceres secretos dos Santo Ofício o reincidente sodomita permanece por 3 longos invernos. Era sua oitava prisão desde que rapazote fora encarcerado em Évora pela primeira vez. Tenta convencer os Inquisidores que tudo não passara de maquiavélica intriga de sua mulher e de seu primeiro criado, enumerando 243 *contraditas*<sup>64</sup> tentando argumentar sua inocência. As confissões de seus cúmplices e a sua própria – a três décadas passadas, no Tribunal de Évora, não deixam dúvidas que Luiz Delgado tergiversava.

Pela segunda vez, o azarado fancho é levado ao tormento. “Chamando por Jesus do céu e pedindo misericórdia” foi colocado no *potro*<sup>65</sup> onde teve seus braços e per-

---

<sup>63</sup> Polegada: antiga medida de unidade de comprimento, equivalente a 2,75 cm.

<sup>64</sup> *Contradita*: alegação forense dum pleiteante contra outro.

<sup>65</sup> *Potro*: tormento utilizado pelo Santo Ofício que consistia em deitar o réu numa espécie de estrado de madeira, onde tinha seus braços e pernas amarrados com 8 correias de couro, que eram

nas amarrados com oito correias de couro, que apertadas com o torniquete, provocavam insuportáveis hematomas e inchações nos membros do infeliz.

De mais de quinhentos processos de sodomitas presos por nós examinados, este fancho luso-baiano foi o único a ser torturado duas vezes. Foi condenado a dez anos de degredo para Angola – lá chegando na mesma quadra em que o poeta baiano Gregório de Matos cumpria sua deportação.

Luiz Delgado é de todos os sodomitas da Bahia, o mais pertinaz e com a biografia homoerótica mais documentada. Um gay incorrigível e apaixonado!

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4769; Inquisição de Évora, Processo 4995; Mott, *O Sexo proibido*, p. 75-129)

#### **96. LUIZ FERREIRA DE NORONHA,**

*Soldado, Capitão da Guarda do Governador da Bahia, D. Antônio Luiz Gonçalves da Câmara Coutinho.*

É o poeta Gregório de Matos, com sua pena fescenina e homofóbica, quem denuncia a amizade nefanda entre este soldado e o governador Câmara Coutinho. Em vários poemas do Livro Primeiro de suas *Obras Completas*, o Boca do Inferno ridicularia Luiz Ferreira de Noronha, chamando-o de "pagem meretriz" e "capitão mulher"

(Gregório de Matos, p.204)

#### **97. LUIZ MARTINS DE SIQUEIRA (1649)**

*Natural de Lisboa, 28 anos, casado com Paula da Silva, filho de Baltazar Monteiro de Siqueira.*

Em seu processo na Inquisição de Lisboa consta a informação: "esteve na Bahia" [e Índias de Castela e Cabo Verde]. Na década antecedente à sua prisão, Luiz Martins de Siqueira teve cópula carnal com cinco cúmplices, três dos quais, frades residentes em conventos lisboetas. Degredado por 6 anos para a Bahia "ali chegando o réu foi infamado [de ter sido sentenciado por sodomia], então retornou a Lisboa para buscar a mulher." Preso por nove meses, embarcou de volta para o Brasil com a mulher e filho – trazidos como "álibi" para demover sua má fama.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 7934)

#### **98. LUIZ MOREIRA, Frei (1610)**

*Monge Beneditino, 42 anos, letrado e pregador, Examinador das Ordens Militares, morador em Lisboa, viveu na Bahia.*

---

fortemente apertadas, variando o número de voltas de acordo com a gravidade das denúncias confrontadas com as omissões do confessante.

Confessou-se perante a Mesa do Santo Ofício de Lisboa, ter cometido práticas homoeróticas com oito cúmplices, todos beirando os 20 anos – diversas vezes no Reino, a maioria na América Portuguesa onde residiu por três anos na qualidade de Abade Primacial na Ordem de São Bento. Residiu no *Mosteiro de São Sebastião*, na Bahia, onde, por quatro a cinco meses, foi amante de seu criado **Jorge**, mameluco, 18 anos, “estando deitados ambos na cama em sua cela, com as calças embaixo, e o dito Jorge deitado de bruços e ele declarante em cima, lhe meteu sua natura no seu traseiro derramando nele semente... e este mesmo abominável pecado cometeu várias vezes de dia e de noite em outras partes, também nas fazendas do mosteiro.”

Ainda em Salvador, “cometeu este mesmo pecado pelo espaço de um ano com **Manoel de Bairros**, 18 anos, estudante no Convento da Bahia, filho do escrivão da Câmara de Olinda, continuando neste pecado por um ano”, o mesmo praticando com **Frei Manoel Cabral**, 20 anos, monge do mesmo convento, natural do Rio de Janeiro, filho do Procurador da Fazenda, Bento Cabral. Com todos seus cúmplices, confessa o Abade que além da sodomia, praticava a *punheta e coxeta*.

Voltando do Brasil para o Reino, passados dois meses, “cometeu o mesmo pecado com um moço de 20 anos cujo nome não sabe...”. Como confessou suas culpas sem ter sido anteriormente denunciado, conforme previam os Regimentos do Santo Ofício, foi tratado com clemência: admoestaram os Inquisidores que não caísse mais em outras culpas e que fosse em paz. Frei Luiz Moreira, Abade Primacial, é a mais graduada autoridade monástica conhecida do Brasil praticante do “pecado que não ousava dizer o nome”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando, fl. 24, 23-8-1610)

#### **99. MANOEL DA COSTA (1644)**

*Natural e morador em Lisboa, criado de Pero da Cunha, residente na Anunciada, sabe ler e escrever, filho de Bento Carneiro, alfaiate e Catarina da Costa, cor "trigueiro".*

O Santo Ofício de Lisboa o degredou para a Bahia pelo crime de sodomia. Confessou diversos atos sodomíticos com quatro cúmplices, entre frades e leigos. Destinado primeiramente à vila do Recife, foi desembarcado na Bahia, conforme atestado do mestre da caravela Nossa Senhora da Salvação. “Obrigando-se a entregá-lo ao governador da Bahia com a carta do Santo Ofício” em 15 de janeiro de 1646. Aos 30 de junho do mesmo ano, o escrivão da Câmara de Salvador, Antônio Camelo, diz haver recebido as cartas de 3 degredados, entre eles Manoel da Costa, “cujos nomes ficaram registrados no Livros dos Degredados.” Infelizmente, não há notícia deste livro nos arquivos lusobrasileiros.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 10340)

#### **100. MANOEL DA COSTA (1656)**

*Estudante natural de Coimbra*

Em maio de 1656 embarcou do Porto para a Bahia, entrando no Noviciado no Convento dos Franciscanos de Salvador. Quatro meses após "foi despedido por indisposição". Alguns meses depois, preso pela Inquisição de Coimbra, confessa que já aos 13 anos tivera sua iniciação homoerótica com outro estudante, sendo sempre agente e paciente.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Coimbra, Caderno do Nefando n.2, [145-5-25], fl.234, 29-8-1656)

#### **101. MANOEL DE SOUSA (1680)**

*Jovem e guapo, sem ofício.*

De acordo com a denúncia do Promotor Fiscal da Bahia, o romance de Manoel de Sousa com violeiro e comerciante de tabaco **Luiz Delgado** "causara notória impaciência na mulher do segundo pois exercitava seu nefando apetite com o rapaz, que além de ser bem figurado de rosto e gesto afeminado, o mais velho o trata e estima como sua própria pessoa, dando-lhe roupas e comida, sem ser parente."

Outra testemunha, um sócio do tabaqueiro, presenciou o senhor Delgado levantar-se da cama de sua mulher e ir para o quarto de Manoel de Sousa "e via-o beijar na cara e boca, como se fora sua própria mulher, e dizer-lhe palavras e colóquios como se fora um amante à sua dama". Florença, a mulher de Luiz Delgado chegara a declarar: "Este moço, Manoel de Sousa, me descansara de meu marido porque o beija e o abraça".

Era "público e geral na cidade da Bahia, entre brancos e pretos, que Luiz Delgado comete o pecado da sodomia nefadamente com Manoel de Sousa."

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 4769)

#### **102. MANUEL ABREU MACHADO (1630)**

*Criado de um desembargador, 21 anos*

Alistou-se na Armada da Restauração da Bahia (1624), sendo ativo e passivo, por diversas vezes com um soldado embarcado, **Pedro César** – mantendo com o mesmo três atos homoeróticos quando acantonado na Bahia.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando, V - fl. 194, 7-12-1630)

#### **103. MANUEL DE BAIROS (1610)**

*Estudante, 18 anos, natural de Pernambuco, filho do escrivão da Câmara de Olinda, residente no Mosteiro de São Bento da Bahia.*

Durante o período de um ano, foi amante de **Frei Luiz Moreira**, 42 anos, Abade Primacial da Ordem Beneditina do Brasil, quando ambos residiram no *Mosteiro de São Sebastião* da Bahia.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando - 2, fl. 24, 23-8-1610)

**104. MANUEL FERNANDES (1689)**

*Sapateiro, morador em Sergipe do Conde.*

Denúncia do Familiar do Santo Ofício Francisco Fonseca Vilasboas que Manuel Fernandes cometeu várias vezes alguns mulatinhos e outros escravos dos vizinhos, persuadindo-os com palavras para que praticassem "atos torpes" e perseguindo-os em partes esquisitas. Segundo algumas testemunhas, ele já viera infamado de sodomita de Sergipe del Rei.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 14, fl. 105, 19-7-1689)

**105. MANOEL DA MAIA (1618)**

*Dono de um trapiche de melado, cristão-novo, 40 anos, casado, natural de Lisboa, morador na Praia Grande junto desta cidade.*

Aos 17 de setembro de 1618, na Igreja do Colégio dos Jesuítas na cidade da Bahia, sem ser chamado, compareceu Manoel da Maia perante o Inquisidor Marcos Teixeira, confessando que haveria 16 anos, cometeu quatro ou cinco vezes o pecado nefando de sodomia nesta cidade, com **Martim Carvalho**, fidalgo, já defunto, tanto em sua casa no Terreiro do Colégio, como em outras casas junto a porta de São Bento, metendo ele confitente sua natura no corpo do dito Martim Carvalho pela parte traseira e derramando a semente genital."

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.441)

**106. MANUEL ROIS (1646)**

*Moço, morador na Bahia.*

Consta em seu processo no Tribunal do Santo Ofício de Lisboa que foi apalpado pelo **Padre Antônio Souza** enquanto lhe perguntava "se tinha boas pernas", fazendo-lhe descer as meias, mostrando-lhe suas meias e ligas.<sup>66</sup>

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

---

<sup>66</sup> Na época, os homens de melhor condição usavam calções atacados, com meias que cobriam as pernas até os joelhos.

**107. MANUEL DE TÁVORA (1656)**

*Soldado, 30 anos, morador na Ilha de Madeira.*

Denúncia constante no Caderno do Nefando da Inquisição de Lisboa: na vila de Matoim, a 5 léguas de Salvador, estando Manuel Távora numa barraca com outros soldados, “pegou na natura de um outro e quis beijá-lo, virando-lhe as costas.” Assustado, o outro soldado tentou feri-lo com uma espada e deu parte do ocorrido às outras pessoas.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, fl. 407, 29-6-1656)

**108. MARCOS DIAS CHAMORRO (1644)**

*Soldado, solteiro, 21 anos, natural de Coimbra, morador em Lisboa, filho de Familiar do Santo Ofício, mercador; meia estatura, começa a ter barba, serve a Dom Pedro Castelo Branco, preso em 1644.*

“Esteve na Bahia com o Marquês de Montalvão” (1640), o primeiro Vice Rei do Brasil, José Mascarenhas. Apesar de ter confessado apenas quatro atos sodomíticos com dois fanchonos e mais quatro cópulas anais com prostitutas, foi degredado por dez anos para Cacheu (Guiné), porém, por influência de seu pai, Familiar do Santo Ofício, foi embarcado para o Brasil em 1652, assentando praça como soldado. Cometeu dois homicídios, na Bahia e no Rio de Janeiro, retornando a Miranda, onde completou o resto do degredo.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 10329)

**109. MANOEL CANAL (1618)**

*Clérigo, natural de Salvador*

Quando servia de pagem na casa do Bispo D. Antônio Barreiros, cometeu diversas vezes o abominável pecado de sodomia com **Eliseu Lopes**, sendo paciente.

(*Segunda Visitação*, Confissões da Bahia, p.455)

**110. MANOEL DA COSTA (1656)**

*Estudante, 20 anos, morador em Coimbra.*

Declarou perante o Santo Ofício de Coimbra que no ano anterior embarcara para o Brasil, onde tomara o hábito no *Convento de São Francisco da Bahia*, aí permanecendo por quatro meses. Confessou ter cometido por três vezes o nefando “vício dos clérigos” com dois estudantes, “sendo agente e paciente”.



(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Coimbra, Caderno do Nefando, nº 2 [143-5-25], fl. 447, 29-8-1656)

**111. MANOEL DE LEÃO (1638)**

*Ourives e mercador.*

Tinha má fama em Salvador de ser praticante do "mau pecado". Consta que no entrudo de 1645, foram encontrados masturbando-se reciprocamente Manoel de Leão com **Bartolomeu Ferreira**, na Torre da Sé da Bahia, conforme testemunhou o Padre Simão Ferreira.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**112. MARIMBONDA (168?)**

*Mulata moradora em Salvador, último quartel do século XVII*

Num soneto satírico, Gregório de Matos narra uma cena de sensualidade lésbica, envolvendo a negra Marimbonda e Luiza Sapata<sup>67</sup>:

"Marimbonda, minha ingrata, tão pesada ali se viu,  
que desmaiada caiu, sobre Luiza sapata,  
viu-se uma e outra mulata em forma de sodomia,  
e como na casa havia tal grita e tal confusão,  
não se advertiu por então o ferrão que lhe metia..."

(Gregório de Matos, 1965, p.625)

**113. MARTINS (1651)**

*Estudante no Colégio da Companhia de Jesus da Bahia, 16 anos.*

Consta no Caderno do Nefando da Inquisição de Lisboa que na época em que era estudante, manteve um ato homoerótico, "sendo paciente" com **Frei Gaspar de Santo Agostinho**, 42 anos.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 9, fl. 123, 3-7-1651)

---

<sup>67</sup> Não temos condição de afirmar se foi mera coincidência que esta provável lésbica tenha como apelido exatamente o termo como as lésbicas são hoje conhecidas: *sapatas*, *sapatilhas* e *sapatonas*. O "ferrão" citado pelo poeta pode tanto referir-se ao clitóris avantajado como a um falo artificial, como o usado na Bahia por Isabel Antônia (Cf. n.21)

**114. MATEUS LOPES (1646)**

*Mulato, “pequeno de corpo, acompanha seu senhor nas comédias fazendo a figura de um bugio [macaco], dançando com um pote na cabeça”.*

Era infamado de somítigo: “se dizia por esta cidade da Bahia que levando enganado um homem para o mato, este lhe dera três cutiladas e estocadas. Antes, estendera uma capa no chão dizendo: já muitos homens de bem haviam deitado naquela capa.” Ficou bastante ferido com a agressão, “a perigo de morte”. Testemunhas ouviram-no declarar nesta ocasião: “Tantas vezes pedi a Deus que me tirasse desta ruim manha.” Confessou que “só fizera as punhetas com o soldado, não somitigaria.” Salvo erro, talvez o mulato Mateus Lopes seja o primeiro ator de teatro cômico conhecido no Brasil, quiçá nas Américas.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**115. MATIAS DA SILVA (1646)**

*Estudante, morador na Bahia.*

Infamado de ter mantido relação homoerótica com o **Padre Amador Antunes** – este jovem migrou para o Rio de Janeiro onde foi aceito como noviço na Companhia de Jesus.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**116. MIGUEL (1653)**

*Escravo, natural de Angola, morador na Bahia.*

Seu senhor, **Afonso Castelhana**, 42 anos, confessou ter mantido diversos atos lascivos com ele, não passando de “connatus”, i.e., tentativa de penetração, sem contudo chegar à “sodomia perfeita”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 10, [nº 143-6-36], fl. 9, 27-3-1653).

**117. MOÇO ALTO DE BARBA PRETA (1634)**

Lourenço Fernandes, 25 anos, natural de Setúbal, apresentou-se perante o Bispo da Bahia, Dom Pedro da Silva, dizendo que há vinte dias tomara conhecimento com um moço de 25 anos com as seguintes feições: alto, barba preta, doente de um pé, calção branco, roupeta parda, carapuça na cabeça. Este moço dizia já ter vivido na Itália e andado nas galés de Espanha.

Disse que estando ambos sentados uma noite no cais da praça da Bahia, este moço perguntou-lhe: “Quereis fazer-me uma graça... e respondendo que faria de boa vontade se pudesse, lhe disse sim, que podia, e que em sua mão a tinha. E tornando-lhe ele testemunha, perguntou: que posso fazer e o que tenho eu em minha mão? Em vossa mão a tendes se a quiserdes fazer, e eu não a posso aqui dizer. Vamos a outra parte. E indo andando para outro lugar na mesma praia, mais escuro, sentaram. Aí lhe disse ele tes-

temunha que dissesse o que era, para que pudesse fazer, que o faria. Quero-vos a vós. Quero-vos dormir por detrás, e lhe pegou por um braço, e ele testemunha afastando o braço disse: Que se vá embora, não o tente o diabo [pois] aquilo era caso da Santa Inquisição e que o poderiam queimar. Então o moço disse: não falemos mais nisto, e se afastaram e se foram."

Passados quatro dias, o mesmo moço convidou a Lourenço Fernandes para ir dormir no trapiche e ao recusar, praguejou: "que se fosse com todos os diabos".

Outro rapaz de 20 anos denuncia a mesma tentativa de sedução por parte do delatado.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno Nefando - VI, [143-6-33], fl. 380, 2-11-1634)

### **118. NISE (final do século XVII)**

Provavelmente nome poético de famosa lésbica de Salvador, no último quartel do século XVII, cantada por Gregório de Matos, o Boca do Inferno, por quem teria sido desprezado:

"Foste tão presta em matar-me, Nise, que não sei dizer-te,  
se em mim foi primeiro o ver-te, do que em ti o contentar-me..."

A vista nunca repara, no que dentro d'alma jaz  
E pois tão louca te traz, que só por Damas suspiras  
Não te amara, se tu viras, esse vício a que te dás...

Que rendidos homens queres, que por amores te tomem?  
Se és mulher não para homem, e és homem para mulheres?  
Se por amor nem por arte  
De nenhum deixas tomar-te e tomas toda a mulher!"

(Gregório de Matos, 1965, p.1631)

### **119. PANTALEÃO VASCONCELOS (1646)**

*Criado, 17 anos, sobrinho do Abade do Mosteiro de São Bento, Frei Inácio, serviçal de André Vidal.*

Confessou-se perante o Comissário do Colégio da Companhia de Jesus, na Grande Inquirição, que **Frei Simeão**, convidou-o a ver um livro no claustro do Mosteiro Beneditino de Salvador e na sala do Capítulo, num corredor, "começou a beijá-lo muitas vezes pedindo que tirasse a capa, respondendo ele: que fosse Vossa Reverência tirar a capa a quem quisesse!", indo embora do convento.

Segundo denúncia do Desembargador Francisco Bravo da Silveira, Pantaleão segredara-lhe que o dito beneditino apalpara-lhe dizendo "que deixava fazer em si o que os homens faziam às mulheres..." Disse mais, ter ouvido o jovem Pantaleão declarar: "não

sei como se não fundiam as casas [de **Inácio Antunes**] devido às sodomias que nelas havia..."<sup>68</sup>

Após permanecer alguns dias no Engenho dos Beneditinos, retornou dizendo a seu tio abade: "V. M. não permita que em lá esteja entre aqueles frades, porque um deles, **Frei Jerônimo**, à força, me cometeu e quis usar mal de mim no pecado nefando", admirando-se, posteriormente, que o abade tinha se contentado em proibir ao frade de dizer missa por sete ou oito dias.

A partir deste episódio, o ex-governador de Angola repreendera discretamente ao abade com estas palavras: "Viu Vossa Mercê que já prendem [no Reino] pelo pecado nefando? Pois agora querem prender [na Bahia] para que o cometam!"

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29, 1646)

### **120. PERO GARCIA (1618)**

*Senhor de quatro Engenhos, cristão-velho, ("da nação por parte do pai") 48 anos, natural de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, Açores, casado, morador em Peroaçu, na Bahia de todos os Santos, sabe ler e escrever.*

Na Segunda Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, perante o Inquisidor D.Marcos Teixeira, disse que alguns anos após "o tempo em que deram as bexigas nesta terra, vencido do apetite da carne, cometera o pecado nefando de sodomia por algumas vezes, a primeira em umas casas suas defronte de Nossa Senhora da Ajuda, com um mulato seu, forro, por nome **Joseph**, quatro ou cinco vezes, de noite, depois da gente recolhida e portas fechadas, metendo ele confitente sua natura no corpo do dito cúmplice pela parte traseira, derramando a semente da geração." Igual somitigaria, por três ou quatro vezes, cometeu na mesma casa com outro mulato, cujo nome não lembra, filho de Henrique Fernandes, cristão-novo, já defunto, agora servindo ao licenciad

o Felipe Thomas de Miranda, advogado. Disse mais que cometera igual pecado com um seu mulato cativo, **Bento**, por nove ou dez vezes, seja em sua casa em Peroaçu, seja na casa atual em que mora no Terreiro do Colégio de Jesus – hoje o mulato Bento mora no Rio de Acu e "cura de cirurgião". Igualmente há mais ou menos seis anos, lembrou-se ter cometido duas ou três vezes o mesmo pecado nefando com **Jacinto**, um moleque negro, seu cativo, que teria na época de 6 a 7 anos. Perguntado pelo Inquisidor se havia alguma testemunha de tantas somitigarias, respondeu que "duas negras da terra, Juliana e Inês, chamavam ao mulato Joseph "manceba de seu senhor".

Foi também denunciado na Segunda Visitação (1618) por Paulo Afonso, 47 anos, cristão-velho, casado. Disse que há quatro ou 5 anos, duas negras do denunciado – Inês e Juliana – contaram-lhe que seu senhor "chamava ao mulato **Joseph** de sua manceba" e que por muitas vezes, depois de jantar, viam Pero Garcia entrar para o quarto, cerrar as janelas, "estando em cima do dito cúmplice". Disse que as negras "são mui ladinas e criadas entre gente branca e lhe parece que falavam a verdade". E que um moço de nome

---

<sup>68</sup> Esta era um credence corrente desde a Idade Média, referida em outros processos inquisitoriais, supondo-se que a ira divina era capaz de enviar raios para fundir as casas onde viviam sodomitas.

Gaspar que servia ao denunciado se lhe saíra de casa por não querer cometer o pecado nefando com seu senhor.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.445-446; Denúncias da Bahia, 12-9-1618, p.113*)

**121. PERO MENDES (1618)**

*Serviçal, 25 anos, "de nação", natural de Lisboa, morador em Salvador, filho de Manoel Antunes e Maria Mendes, defuntos, mestre de primeiras letras, serve a Simão Fragoso, mercador*

Confessou que há 4 anos, cometeu quatro ou cinco vezes o pecado nefando com um mourisco, **Fulano Batista**, cozinheiro do Governador Vasco de Sousa Pacheco. Disse que "dormiram carnalmente num mato fora da porta de Santa Luzia, "metendo o mourisco sua natura, por traz, no corpo dele confitente e da mesma maneira outras duas ou três vezes, em uns matos abaixo do açougue." Terminou declarando-se muito arrependido, tanto que deixara de dirigir a palavra ao cúmplice, pedindo perdão e misericórdia ao Inquisidor por tão grave pecado.

(*Segunda Visitação, Confissões da Bahia, p.412*)

**122. SIMEÃO, Frei (1646)**

*Monge Beneditino do Mosteiro de São Sebastião da Bahia.*

Denunciado por Pantaleão, sobrinho do abade do dito convento, de ter tentado seduzi-lo com beijos e carícias dentro da sala do Capítulo, convidando-o para aquela parte interna do mosteiro sob o pretexto de lhe mostrar um livro encadernado, dizendo: "que o deixasse fazer em si o que os homens faziam às mulheres, querendo tirar-lhe a capa". Três mulatos do mosteiro declaram que este frade "os cometia para o nefando" e o negro Mateus via-o cometendo fanchonices com outro preto no corredor do mosteiro.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**123. SOBRINHO DO OURIVES LOPES (1646)**

*Natural de Évora, residente em Salvador.*

O soldado Bernardo Cabral, 22 anos, disse que o sobrinho do ourives Lopes, convidou-o "para fanchonice não para somitigaria". Acertaram para encontrar-se de noite, fazendo-se este acompanhar por mais dois soldados, os quais deram muita pancada no fanchono, "e o botaram para fora de casa."

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, nº 29)

**Século XVIII**

#### **124. ANA JOAQUINA (1781)**

*Mulher desquitada do Capitão Joaquim Tomás Gomes, moradora em Salvador*

Por ordem do Governador da Bahia, o Ouvidor do crime, Dantas de Mendonça, fez uma sindicância em 1781, para saber dos costumes de Ana Joaquina, que encontrava-se enclausurada no Recolhimento da Misericórdia, "onde levava vida escandalosa pelas excessivas amizades que contraía com outras mulheres do mesmo recolhimento, chegando até a meter e ocultar dentro da cela outras mulheres para o mesmo pecaminoso fim".

O parecer do Magistrado sobre o mal proceder desta lésbica foi contundente: "Não me parece justo que se dê liberdade para Ana Joaquina pecar, pois fora do Recolhimento não tem de que se possa alimentar, senão do mesmo pecado e me consta que tem quem a persuada a sair."<sup>69</sup>

(Arquivo Público do Estado da Bahia, Cartas do Governo, 13-7-1781; documento gentilmente indicado pelo Prof.Dr. Roberto Albergaria, UFBA)

#### **125. ANTÔNIO ANASTÁCIO (1750)**

Perante o Comissário do Santo Ofício de Salvador, Padre Germano de Almeida, compareceu Domingos Vieira, contra-mestre da nau Nosso Senhor Montalegre, que veio da Índia, denunciando que Antônio Anastácio e **José do Pilar** fugiram de Goa "por usarem mal de seus corpos em atos de *sidomia*"<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> Ainda durante a vigência do Tribunal do Santo Ofício, o lesbianismo aparece neste caso reprimido não pela Igreja mas pelo Governo civil, embora nas *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia* constasse um parágrafo prevendo a perseguição das praticantes da "sodomia faeminarum"(n.964)

<sup>70</sup> O abominável pecado de sodomia aparece escrito nos manuscritos do Santo Ofício com diferentes grafias: *sidomia*, *sedomia*, *sudomia*, *sadomia*, etc. Tabu tão grande cercava o "mau pecado", que as pessoas tinham até dúvida como escreve-lo corretamente.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 90, 15-6-1750)

**126. ANTONIO DE GUIZERONDE, Padre (1730)**

*Jesuíta, Reitor do Colégio da Companhia, em Salvador*

"No Colégio da Bahia foi reitor o **Padre Antônio de Guizeronde**, o qual viveu com notável escândalo todo o tempo de seu reitorado. Tinha dois recoletos no Recolhimento, Francisco de Seixas e Luiz Alves, pelos quais fazia incríveis excessos, indo alta noite, descalço e com chave falsa, ao Recolhimento, ter com eles. Até o Padre Antônio Moreira que andava não menos fadário, fez-lhe uma horrível sátira, por cujo motivo esteve preso muito tempo em grilhões e corrente e ultimamente o despediu. Que excessos não fez o **Padre André Vitoriano** pelo recoleto **José Mariano**; o **Padre Manoel dos Santos**, por **João Xavier**; o **Padre Antônio Maria Escati**, por **José do Vale**; o **Padre José David** por **Manoel do Vale Freire** – em uma palavra, a casa do Recoletado do Colégio da Bahia mais parecia um lugar de mulheres perdidas que casa onde se criavam religiosos...

A prostituição dos mestres com seus discípulos era tão grande e notória que me não atrevo a dizer, que poucos foram os mestres naqueles pátios que não tivessem declaradamente seus amásios. Tudo isto que tenho dito é trivial na Bahia, principalmente entre os alunos daqueles pátios."

Informa mais este indiscreto documento que para sustentar essas torpezas, os jesuítas fanchonos faziam grandes furtos – até as velas dos altares roubavam, com muitas falcatruas e violências. As mesmas obscenidades cometiam também em Santo Amaro, Ilhéus, São Francisco do Conde e na Quinta dos Lázaros.

(Padre Cepeda: Relação sobre o deplorável estado a que chegou a Companhia de Jesus nesta Província do Brasil", Ofício de D. Antônio do Desterro, ao Rei, 20-2-1761, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Lata 117, n.18)

**127. ANTÔNIO MARIA ESCATI, Padre (1730)**

*Sacerdote Jesuíta do Colégio da Bahia.*

Segundo denúncia do Padre Cepeda, este clérigo mantinha relação homoerótica bastante pública com **José do Vale**, recoleto do Colégio.

(Padre Cepeda: Relação sobre o deplorável estado a que chegou a Companhia de Jesus nesta Província do Brasil", Ofício de D. Antônio do Desterro, ao Rei, 20-2-1761, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Lata 117, n.18)

**128. ANTÔNIO LOPES (1756)**

*Casado, vive de criar gado, morador no lugar das Barracas, distrito da vila de Jacobina, por alcunha "Miúdas".*



“Tem em sua casa um *fâmulos*<sup>71</sup> pardo o qual é muito público estar amancebado no pecado de *sedomia*”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 130, 9-1-1756)

**129. APOLINÁRIO (1749)**

*Escravo crioulo, morador num sítio na freguesia de Nossa Senhora da Purificação, bispo da Bahia.*

O Vigário José Nogueira da Silva denunciou ao Santo Ofício que o escravo Apolinário, crioulo, era amante de seu senhor, o sitiante **Francisco Correia Figueira**, tanto que “foram vistos na casa de purgar, num canto secreto, e passados um tempo, este negro saíra atando os calções”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 56, 3-2-1741)

**130. DANIEL PEREIRA (1748)**

*Presidiário, negro africano, 40 anos, solteiro, escravo de José Henrique, negociante na Costa da Mina, residiu na Bahia, morador em Recife.*

O confessante disse ter sido i pilhado na Costa da África quando tinha 6 a 7 anos, “morou na Bahia, no sertão de Guarabé, sendo batizado na Vila do Santo Antônio.”

Preso na cadeia de Recife, foi passivo de nove detentos num total de 33 relações homoeróticas – estando entre os cúmplices, o alfaiate **Manoel Henrique**, branco, 29 anos, “natural da Bahia” e **Manoel Fernandes dos Santos**, pardo, 40 anos, que também residiu na Bahia.

Condenado a dez anos de galés, no Auto de 20 de outubro de 1748, faleceu na enfermaria da cadeia aos 8 de janeiro de 1752.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 8760)

**131. FRANCISCO CORREIA FIGUEIRA (1749)**

*Morador na Vila de Nossa Senhora da Purificação, Bispo da Bahia, casado com dona Teresa Teles.*

Conforme denúncia do Vigário José Nogueira da Silva, este sitiante era infamado de praticar o pecado nefando com seu escravo crioulo **Apolinário**. Segundo testemunho de uma mulher parda que criava uma filha do denunciando, ele e seu amante “foram vistos na casa de purgar, num canto secreto, e passados um tempo, o negro saíra atando os calções”. O próprio feitor do sítio do Taranife dizia que o réu “vive em discórdias contínuas

---

<sup>71</sup> *Fâmulos*: criado, servidor.

com sua mulher e esta, e as vozes públicas o chamava de somítigo, vivendo mal com ela por andar amancebado com seu crioulo”.

Segundo outra testemunha, já antes de se casar o réu “usava” de seu cativo e também ao escravo **José**. Um seu escravo crioulo recém comprado declarou: “se meu senhor queria me usar como usava dos demais, porém se enganara, porque antes haveria de fugir e não aparecer mais, e de fato fugira”. Outras testemunhas disseram que o réu “mofa desta culpa e quando o repreendem dela, diz ter muito dinheiro para se livrar...”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 56, 3-2-1741)

### **132. GASPAR, (1703)**

*Escravo, 24 anos, natural de Angola (Lobato)*

Seu senhor João Carvalho de Barros, seguidas vezes chamou-o para em sua cama copular com a crioula Domingas, e na mesma ocasião, “estava lhe pegando nas partes vivendas e depois dele estar em cima da crioula, lhe lançou seu dito senhor a perna por cima dele, porém não cometeu com ele o pecado nefando.” Outras vezes, chamando-o para sua câmara, João Carvalho de Barros “deu-lhe um beijo e cometeu molícias ...”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 15097)

### **133. INÁCIO PEREIRA (1755)**

*Crioulo forro que veio dos sertões.*

Denúncia feita por Antônio, crioulo, filho de negra Mina, escravo residente em São Gonçalo dos Campos da Cachoeira, bispado da Bahia, que certa noite, enquanto dormia, Inácio Pereira tentara sodomizá-lo à força quando “acordou oprimido e atacadado por detrás, pela grande dor.”

Outras testemunhas dizem que o delato é infamado deste pecado, confirmando que alguns mulatos e negros reclamaram terem sido assediados pelo mesmo. O Comissário do Santo Ofício da Bahia, Padre Afonso da França Adorno enviou a denúncia a Lisboa com o seguinte comentário: “Encaminho esta denúncia ao Tribunal da Inquisição com os olhos em Deus, temendo sua ira e os males que resultarem deste infame delito.”

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 152, 26-6-1757)

### **134. JOÃO CARVALHO DE BARROS (1703)**

*Lavrador, pardo, 26 anos, solteiro, natural de Nossa Senhora da Encarnação do Passé, morador em Nossa Senhora da Piedade do Matoim, rendeiro do engenho de Antônio Rocha Pitta, filho de Agostinho Carvalho, branco, e Maria de Barros, parda livre.*

O Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide, recebeu denúncia que João Carvalho de Barros “era infamado de cometer a culpa do pecado nefando com seus escravos... e para que tão enorme delito não ficasse sem castigo, mandou-o prender.” Por ordem de Sua Eminência, o escrivão da Vara do Meirinho Geral e um acompanhante partiram secretamente em diligência ao engenho do delato aos 23 de março de 1703, às 9 horas da noite, entraram por um buraco na estrebaria da casa, e com uma vela acesa na mão, surpreenderam João Carvalho de Barros “deitado na sua cama, com seu colchão, lençóis e cobertas, e nela estava juntamente o escravo **Joseph** deitado, o qual estava nu e só com uma tanga pela cintura, com suas partes vergonhosas descobertas, com a barriga para cima, e o dito João Carvalho, seu senhor, na mesma cama em camisa sem ceroulas, com uma perna acavalada sobre o dito negro”. E na mesma cama prenderam os amantes no tronco, sendo levados para o aljube de Salvador.

Passados dez dias da prisão, tem início uma inquirição canônica onde foram ouvidas 16 testemunhas, entre livres e escravos, os quais denunciam que João Carvalho de Barros tratava com especial mimo a dois cativos, **Joseph** e **Matias**, assim com à sua escrava Domingas, 30 anos, crioula, filha de angolana, a qual confirma que seu senhor “quase todas as noites dormia carnalmente com seu escravo Joseph como se fora sua mulher, pelo vaso traseiro, como ela testemunha viu por muitas e muitas vezes no decurso de 3 ou 4 anos que o comprou, e sabe porque seu senhor estava primeiro amancebado com ela há uns dez anos, e tanto que comprou Joseph, andados poucos dias, o mandou ir uma noite para a cama em que dormia o mesmo João Carvalho de Barros e onde ela já estava deitada, e depois de dormir carnalmente com ela, pelo vaso natural, mandou ao dito Joseph que dormisse também com ela. E na noite seguinte, mandou que Joseph se pusesse em cima dela pelo vaso natural e tanto que Joseph se pôs em cima dela, logo João Carvalho de Barros se pôs em cima do negro e pelo que diziam e ela sentia, conheceu claramente que ele estava metendo seu membro viril pela parte posterior do corpo do dito negro e que lá dentro derramava sua semente porque eles mesmos o diziam no dito ato...”

Havia murmuração entre os moradores circunvizinhos ao dito Engenho de que João Carvalho de Barros praticava cópula anal com sua amásia Domingas embora ela negasse declarando que “preferia ser cativa de um turco do que sofrer tal coisa”.

Um morador do Caboto, Estêvão da Silva, delatou que entrando certa vez bem cedo na câmara de João Carvalho de Barros, lá estava em sua cama o negro Matias, “e dizendo-lhe que não parecia bem estar com seu escravo na cama e que já isto o mundo murmurava, ao que respondeu o dito João Carvalho: que fosse governar a sua casa, e que ele sabia muito bem o que fazia.” Duas crioulas, Maria da Conceição e Andreia – esta última escrava e moradora no Engenho de Antônio Rocha Pitta, suas ex-amantes, negam que o acusado tenha praticado atos sodomíticos com elas próprias ou com seus cativos.

Manda o Arcebispo argüir cinco escravos do acusado: **Gaspar**, 24 anos, angola, natural de Lobato confirma ter participado tanto de “*menage à trois*”<sup>72</sup> com Domingas e seu senhor, como também ter sido masturbado pelo mesmo; **Joseph**, 25 anos, natural de Benguela, vivendo no Brasil há 5 anos confessou que seu senhor “o obrigava não só com meiguices mas com castigos rigorosos de açoites, e consentia por ser ignorante e recear

---

<sup>72</sup> *Menage a trois*: expressão francesa contemporânea relativa ao ato sexual onde participam três pessoas, também conhecido popularmente por *suruba* [do tupi suru'βά], orgia sexual em que participam mais de duas pessoas.

os castigos, e como ele também tiveram cópulas juntos os três, os escravos **Mateus, Gonçalo, Garcia, Loango, João Barbeiro, Matias**, todos seus cativos.”

Aos 5 de maio do mesmo ano é ouvido em confissão o próprio acusado. Diz João Carvalho de Barros que há oito anos passados, sofrendo, seu escravo Matias, grave queda de um cavalo, mandou que deitasse ao pé de sua cama e para o curar com cuidado. E que devido a esta proximidade, nesta ocasião, “pegou algumas três vezes nas partes vivendas do moleque e as metia na sua própria boca”, confirmando ter praticado a dita suruba com a crioula Domingas.

Declarou mais que “fora o diabo que o levava para a cama com os negros e tentando-o o demônio, esteve buscando as partes vivendas do negro Joseph quando naquela ocasião entrou o meirinho em sua casa. E que estas tentações começaram quando há quatro anos, estando uma noite em companhia de alguns escravos seus, e vendo-os nus, como eles costumam andar, se lhe excitou a appetite e desejo de pecar com eles.”

Passados quatro meses, aos 9 de setembro de 1703, o Arcebispo Monteiro da Vide enviou ofício ao Tribunal de Lisboa informando que dois dos pretos cúmplices nesta nefanda suruba haviam morrido na prisão e os outros culpados fugiram para o sertão, motivo pelo que embarcava apenas João Carvalho de Barros na nau Pureza do Céu, do Capitão Antônio Vaz Salgado, pagando pela passagem 32\$000 réis em moedas de ouro – fruto do seqüestro dos bens do acusado. Qual teria sido a causa mortis dos dois escravos sodomitas na prisão? Curra, assassinato, banzo, doença venérea?

Infelizmente, após o embarque do réu no porto de Salvador, nada mais consta neste processo: o que sucedeu com João Carvalho de Barros é uma incógnita. Talvez também ele tenha morrido durante a travessia atlântica, pois caso tivesse chegado vivo aos cárceres da Inquisição, teria sido julgado e constaria em seu processo o desfecho de tais fatos.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 15097)

### **135. JOSÉ (1749)**

*Pardo, feitor na Fazenda do sargento mor Domingos Magalhães, na freguesia de São Gonçalo dos Campos.*

Na visita pastoral realizada nesta freguesia, denunciou-se ser “público e notório que José é somítigo”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 58, 23-1-1749)

### **136. JOSÉ DAVID, Padre (1730)**

Jesuíta do Colégio da Companhia de Salvador

Referido na denúncia do Padre Cepeda, enviada pelo bispo D. Antônio de Desterro à Corte, como amante do seminarista **Manoel do Vale Freire**, interno no Recoletado da Bahia.

(Padre Cepeda: Relação sobre o deplorável estado a que chegou a Companhia de Jesus nesta Província do Brasil", Ofício de D. Antônio do Desterro, ao Rei, 20-2-1761, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Lata 117, n.18)

**137. JOSÉ DE PILAR (1750)**

Perante o Comissário do Santo Ofício de Salvador, Padre Germano de Almeida, compareceu Domingos Vieira, contra mestre da nau Nosso Senhor Montalegre, que veio da Índia, denunciando que **Antônio Anastácio** e José do Pilar fugiram de Goa “por usarem mal de seus corpos em atos de *sidomia*”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 90, 15-6-1750)

**138. JOSÉ RIBEIRO DIAS, Padre (1745)**

*Sacerdote, 55 anos, natural de Braga, morador em Paracatu (MG), filho de Manoel Ribeiro Dias, mercador, e Isabel Francisca, proprietário de 27 escravos.*

Em seu processo consta a informação: “viveu na Bahia”. Acusado de ter mantido “atos desonestos de molície e atos nefandos sodomíticos pelas partes traseiras” com dezenas de mulatos e negros de Minas Gerais e por onde andou.

Ouviu sua sentença no Auto de Fé de 24 de setembro de 1747: teve seus bens confiscados, as ordens sacras suprimidas para sempre, privado de qualquer ofício e benefício, degredado por dez anos para servir nas galés del Rei. Após sete anos acorrentado, teve o resto de sua pena comutada. Apesar de “se achar na suma indigência e pobreza, obrigado a mendigar para se sustentar e vestir”, não obteve a misericórdia da Mesa Inquisitorial quando pediu para poder exercer de novo o ministério sacerdotal.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 10426)

**139. JOSEPH, escravo (1703)**

*25 anos, natural de Benguela, há 5 anos morando no Brasil – inicialmente fora escravo de André Moreira Coutinho.*

Comprado em 1701 por João Carvalho de Barros, segundo confessou o cativo, este seu senhor “o obrigava não só com meiguices mas com castigos rigorosos de açoites, a praticar o pecado nefando, e que consentia por ser ignorante e recear os castigos. Só foi paciente embora seu senhor solicitasse algumas vezes a ele que fosse o agente... Declarou mais que várias vezes estava ele, seu senhor e a crioula Domingas tendo cópula na mesma cama uns em cima dos outros.”

Ao ser perguntado no sumário ordenado pelo Arcebispo Dom Sebastião Monteiro da Vide se sabia a gravidade do mal que fazia ao praticar estes atos desonestos, respondeu que “era ele preto *tapanhuno*<sup>73</sup> e viera boçal da África, contudo sabia que era mui-

---

<sup>73</sup> *Tapanhuno*: designação comum, de origem tupi, aos negros africanos residentes no Brasil.

to grande o pecado porquanto na sua terra se castiga este pecado nefando logo com pena de morte e de fogo”<sup>74</sup>, pelo que muito se arrependia e pedia misericórdia.

Morreu no aljube da Bahia antes de ser enviado ao Tribunal de Lisboa.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 15097)

#### **140. LUCAS DA COSTA PEREIRA (1747)**

*Cirurgião, 54 anos, branco, solteiro, natural da Ilha da Madeira, Funchal, morador em Paracatu, filho de Manoel da Costa Pereira, mercador e Joana Teixeira.*

Lê-se em seu processo arquivado na Torre do Tombo: “percorreu toda a América Meridional, andando pelos sertões, em muitas terras, aldeias e arraiais, por ser chamado para curar, onde teve em diferentes ocasiões, inúmeros atos de sodomia como agente, sendo seus cúmplices quase sempre escravos – muitos ainda pagãos”.

Foi crismado em Cairu, no sul da Bahia, local em que manteve ato nefando com **Frei Antônio do Carmelo**, no Convento da Ordem Franciscana e com o negro **Sebastião Genaro**, angola, morador na Fortaleza do Morro de São Paulo. Quando percorria o sertão baiano, na região do rio São Francisco, sodomizou por cinco vezes a seu escravo **Inácio**, de nação Mina.

Foi sentenciado a 10 anos de galés, no Auto de Fé de 24 de dezembro de 1747. Após oito anos “em cadeias, falta de talentos para resistir a este rigoroso purgatório”, pediu pela paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo que lhe perdoassem o tempo faltante. Em 1755 recuperou a liberdade, já beirando setenta anos.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 205)

#### **141. MANOEL FERNANDES DOS SANTOS (1747)**

*Artesão, pardo, 40 anos, natural e morador de São Lourenço da Mata, Pernambuco, trabalhador de fazer meias e pentes, não sabe assinar o nome, filho de Bernardo Fernandes, escravo pardo e Florença, parda.*

Em seu processo consta que “morou na Bahia”. Preso há 22 anos no Forte das Cinco Pontas de Recife, era infamado de ter sodomizado ao preto **Daniel Pereira** e a mais dois escravos presos na mesma cadeia.

Levado ao Auto de Fé em Lisboa, aos 20 de outubro de 1748, foi condenado a dez anos de galés, e açoitado pelas ruas de Lisboa “*citra sanguinis effusionem*”<sup>75</sup>. Após 3

---

<sup>74</sup> A informação deste africano banto, de que na sua terra (Benguela), os praticantes do homoeroticismo eram condenados a morte, não corresponde a informações mais fidedignas, como do Padre Cavazzi, do Capitão Cadornega e do denunciante de Francisco Manicongo, (Cf. n.15), todos confirmando a presença institucional da homossexualidade tanto em Angola quanto nos reinos do Benin e Daomé. Cf. Mott, *O Sexo Proibido*, “Alternativas eróticas dos africanos e seus descendentes no Brasil escravista”.

<sup>75</sup> “*Citra sanguinis effusionem*”: expressão frequentemente encontrada nos processos da Santa Inquisição, significando que a flagelação do réu devia ser interrompida “antes que começasse a

anos acorrentado nas galés, provavelmente trabalhando como forçado nos estaleiros del Rei, conseguiu fugir sem deixar pistas. Foi o segundo morador da Bahia a escapar das garras da Inquisição.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 11607)

**142. MANOEL DOS SANTOS, Padre (1730)**

*Jesuíta do Colégio da Companhia de Jesus da Bahia.*

Em manuscrito enviado pelo Bispo D. Antônio do Desterro ao Marquês de Pombal, consta que no Colégio da Companhia de Jesus de Salvador, o jesuíta Manoel dos Santos mantinha amizade nefanda com o recoleto **João Xavier**.

(Padre Cepeda: Relação sobre o deplorável estado a que chegou a Companhia de Jesus nesta Província do Brasil", Ofício de D. Antônio do Desterro, ao Rei, 20-2-1761, Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Lata 117, n.18)

**143. MANOEL VIEIRA MARTINIANO (1765)**

*Morador em Ilhéus.*

Na Visita Episcopal realizada em São Jorge de Ilhéus, em 1765, tendo como Visitador o Padre Francisco Rodrigues Freitas, 35 testemunhas denunciaram que Manoel Vieira Martiniano "é tido e havido por sodomita usando deste pecado com muitos rapazes, principalmente com **Francisco**, escravo do Capitão Manoel Marques; com **João Gêge**, escravo de João Fernandes, do Porto de Tiriri, o qual ficara todo ferido na parte inferior, do que se queixa publicamente".

É igualmente acusado de viver pública e escandalosamente amancebado com a sergipana Maria da Silva, 23 anos "sem pejo nem temor de Deus", usando-a pela traseira.

Inculpam-no de gozar fama pública de ter pecado no nefando também com **Felipe, Maximiniano, João Antônio, Aleixo, Luiz Gêge, Gonçalo, Crispim**, "os quais lhes servem de pacientes, receosos das ameaças que lhes faz, levando-os à força e por violência." O supracitado episódio do Porto de Tiriri "era tão público e notório que não haverá morador nenhum na ilha de Ilhéus que o não saiba! O próprio escravo **Luiz Francisco**, 20 anos, nagô, morador no Tiriri, declarou que Manoel Vieira Martiniano sempre o procurava para praticar molícies e "uma vez, numa lancha, não podendo resistir, agarrou-o pelos intestinos com força e violência e serviu-se dele de paciente, e noutra ocasião chupou-lhe o membro viril". Este foi o único cúmplice a confirmar um ato de *sodomia perfeita* (penetração com ejaculação) pois os demais rapazes citados, na sua maior parte negros e escravos, acusaram-no de "fazer molícies: beijos, abraços, chupando a alguns o membro viril com suma complacência." O escravo **Gonçalo**, 18 anos, disse que "agitou seu mem-

---

sangrar". As torturas capitaneadas pela Igreja Católica eram um pouco mais brandas do que as praticadas pela Justiça Real: na sala de tormento do Santo Ofício havia obrigatoriamente a presença de um médico e cirurgião que controlavam os algozes para evitar a quebra de algum membro, sangramento ou a morte dos supliciados. As autoridades eclesiásticas não queriam deixar marcas e cicatrizes nos corpos de seus condenados, evitando assim a execração popular.

bro na boca do réu”, e Maximiniano de Azevedo confirmou terem praticado a molície por três vezes, sendo o réu paciente “beijando-lhe também o membro.”

Em dezembro de 1765 é concluída a devassa. Manoel Vieira Martiniano é preso na cadeia da vila de Rio de Contas, ficando imobilizado no tronco, conduzido a seguir, acorrentado para Salvador, (15-1-1766), onde fica preso no aljube por um ano e quatro meses. Após cuidadoso exame das denúncias os Deputados e Promotores da Mesa do Santo Ofício de Lisboa julgam que as culpas não eram suficientemente comprovadas para que o delato fosse remetido para ser julgado em Lisboa, ordenando sua soltura.

Inconformado com a violência de que fora vítima, Manoel Vieira Martiniano envia ofício aos Inquisidores informando que sua prisão fora resultado das intrigas do Capitão Manoel Marques e outros, que acusaram-no falsamente na Devassa. Reclama do atroz tormento de que fora vítima, preso por duas vezes num tronco com reles escravo, corrente no pescoço, grilhões nos pés e correntes nas mãos.

Apesar de terem sido numerosos os cúmplices de sexo oral e masturbação, de acordo com o casuísmo inquisitorial, como Manoel Vieira Martiniano só teria praticado uma sodomia perfeita, único ato homoerótico considerado criminoso susceptível levar o réu à condenação, os inquisidores relevaram todas as demais acusações, neste caso fazendo valer mais a "misericórdia" do que a "justiça" – os dois alicerces da casuística do Santo Ofício.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 386, 17-3-1766)

#### **144. MATEUS (1703)**

*Escravo, 25 anos, natural de Benguela*

Denunciou ao Arcebispo da Bahia, Dom Sebastião Monteiro da Vide, de que por sete ou oito vezes, seu senhor **João Carvalho de Barros** após pegar-lhe nas partes pudendas, mandou que se deitasse sobre a crioula Domingas enquanto o senhor estava “vendo o que ele fazia por haver luz na candeia que estava acesa”. Outra vez, depois que os negros tinham partido para a roça, João Carvalho de Barros foi com ele na senzala “perguntando donde tinha sua cama”, e mostrando-lhe, chamou-o seu senhor, mas ele desconfiando de sua maliciosa intenção, pegou no machado e se foi para a fazenda trabalhar.

Tal versão é contestada pelo escravo Joseph, benguela, que disse ter visto o escravo Mateus “de pé diante de seu senhor que o tinha abraçado com um braço pela cintura e com a outra mão lhe estava pegando nas partes vivendas...”.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 15097)

#### **145. MATIAS DOS PRAZERES GAYO, Frei (1756)**

*Carmelita calçado da Província da Bahia, 37 anos.*

Entregou ao Comissário do Santo Ofício Bernardo Germano de Almeida, no Hospício do Pilar, Salvador, a seguinte confissão:



“Remordido de sua própria consciência e temor de Deus mais do que outro castigo”, se acusa que quando tinha 18 para 19 anos, cometeu o pecado nefando com **Frei José de Jesus Maria**, carmelita da província de Pernambuco, persuadido de sua autoridade e ignorando a enormidade do delito e das penas, não sabendo ser matéria privativa do Santo Ofício. Declarou que nestes atos homoeróticos “sempre foi paciente e só uma vez agente, sob instância de seu superior. “

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Nefando, nº 20, fl. 134, 22-3-1756)

**146. TEOTÔNIO DO BOM SUCESSO (1723)**

*Mestre de meninos, 40 anos, natural e morador em Lisboa, solteiro, filho de Manoel Nunes, soldado da Guarda e Maria de Jesus.*

Em seu processo, na Inquisição de Lisboa, consta que “já esteve na Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco”. Preso a 9 de maio de 1723, foi acusado de ter mantido dezenas de cópulas com seus alunos de idade variando entre 9 e 14 anos. Condenado a dez anos de degredo nas galés a remo, foi sentenciado no Auto de Fé de 10 de outubro de 1723, sendo solto em 1728 para se cuidar de febre tísica.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processo 2664)

**Século XIX**

#### 147. A.A. (1898)

*Militar, 24 anos de idade, branco, solteiro, natural do Rio de Janeiro, de boa compleição física, temperamento sanguíneo-nervoso, soldado do 31º Batalhão de Infantaria, recolhido à penitenciária Engenho da Conceição, neste Estado da Bahia, por deserção desde a Guerra de Canudos*

"*Androfilista*<sup>76</sup> passivo francamente declarado. Na prática do *amor contra-naturalis*<sup>77</sup> encontra este indivíduo todas as sensações voluptuosas, de que necessita sua organização nervosa enfermiça. Os transportes ao mundo da volúpia são incomparavelmente superiores, neste indivíduo, aos paroxismos do *coitu per vaginam*<sup>78</sup>. É tal grau de sua obsessão lúbrica que muito lhe apraz discorrer a duração do místico transporte que é sempre proporcional ao tempo gasto na permanência do *virile membrum in anum*.<sup>79</sup>

Desde menino (11 anos) que entrega-se ao sacrifício do *amor grego*<sup>80</sup> sempre sob a forma de paciente, começando a masturbar-se aos 10 anos de idade por imitação dos outros. Seus pais, afirma o doente, foram sempre fortes e vigorosos; nunca sofreram de moléstias dos nervos. Um irmão é robusto, sadio e trabalhador. Muitos são os amantes que o rodeiam e dentre eles um destaca-se, **P.A.**, que extraordinário ciúme alimenta pelo *seu filho do coração*.

---

<sup>76</sup> *Androfilia, androfilismo e androfilista*: neologismos cunhados nos finais do século XIX, reunindo dois vocábulos gregos [andros=homem e filos=amigo, amante] usados respectivamente como sinônimos de homossexualidade e homossexual. Entre nós, o Dr. Domingos Firmino Pinheiro, natural de Alagoas, defendeu e publicou em 1898 sua tese, na Faculdade de Medicina e de Farmácia da Bahia, sob o título: *O Androfilismo*. Nesta tese são citados 29 "androfilistas" da Bahia, seus nomes resumidos em apenas duas iniciais, além de pequena descrição biográfica e clínica, onde os comentários moralistas do autor refletem a homofobia generalizada da época vitoriana.

<sup>77</sup> *Amor contra-naturalis*: amor antinatural

<sup>78</sup> *Coitu per vaginam*: coito vaginal

<sup>79</sup> *Virile membrum in anum*: membro viril no anus.

<sup>80</sup> *Amor grego*: sinônimo de homossexualidade, também conhecido como *amor dórico, vício italiano, vício nobre, vício dos clérigos, amor que não ousa dizer o nome*.

Abaixo damos, em sua íntegra [ipsis verbis] uma carta bilhete deste indivíduo que nos foi fornecida pelo próprio paciente, a fim de melhor ajuizar o leitor sobre o estado de efeminação mórbida de **A.A.** :

"Ao Meu Filho do meu Coração.

*Eu não poço dormir, só pensando em Você; porém se eu tiver Sorte de morar Comsigo nois viverá mais folgado e satisfeito.*

*Dinheiro não falta mais é perciso aver muito..(\*)*

*Nada mais. S.S.C. que muito lhe estima no Coração.*

*Penitenciária da Bahia, 23 de julho de 1898.*

*P.A."*

(\*) Diz Dr. Domingos Firmino Pinheiro: "Omitimos com reticência o que o indivíduo P.A., prisioneiro assassino, em desonesta frase, significava a *immissio membri in anum*." <sup>81</sup>

(Pinheiro, 1898, p. 78-79)

#### **148. A.C. (1898)**

*Marceneiro, 50 anos de idade, pardo, solteiro, de constituição fraca, temperamento linfático, crânio simétrico, de faculdade intelectual rudimentar, com estigmas físicos de invertido sexual, morador em Salvador.*

"É ardentemente apaixonado da *pedandrorastia* <sup>82</sup> à perpetração de crimes. Confessável vítima do *horror feminarum* <sup>83</sup> sacrifica-se de amores pelo seu *piccollo bambino* <sup>84</sup> de 11 anos de idade, único companheiro de casa e seu discípulo, que por vezes fugindo, o trazia em doidas colisões de indescritíveis lamentos, a ponto de humilhado aos pés do *piccollo* suplicar-lhe sôfrega e docemente : *Fica morando comigo senão eu morro do coração!*"

(Pinheiro, 1898, p.37)

#### **149. AFEMINADO ANÔNIMO (1870)**

Segundo notícia divulgada no jornal *O Alabama* <sup>85</sup>, havia em Salvador um afeminado sem nome declarado, que "dizia ir para a escola com os bolsos cheios de pomada, pó de ar-

---

<sup>81</sup> *Immissio membri in anum*: penetração do membro no anus. Qual teria sido a "desonesta frase" censurada pelo escolápio alagoano?

<sup>82</sup> Termo divulgado pelo Dr. Domingos Firmino Pinheiro, *pedandrorastia* é "o amor mórbido pertencente ao domínio da neuropsicologia sexual, bárbara e exótica perversão da lascívia do homem pela criança, quer de um quer de outro sexo". (Pinheiro, p.32)

<sup>83</sup> *Horror feminarum*: horror das mulheres, *misoginia* ou *ginefobia*.

<sup>84</sup> *Piccollo bambino*: em italiano, pequeno menino. O autor da tese *O Androfilismo* emprega frequentes vezes esta e outras expressões italianas para referir-se aos parceiros homossexuais.

<sup>85</sup> *O Alabama*, sub-intitulado "Periódico Crítico e Chistoso", circulou em Salvador de 1863 a 1890. Era Bi-semanal, e seu nome seria uma referência a um possível navio norte-americano que teria

roz, escovinha de dentes e espelho para se mirar ante a casa dos curandeiros... e por contar com a proteção de bambu do curandeiro R.S., não ia às sabatinas, não era chamado à lição e espera ser aprovado".

(O Alabama, 29-10-1870, apud Teles dos Santos, p. 163)

### 150. **ANTÔNIA (1869)**

*Composição jocosa-satírica sobre uma lésbica de Salvador, publicada no jornal O Alabama em 1869:*

"Capitão, sabe mais de uma?

Agora.

Anda por esta cidade uma mulher vestida de homem.

De veras?

De veras. Uma tal Antônia, moradora à rua Direita do Palácio, num sobrado de três andares.

Bom!

A rapariga não se contenta de transforma-se à noite, sem a menor cerimônia sobe a rua de dia em trajes masculinos.

Se há por aí tantos homens que podiam andar de saia, pouco admira que uma mulher queira suprir-lhes o lugar..."

(O Alabama 18-2-1869, apud Teles dos Santos, p.157)

### 151. **A.U. (1898)**

*Marinheiro, mancebo de 18 anos, de temperamento linfático-nervoso, constituição débil, tipo insinuante de marnoto, olhos castanhos quebrantados, inteligência rudimentar, moço de um dos paquetes do Lloyd brasileiro.*

"Ignorantemente cevava a *bulimia sexual*<sup>86</sup> que devorava a T., despenseiro do mesmo navio. O ciúme de T. pelo jovem era extraordinário. Um belo dia, achando-se o paquete perto da República, A.U. pede licença ao seu chefe para dar um passeio na cidade com o fim provavelmente de espaiar-se dos vícios bordelescos e das increpações ciumentas de seu amante. Foi bastante que este o encontrasse em uma das ruas do Rio de Janeiro com uma mulher em amistoso colóquio, para sacar o canivete ferindo o infeliz moço em parte, que não sendo mortal, fê-lo enfermo por alguns dias.

Vítima, pois, da obsessão do amor foi A.U. pelo próprio amante silenciosamente conduzido à casa de um amigo que, estimando também o amor entre os homens, procurou ocultar o delito.

---

aportado na costa brasileira neste período. Agradeço ao Prof. Jocélio Teles dos Santos estas informações sobre *O Alabama*.

<sup>86</sup> *Bulimia sexual*: apetite sexual insaciável.

No princípio da catequese da libido mórbido A.U. só consentia *coitus inter-femura*; mais tarde porém, pedia para *penem in anum arrigere*<sup>87</sup> e logo depois da *ejaculatio in os*.<sup>88</sup> Seus pais e avós nada sofrem."

(Pinheiro, 1898, p. 72)

**152. A.V. (1898)**

*Cozinheiro 35 anos de idade, pardo, solteiro, de fraca compleição, temperamento linfático-nervoso, sem cultura intelectual, morador em Salvador*

"Androfilista passivo. Desde a idade de 13 anos começou a masturbar-se; só experimentando a *libido sexualis natural* com 17 anos, época em que já exercitava-se no amor entre os homens.

Não sendo levado à procura de mulher senão por simples curiosidade, abandonou de vez tais intenções, pois o orgasmo só incompletamente se produzia por forma a não permitir a *immissio membri in vaginam*.<sup>89</sup>

Sensações extraordinárias experimenta por ocasião do *coitus in anum* mais agradável que a cheiromania solitária ou mútua. De facilíma aprovação para o amor heliogabulino<sup>90</sup>, este doente se faz esperar ao mais ligeiro sinal de impudicícia.

É irritável, dispéptico e na maioria das vezes submisso à humilhação servil. De seu pai sabemos apenas que faleceu de cirrose hipertrófica biliar; sua mãe, africana, de moléstia do coração."

(Pinheiro, 1898, p. 85)

**153. A.V. (1898)**

*39 anos de idade, pardo, casado, de compleição fraca, temperamento linfático-nervoso, é de inteligência vulgar, morador em Salvador.*

"Este doente experimenta desejos irresistíveis de sexualmente unir-se às crianças, apaixonou-se por um *petit-Jesus*<sup>91</sup> cevando sua miserável libido *contra-naturalis* de conformidade com as múltiplas representações da *ars erotica*<sup>92</sup>, representadas pelo *coitus inter femora, coitus in anum, immissio membri in os, in axillam*, etc.

Desconhecemos sua história hereditária. O doente tem crises neurastênicas sobretudo antes do sacrifício da *libido* e nos dias que deseja *immittere penem in os pueri*.<sup>93</sup>"

---

<sup>87</sup> *Penem in anum arrigere*: excitar o pênis no anus.

<sup>88</sup> *Ejaculatio, in os*: ejaculação na boca.

<sup>89</sup> *Immissio membri in vaginam*: introdução do membro na vagina.

<sup>90</sup> *Heliogabulino*: relativo ao imperador Heliogábulo (204-222), famoso homossexual de origem síria, ultra-efeminado, que representou no imaginário medieval e na época vitoriana, a personificação suprema da licenciosidade homoerótica. Cf. Dynes, W. *Encyclopedia of Homosexuality*. Garland, 1990

<sup>91</sup> *Petit-Jesus*: do francês Menino Jesus, expressão comum, desde o século XVII, para referir-se aos homossexuais. Cf. Courouve, C. *Vocabulaire de l'homosexualité masculine*. Payot, 1985

<sup>92</sup> *Ars erotica*: Arte erótica.

<sup>93</sup> *Immittere penem in os pueri*: Meter o pênis na boca de menino.

(Pinheiro, 1898, p.39)

**154. B.A. (1898)**

*Empregado do comércio na cidade da Bahia, 24 anos, branco, solteiro, de temperamento nervoso, compleição boa, de faculdades intelectuais bem desenvolvidas, dedica-se ao estudo da música e da literatura de preferência escolhendo romances amorosos e de desfecho trágico.*

"Quando de menor idade, masturbava-se duas vezes por dia e hoje não encontrando um *piccolo bambino* para saciar-se, *membrum suum fringit inter femora usque ad ejaculationem*.<sup>94</sup> Seus pais gozam invejável saúde. O desempenho de sua missão, como empregado do comércio, é digno dos maiores elogios. Não tem a menor inclinação sexual para mulher e mesmo *puella nuda pulcherrima operanti erectio non evenit*<sup>95</sup>, em quanto que a presença de um belo *juvenis*<sup>96</sup> causa-lhe intensivo desejo sexual.

(Pinheiro, 1898, p.39-40)

**155. B.D. (1898)**

*Oficial da Marinha, morador em Salvador, 58 anos de idade, filho de pais completamente normais, solteiro, de temperamento nervoso-bilioso, constituição forte, de grande cultura intelectual, ocupando alta patente na Marinha Brasileira*

"Entregava-se à horrorosa prática da pedandrorastia ativa e do amor andrófilico e a sua forma passiva. Como *pedandrorasta*<sup>97</sup> requestava à sua sórdida atividade, crianças até de 10 anos, no momento em que iam e vinham das aulas, umas vezes vencedor, saía-se, outras vezes vencido, irritava-se em esgueirando-se pelas paredes das casas e alcançando ofegante o primeiro beco com o fim de melhor resguardar-se das diabólicas chocarrices das crianças.

Reside na representação dos dois papéis, em que se resume a libido contra-naturalis e o amor mórbido pela criança, a singularidade do estado mórbido deste tipo; a saber, muitas vezes ativo procurava *membrum suum in anum immittere aut inter-femora*<sup>98</sup> das crianças; algumas vezes passivo, apetecia *in os proprium penem pueri arrigere*.<sup>99</sup>

Como andrófilista era sempre passivo, submetendo-se humildemente às disposições do agente, preferindo *coitus per anum*. Pessoa de boa fé contou-nos que este indiví-

---

<sup>94</sup> *Membrum suum fringit inter femora usque ad ejaculationem*: Fricciona seu membro entre as coxas até a ejaculação – performance sexual que até o século XVIII era popularmente conhecida como "coxeta".

<sup>95</sup> *Puella nuda pulcherrima operanti erectio non evenit*: não ocorre ereção mesmo frente a belíssima moça nua.

<sup>96</sup> *Juvenis*: jovem.

<sup>97</sup> *Pedandrorasta*: o mesmo que *pedófilo*, o erotismo por crianças antes da puberdade.

<sup>98</sup> *Membrum suum in anum immittere aut inter-femora*: Meter seu membro no anus ou entre as coxas.

<sup>99</sup> *In os proprium penem pueri arrigere*: Colocar o pênis do menino na própria boca.

duo, no trato agradável à concentração da amizade, valente e enérgico nas ocasiões azadas, era um perfeito invertido sexual e sob o ponto de vista genital tinha horror feminarum, roubando-lhe a existência grave afecção pneumônica. "

(Pinheiro, 1898, p. 34/73)

**156. J.B. (1898)**

*Político, 40 anos de idade, branco, casado, de boa compleição física, temperamento sanguíneo, inteligência sólida, erudição variada, tendo ocupado lugares importantes na política do país*

"Merece no estudo do androfilismo particular menção, pela singularidade do amor mórbido na sua forma ativa ser executado sobre os indivíduos bem constituídos, de forte musculatura e panículo adiposo apoucado; ao contrário do imperador Galba que dava preferência aos homens magros e hábeis na prática do amor grego.

Não duvidamos, todavia, na passividade deste indivíduo que, contra vontade da negação formal de suas inclinações passivas, não oculta os estigmas da efeminação que confirmam-na cabalmente.

Seus pais, pelo que nos informaram, sempre gozaram perfeita saúde, nunca manifestando a mais ligeira perturbação nervosa. É no entretanto neurastênico o doente e sofre de uma afecção crônica da uretra, o que muito provavelmente concorreu para a manifestação do reverso da *libido sexualis natural*.

(Pinheiro, 1898, p. 74)

**157. BELLA (1870)**

*Crônica jocosa publicada no periódico bissemanal O Alabama:*

"Capitão, estou aterrado!

O que foi que o pôs nesse estado?

Um fato do mais execrando sacrilégio que o delírio humano pode por em prática.

Conte-me o que há.

Na rua do Colégio, uma mulher conhecida por Bella, vive em íntima camaradagem com uma outra.

No domingo beberam muito; à noite, Bella, embriagada dos sentidos pelo vinho e da alma pelo vício, querendo entregar-se a excessos de seu incontinente gênio, convidou para isso sua companheira, dizendo que não estava disposta.

Primeiro usou de palavras brandas e afetuosas carícias e afagos para conseguir o que desejava; mas não o alcançando, Bella, no auge da alucinação, igual a besta-fera que se vê contrariada em seus brutais apetites, dá de mão a uma navalha para coagir sua companheira e compartilhar de seu sensual deboche. Depois de estrepitosa assuada que despertou a atenção de quem passava, houve entre as duas amigas esta troca de palavras: 'Bella, por aquela Senhora (e apontou para a imagem da Conceição) me deixe.

Por esta! ( e da boca da réproba, saiu a mais horrorosa imprecisão contra a imagem) não te deixo!'

E ato contínuo, lançou mão da imagem da Santíssima Virgem, e com ela fez tiro a face da outra! Meu Deus, isto é horrendo! Só por um vertiginoso desvario. Mas como sabe

ocorrerem, coisas que se passam de portas a dentro? O fato foi quase público porque a vozeria fez que se reunisse gente e quase toda a vizinhança presenciou.

(O Alabama, 8-3-1870, apud Teles dos Santos, p.160-161)

**158. B.J. (1898)**

*Criado de casa, 23 anos de idade, mulato, solteiro, de constituição regular, temperamento nervoso, trabalha em casa de F., inteligência rudimentar*

"Desde a idade de 12 anos sentiu-se inclinado ao amor andrófilico no passivismo de sua forma. Seus pais, que muito de perto conhecemos, nunca perturbações nervosas de espécie alguma manifestaram.

Aos 12 anos em companhia de meninos depravados, encetou os primeiros ensaios da libido *contra naturalis*, representado a princípio pela *luxuria manuensis*<sup>100</sup> solitária e mútua; e depois ao coito inter-femura, in anum, etc., entregou-se com particular dedicação.

Aos 18 anos foi acometido de uma febre típica depois da qual o horror feminarum com toda intensidade surgiu, tudo revertendo em favor do amor entre os homens. Atualmente com vários *caenedes*<sup>101</sup> vive este indivíduo, do que resultam ciúmes e repetidas queixas pela preferência que dão seus amantes a outros *pathici*<sup>102</sup> mais lascivos e provocantes."

(Pinheiro, 1898, p. 86)

**159. B.V. (1898)**

*Negociante, 35 anos de idade, branco, casado, de constituição boa, temperamento neurogenital, de pouca cultura intelectual e negação franca à carreira das letras, não obstante ser apaixonado leitor de romances amorosos e sobretudo pornográficos.*

"Dedicado admirador do amor entre os homens. Muito cedo ainda, deu-se à masturbação e arraigou-se de tal sorte o mal neste indivíduo, que com 20 anos de idade, fazia uso de semelhante paixão lúbrica em presença nossa com o cinismo que caracteriza certa categoria de degenerados.

De formas e modos efeminados este indivíduo apontado era por todos os rapazes como androfilista passivo em grau de convidar, arrastar mesmo, rapazes, *ab imo pectore suo*<sup>103</sup> para saciar o depravado desejo, cujo complemento imediato era a duradoura *luxuria manuensis*.

Hoje, apesar de casado e negociante, não oculto, não desmente suas inclinações na esfera do libido *contra-naturalis* ao simples olhar do observador prático, e nutrimos tão

---

<sup>100</sup> *Luxuria manuensis*: luxúria com a mão, masturbação.

<sup>101</sup> *Caenedes*: termo latino referente ao praticante do homoerotismo. Cf. Lima, Estácio. *A Inversão dos Sexos*. Guanabara, s/d.

<sup>102</sup> *Pathici*: de *pathicus*, sinônimo de passivo homossexual.

<sup>103</sup> *Ab imo pectore suo*: ao seu peito



absoluta certeza da persistência do mal, que ao primeiro aviso de lubricidade, ele pressuroso acode.

Seu pai era alcoólatra inveterado, neurastênico e melancólico; sua mãe, religiosa ao fanatismo, faleceu de uma congestão cerebral."

(Pinheiro, 1898, p. 86-87)

**160. CAROLINA MARIA FERREIRA MAIA (1854)**

*Parda, meretriz, 17 anos, moradora em Salvador.*

"Foi encontrada na rua, às duas horas da madrugada, em trajes de homem".

(Jornal da Bahia, 22-2-1854, apud Teles dos Santos, p.157)

**161. C.F. (1898)**

*"Sacerdote, 45 anos, de compleição regular, temperamento genital representando eminente papel no Clero Brasileiro, no qual tem recebido um sem-número de blandícias adulatórias e de desarrazoados encômios pela aptidão injustificável com que dirige na educação moral, religiosa e literária, futuros representantes de nossa pátria querida; seus pais são neurastênicos e irritáveis.*

"C.F. é adestrado penitente de amor pelas crianças - da pedandrorastia . Os sentimentos de pudor e religião são levados ao extremo grau; mas no silêncio dos seus aposentos, as fricções lúbricas e as carícias motivando abraços e íntimos contatos com *ad hoc* crianças escolhidas provocam, prescindidas a *immissio membri in anum aut interfe-mora*, uma grande excitação que seguida de orgasmo se prolonga *usque ad eju-culationem seminis*.<sup>104</sup>"

(Pinheiro, 1898, p.35-36)

**162. C.G. (1898)**

*Empregado no comércio de Salvador, , 28 anos de idade, branco, solteiro, de compleição forte, temperamento sanguíneo e ardente, de alguma cultura intelectual, revelada pelo gosto e apreciação judiciosa de poesias e romances, nomeadamente amorosos e pornográficos, na leitura dos quais esquecido horas e horas permanece, o que determina excitação genital seguida de orgasmo *ejaculatione seminis eodem tempore*<sup>105</sup>; seu pai é vítima de crises convulsivas histeriformes e há tendência neuropática nos ascendentes do lado materno.*

"C.G. é admirador da pedandrorastia. Desde a idade de 10 anos entregou-se à *luxuria manuensis*. Hoje porém, deixou completamente semelhante paixão solitária, entre-

---

<sup>104</sup> *Usque ad eju-culationem seminis*: até à ejaculação do sêmen.

<sup>105</sup> *Ejaculatione seminis eodem tempore*: ejaculação de sêmen ao mesmo tempo.

gando-se *corpore et anima*<sup>106</sup> à pedandrorastia - sacrificada num *paedico* de 11 anos de idade. *In vaginam immisio membri impossibile est.*<sup>107</sup> O amor pela criança é muito desenvolvido neste doente, que, mesmo abraçando intimamente seu pequeno amado, tem orgasmo e ejaculação seguida de sensações voluptuosas, *corpus membrumque suum apprimens ad corpus pathici.*<sup>108</sup>

(Pinheiro, 1898, p.37)

**163. FRANCELINA OLIMPIA DA ROCHA (1869)**

Encontrada na rua "vestida de homem", foi presa.

(Jornal da Bahia, 9-3-1869, apud Teles dos Santos, p.158)

**164. FRANCISCO (1871)**

Segundo o jornal *O Alabama*, na Estrada Nova, em Salvador, havia "homens vestidos de mulher" tanto que numa 4ª feira de abril de 1871, entre 23-24hs, "foi preso um indivíduo vestido de mulher", pouco mais adiante da Cachoeira do Paraguassu: "o indivíduo não trazia armas, declarou chamar-se Francisco e que se transformara por graça."

(O Alabama, 22-4-1871, apud Teles dos Santos, p. 166)

**165. FRANCISCO DA CONCEIÇÃO USEDA, Frei (1836)**

Noviço do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Salvador, foi expulso da ordem por ser "corruptor da mocidade, forçando escandalosamente aos mais companheiros noviços à prática da sensualidade contra naturam."

(Arquivo do Convento do Carmo de Salvador, n.170, r. Documento gentilmente oferecido pelo Restaurador Huides Cunha)

**166. F.S. (1898)**

*Celibatário de 32 anos, ativo e trabalhador, compleição fraca, anêmico, emotivo, muito impressionável, de faculdades intelectuais intactas.*

"Antecedentes hereditários neuropáticos: pai excêntrico, mãe falecida de uma congestão cerebral; um irmão entrega-se à embriaguez e é *androfilista* passivo. Este doente

---

<sup>106</sup> *Corpore et anima*: de corpo e alma.

<sup>107</sup> *In vaginam immisio membri impossibile est*: é impossível a penetração do membro na vagina.

<sup>108</sup> *Corpus membrumque suum apprimens ad corpus pathici*: apertando seu corpo e membro ao corpo do passivo.

tem relações sexuais com mulheres, entretanto afirma sentir-se seduzido e sexualmente excitado ao lado de um bem conformado mancebo."

(Pinheiro, 1898, p.35)

**167. G.J. (1898)**

*Marceneiro, 38 anos de idade, mulato, solteiro, de compleição regular, temperamento nervoso, crânio assimétrico, com estigmas físicos e psíquicos de invertido sexual, fisionomia senil e estigmas somáticos provenientes de desarranjos no lado direito, sobejos de antiga hemorragia cerebral; seu pai morreu de uma lesão cardíaca e sua mãe, que era nervosa, de beribéri.*

"Belo espécime do amor pelas crianças, fiel revalidação da pedandrorastia. Seu pequeno efebo de 12 anos apenas, com a máscara de discípulo, goza dos predicados palpáveis da efeminação repugnante e torpe, não podendo o infeliz doente dele ausentar-se um só instante. Extraordinária é a sua repulsa pelo coito normal."

(Pinheiro, 1898, p.36)

**168. H.M. (1898)**

*Trinta e poucos anos, casado, de constituição boa, temperamento neuro-genital, é muito excitável. Suas faculdades intelectuais brilhantes confirmam a ilustração variada que possui; revelando gosto pela música, pela poesia e pintura. Fala diversas línguas. Nada sabemos dos seus pais.*

"Rende culto a pedandrorastia no altar de um *piccolo e bello ragazzo* propositalmente escolhido para engodo de sua bulimia sexual. Não raras vezes sente-se indiferente às seduções de uma *bella Phryné*."<sup>109</sup>

(Pinheiro, 1898, p.35)

**169. H.O. (1898)**

*Empregado no comércio, 26 anos de idade, pardo, solteiro, de constituição boa, temperamento nervoso, de alguma cultura intelectual.*

Entregando-se especialmente à leitura de romances amorosos e pornográficos, durante a qual é muitas vezes acometido de forte orgasmo que o convida bestialmente *inter-femora propria seminis usque ad ejaculationem membrum apprimere*.<sup>110</sup> Dedicado sacer-

---

<sup>109</sup> *Bella Phryné*: Segundo a tradição, Friné teria sido uma bela cortesã que serviu de inspiração para a escultura de Afrodite.

<sup>110</sup> *Inter-femora propria seminis usque ad ejaculationem membrum apprimere*: Comprimir o membro entre as próprias coxas até a ejaculação do sêmen.

dote do amor entre os homens, escolhido *pathicus* sacia as tendências exclusivamente ativas deste doente que antes da *libido contra-naturalis* não despreza *odoribus imbuere penem suum anumque pathici*<sup>111</sup> como particular hiper excitante da volúpia.

É irritável, neurastênico, queixa-se de pertinaz dispepsia que agrava-se com os sofrimentos nervosos. Seu pai é alcoólatra, sua mãe, religiosa, faleceu de eclâmpsia *post-partum* e sofria de tonturas e vertigens, sobretudo quando em demasia trabalhava.

(Pinheiro, 1898, p. 83)

### **170. HOMEM MULHER (1871)**

*Diálogo publicado no jornal O Alabama:*

"Capitão, na 3ª feira andou um homem pela rua de Baixo de São Bento, vestido de mulher, com saia preta e camisa branca!

A que horas?

Às 7 da noite, pouco mais ou menos.

E não o prenderam?

Passando nessa ocasião o ordenança do subdelegado, e sendo chamado para prender o homem-mulher, negou-se, desculpando-se que ia levar a família do subdelegado ao espetáculo.

E assim esta terra; no entanto que bem podia estar encoberto de baixo das vestes femininas algum criminoso.

Que dúvida! Mas eu suponho que era força de pifão.

Fosse lá o que fosse, competia à polícia verificar a razão por que o indivíduo havia transformado os trajés!"

(O Alabama, 13-7-1871, apud Jocélio Teles dos Santos, p. 166)

### **171. HOMEM VESTIDO DE MULHER (1870)**

"Pessoa fidedigna nos informa que na 6ª feira, 5 de agosto, às 9hs da noite, passava da fonte do Gravatá à Praça dos Veteranos da Independência, um homem vestido de mulher. Para que não se reproduzam cenas que outrora se deram, é de urgente necessidade que o honrado Sr.Dr.Chefe de Polícia, por meio de seus agentes, descubra esses vadios e a eles dê o conveniente destino."

(Patioba, 11-8-1870, Associação Baiana de Imprensa [L-8137], p.2. Agradeço à mestrandia Adriana Dantas Reis pela gentil indicação deste documento)

### **172. HOMENS VESTIDOS DE MULHER (1885)**

Ofício da Perícia de 22 de abril de 1885, informa que "à noite sobre sua casa, na rua Ariani, na Baixa do Bonfim, apareciam homens vestidos de mulher"- os denunciados não foram encontrados.

---

<sup>111</sup> *Odoribus imbuere penem suum anumque pathici*: Impregna com odores de seu pênis o ânus do passivo.

( Arquivo Público da Bahia, maço 2975, 1885, Apud Teles dos Santos, p.154

**173. HORÁCIO (1867)**

*Escravo, morador à Fonte das Pedras, Salvador.*

Em ofício de 18 de junho de 1867, pedia-se providências ao Chefe de Polícia para um "insolente e incorrigível moleque de nome Horácio, o qual seduz os meninos para fins libidinosos de parceria com um outro, também escravo, de nome **Cosme**, além de muitas outras imoralidades que põem em prática, e se alguma pessoa trata de desviar os pobres inocentes incautos, expõe-se aos maiores insultos destes dois desenfreados."

(O Alabama, 18-6-1867, apud Teles da Silva, p.159)

**174. INÁCIO PEREIRA (1801)**

*Pardo, forro, morador no lugar de Moçambique, Bahia, freguesia de Curvelo.*

Perante o Comissário do Santo Ofício Nicolau Gomes Xavier, compareceu Maria de Lima e seus pais, para denunciar que Inácio Pereira, seu marido, "sendo casado, se fez paciente para as torpezas da sodomia e também agente."

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Caderno do Promotor, Sec.XIX).

**175. JOÃO PAULO (1865)**

*Africano livre.*

Encontrado o "incorrigível João Paulo, vestindo camisa de algodão e saia de mulher", com vários ferimentos, nas matas próximas do Barbalho, Salvador.

(Arquivo Público da Bahia, Maço 2959, apud Teles dos Santos, p. 158)

**176. JOSÉ FERREIRA PACHECO (1853)**

Preso por estar "vestido de mulher".

(Arquivo Público do Estado da Bahia, maço 3117, Apud Teles dos Santos, p.154)

**177. JOSÉ DO OURO (1866)**

Através de um ofício enviado ao Delegado de Polícia de Salvador, o jornal *O Alabama*, em nome do decoro, denunciava que "na rua dos Carvoeiros, morava um crioulo conhecido por José do Ouro, sócio do Jovita, o qual tinha o desaforo de por-se nu em casa, amarrar um lenço à cabeça, à laia de crioula, deitar argolas nas orelhas, corais nos

braços, embrulhar-se num xale ou pano da costa e ir para a janela, observando que o efeminado taul entrava na sua morada, desembulhando-se e expondo-se neste estado à vista da família que morava defronte – esperando que este desavergonhado tivesse a correção merecida."

(O Alabama, 25-9-1866, apud Teles dos Santos, p. 163)

**178. J.R. (1898)**

*Político, escritor, 40 anos, branco, casado, de forte compleição física, temperamento sanguíneo nervoso, filho de pais irritáveis e neurastênicos, é fervoroso sacerdote do amor androfílico, rendendo preces sob a forma de agente.*

Personalidade eminente no mundo político e literário do país, este doente, que espedado à excitação enfermiza de seu instinto sexual, entre quantos androfilistas citamos, distingue-se pela característica mórbida consistente em repudiar todo aquele que cedeu aos seus caprichos de volúpia, prosseguindo entretanto, na senda da *libido sexualis* aberrado; libido cevada em indivíduos sem distinção de classe, aliciados pelo primeiro e único amor obcecado.

*Immissio penem anum* do indivíduo que já foi vítima de suas paixões aberradas, segunda vez não encena-se neste indivíduo; muito pelo contrário, o desprezo e a repugnância vêm ocupar o lugar do desejo saciado, a ponto de o indivíduo não querer nem que se pronuncie o nome da vítima do seu amor mórbido."

(Pinheiro, 1898, p. 75)

**179. JUNQUEIRA FREIRE (1855)**

*Luís José Junqueira Freire, poeta brasileiro da fase romântica (Salvador, 1832- 1855). Tornou-se monge beneditino em 1851, ao que parece sem vocação, secularizando-se quatro anos depois. Deixou alguns escritos em prosa que revelam uma precoce capacidade crítica. Teve já naquela época a intuição do verso livre. Sua poesia reflete uma alma atormentada pela dúvida religiosa. Obras: Inspirações do claustro (1855); Contradições poéticas (s/d). É o patrono da cadeira n.25 da Academia Brasileira de Letras.*

Poeta "damné", personalidade complexa e contraditória, procurou afogar na solidão monacal um grande amor frustrado, cujo nome jamais declarou sequer a seus mais íntimos amigos: se do mesmo sexo, ou do oposto, ninguém nunca chegou a saber. Leitor de Bocage, viciado em fumar charuto enquanto mascava cânfora, o beneditino-poeta deixou-nos um dos mais belos poemas homoeróticos da língua lusitana, cujo título, *A um moçoilo*, sugere, quem sabe, que seu grande amor secreto devia ser aquele a quem o monge chamou de "meu anjo, anjinho feliz". Que após a leitura deste poema o leitor tire sua própria conclusão se Junqueira Freire devia ou não ter seu nome incluído neste dicionário biográfico dos homossexuais da Bahia.

**A um Moçoilo**

"Eu que te amo deveras,  
A quem tu, louro moçoilo

Me fazes chiar e amolas,  
Qual canivete em rebolo,  
Eu que, qual anjo te adoro,  
Então, menino, eu sou tolo?

Quem te venera e te serve,  
Te serve de coração,  
Quem a nada mais atende,  
Senão ã sua paixão,  
Quem sustém por ti a vida,  
Tolo não pode ser, não.

Quem te olhando a áurea face,  
Lá se queda enamorado,  
Te olhando os olhos ferventes,  
Permanece endeusado,  
Esse que chame-lo tolo,  
Esse sim, vai enganado.

Quem tanto por um só perde,  
Que a ninguém quer antepo-lo,  
Que vê-lo só quer num trono,  
Num trono só de ouro pô-lo,  
Esse que tolo xingá-lo,  
Esse sim, esse é que é tolo.

Quem já em ver seu queixinho  
Bipartido se mantém,  
Quem embebido em seu todo  
Horas, dias gasto tem,  
Quem no cárcere do corpo,  
A alma por ele sustem.

Avanço axioma certo,  
Que esse não é tolo, não:  
Que esse ama angelicamente  
Fora da contação,  
Que esse que tolo xingá-lo,  
Esse sim, é toleirão.

E tu me xingaste tolo,  
Meu moço, anjinho feliz!  
Só por que amar-te deveras  
Meu Deus, minha sina quis.  
Só porque certo bem maus  
Dous versos te dei que fiz.

Meu anjo me olha e despreza  
Com mirar tão furibundo!  
Já não hei mais esperança,  
De ter serafim jucundo,  
Que aos céus me leve risonho,  
Quando me for deste mundo.

Mas se tolo é admirá-lo,  
A todo mundo interpo-lo,  
Querer lá vê-lo num trono,  
Num leito dourado e pô-lo,  
Alfim beijá-lo e gozá-lo,  
Então sim quero ser tolo!"

(*Poemas do Amor Maldito*, Brasília, Coordenada Editora, 1969, p.77-78)

**180. L.O. (1898)**

*20 anos presumíveis, branco, constituição boa, temperamento nervoso, de formas graciosas, de uma beleza física acima do comum no homem*

"Androfilista passivo de muita procura no círculo da volúpia homossexual. Dentre muitos amantes que lhe disputam a preferência da *libido* obtivemos, graças à gentileza de um nosso colega, de um deles uma carta neste sentido em que inspirado em louca paixão, o amante esbulha todos os sentidos de amor. Eis o que *in integra* se contém na referida carta que possuímos:

" Recife, 8 de Maio de 1897

*Idolatrado Lily*

*Tua saúde e muitas felicidades é o que de coração te desejo. Em uma destas tardes amenas em que nossa imaginação se acha acentuada, tive a feliz idéia de pensar somente em ti, Lily.*

*Quando os meus olhos te fitaram pela primeira vez, fui logo pronunciando a palavra **amor**, cujo som repercutiu nos meus órgãos auditivos, ferindo de uma maneira deliciosa. **Amor!** Este qualificativo santo, que é nascido verdadeiramente do âmago do coração e que se emprego aqui, é porque, te adoro e te amo, Lily.*

*Quando um homem tem ocasião de se manifestar assim, não se pode fazer absolutamente um juízo suspenso e sim firme e exato, por ser a expressão da mais pura verdade, principalmente de quem sofre por tua causa, Lily.*

*Lily, se as minhas palavras te causarem má impressão no teu cérebro e ânimo, eu humildemente te peço perdão.*

*Adeus !*

*Do teu...que te adora, L.O."*

Parece não haver dúvida que o autor desta carta tem séria paixão pelo seu *Lily* a quem *idolatra* e *adora*, fazendo cair vivas suspeitas sobre a integridade neurofísica aferida



no metabolismo funcional de seu aparelho sexual. Lamentamos não poder colher ao seu amante a resposta de Lily, que, de certo, mistificado na volúpia do amor mórbido, saberia corresponder às loucas exclamações do seu amante."

(Pinheiro, 1898, p. 80-82)

**181. MANOEL FRANCISCO (1854)**

"Vagava pela cidade vestido de mulher".

(Jornal da Bahia, 22-2-1854, Apud Teles dos Santos, p.157)

**182. MARIA ARCANJA DA CONCEIÇÃO (1871)**

*Lavadeira, cor cabra.*

"Presa por estar vestida de homem".

(Diário da Bahia, 25-8-1871, Apud Teles dos Santos, 158)

**183. MARIA QUITÉRIA (1792-1853)**

Maria Quitéria de Jesus Medeiros, (1792-1853), nasceu em São José da Itapororocas, no sertão da Bahia, filha de um fazendeiro remediado. Sobre sua infância, eis o que ensina um de seus biógrafos: "Criou-se de modo independente, deixando à margem os afazeres femininos para se dedicar às peraltices próprias dos meninos da roça. Manejava o bodoque com a mesma perícia do filho do vaqueiro na perseguição dos pássaros e sabia fazer e armar uma arapuca com a mesma perfeição do negrinho da fazenda. Parecia mais um menino. Quando passavam os escravos diziam que a filha do sinhô devia ter nascido macho. Eta sinhazinha que vai dar prá coisa, dizia a negra Joaquina..."

Outro estudioso escreveu: "Das distrações, a caça é a predileta de Maria Quitéria. De espingarda a tiracolo, pervaga os agrestes da fazenda. A arma de fogo que com habilidade manejava, tem em sua mão pontaria certa. Raramente perde um tiro. Entre suas companheiras, destaca-se Maria Hernegilda de Oliveira, a amiga do coração..." Logo no começo da Guerra da Independência, quando emissários do Governo percorriam o interior baiano alistando voluntários, Maria Quitéria ficou magnetizada com a idéia de alistar-se: cortou os cabelos como homem, vestiu as calças de seu cunhado e assentou praça na vila de Cachoeira no Regimento da Artilharia: adotou o nome de Soldado Medeiros, ninguém desconfiando que se tratava de uma donzela. Era tão masculinizada no seu porte e maneira de agir que só foi descoberto seu verdadeiro sexo biológico quando desmascarada pelo próprio pai – o que não impediu de continuar no Batalhão dos Periquitos.

Segundo a escritora inglesa Maria Graham, a mesma que trocou cartas apaixonadas com a Imperatriz Leopoldina, e que a conheceu no Rio de Janeiro, Maria Quitéria tinha um estranho hábito: "fumava charuto após cada refeição..." Adotou o saiote típico dos escoceses, usado por sobre as calças de soldado.

Não há documentos comprobatórios de que Maria Quitéria teria prestado culto aos amores lesbianos: que a grandiosa heroína baiana que viveu como travesti, no papel de Soldado Medeiros, não há como negar.

(Alves, Fernando. *Biografia de Maria Quitéria de Jesus*. Bahia, Progresso, 1952, p.16; Pereira Reis Jr., *Maria Quitéria*. Rio de Janeiro, MEC, 1953, p.25; Mott, *O Lesbianismo no Brasil*, p.39-42)

**184. M.N. (1898)**

*Sacerdote, 60 anos, pardo, de débil compleição física, temperamento nervoso, de alguma cultura intelectual, nunca todavia passando da mediocridade do clero brasileiro*

"Vítima inconfessável do amor entre os homens, agente, sacia seus depravados instintos na pessoa de seu acólito, invertido de cinqüenta e poucos anos, e não satisfeito, por vezes extasia-se, repleto de gozo, aos reiterados sacrifícios à *luxuria manuensis*. Antes da consumação da *libido contra-naturalis*, disse-nos um abelhudo, fazem estes doentes, reciprocamente, fricções lúbricas, com o fim de despertar forte orgasmo que permita *immissio penem anum* do acólito, que masturba-se durante o ato. Desconhecemos os precedentes hereditários de ambos os invertidos."

(Pinheiro, 1898, p. 76)

**185. M.X. (1898)**

*Estudante, 23 anos, branco, solteiro, de regular compleição física, temperamento bilioso-nervoso, de faculdades intelectuais bem desenvolvidas, amante e admirador da ciência do velho de Cos<sup>112</sup>, apreciador de obras literárias nomeadamente de romances trágicos e amorosos*

"Vítima obcecada do amor andrófilico. Sua inclinação para a mulher existia, porém em grau tão inferior ao normal que não raras vezes, desgosto sobre desgosto o acabrunhava, minando-lhe a existência pela impotência relativa do *virile membrum* no ato do *libido sexualis*; em quanto que o mesmo não acontecia em relação ao *ragazzo* que amava apaixonadamente. Neste caso o orgasmo venéreo manifestava-se em toda sua intensidade podendo *sine unguine coitus per anum recte facere*.

Sempre andrófilista ativo, este doente era neurastênico, irritável, melancólico, amante da solidão. Seu pai queixava-se dos nervos e faleceu de uma bronco-pneumonia; sua mãe de mal de Bright.

---

<sup>112</sup> Cós, ilha do Dodecaneso, no mar Egeu, terra natal de Hipócrates, o pai da medicina.

(Pinheiro, 1898, p. 84)

**186. NEGRO (1813)**

Na Devassa ordenada pelo Arcebispo da Bahia, realizada em 1813 nas freguesias da Comarca de Ilhéus, consta que "um negro força ao pecado nefando outros homens."

(Arquivo da Cúria de Salvador, "Devassa nas freguesias da Comarca do Sul da Bahia no ano de 1813", in Mott, *Os Pecados da Família na Bahia de todos os Santos*, p.9)

**187. O.M. (1898)**

*Sacerdote e jornalista, 38 anos, branco, de temperamento sanguíneo-nervoso, de boa compleição física, de grande cultura intelectual, representando eminente papel no clero e no jornalismo brasileiro, onde com sua lógica inflexível e sua argumentação cerrada tem feito calar pessoas bem adestradas nas lides da tribuna escrita; ardiloso polemista que nas anças do ridículo sabe prender quem quer que com ele neste terreno se enfrente.*

"O.M., é enfermo das paixões da ignomínia, *passiones ignominae* na frase de S.Paulo. A hipertrofia do amor pela criança e os atos que a ela se prendem neste doente têm se constituído verdadeiros óbices ao seu progresso na senda da política religiosa, donde seu despeito, sua inveja, sua pouca religiosidade. *Ab imo pectore* sua paixão por uma criança manifestando, no tempo em que dirigia um estabelecimento de educação, cercou-a de regalias, de blandícias e mimos a ponto de membro *inter-femora pueri arrigere*, mau grado cedeu às constantes suplicas de O.M. Por vezes, repetidas semelhantes cenas, um dia tentou *immitere penem in anum pueri*, o que conseguiu, não obstante as lamentações insistentes e continuadas da criança. *Ab initio*<sup>113</sup> deste amor mórbido, o virtuoso sacerdote procurava por meios indiretos o *piccollo bambino* seduzir, pondo no bolso da batina mimos de toda espécie, a fim da criança com sua própria mão tirar, encontrando, *loco citato, membrum erectione*.<sup>114</sup>"

(Pinheiro, 1898, p.40-41)

**188. O.N. (1898)**

*Marceneiro, 29 anos, mulato, solteiro, constituição boa, temperamento genital, de inteligência rudimentar*

"Androfilista passivo declarado e estabelecido. Efeminado, irritável e indiferente às mulheres, este doente durante o *libido contra-naturalis, ejaculationem inter-femora propria*

---

<sup>113</sup> *Ab initio*: no início.

<sup>114</sup> *Loco citato, membrum erectione*: no lugar citado, o membro em ereção.

*provocat. Especial sensação experimenta quando antes do libido, lingua lambet membrum viri.*"<sup>115</sup>

(Pinheiro, 1898, p. 76)

**189. O.S. (1898)**

*30 anos, célebre pela sua individualização física em excesso efeminada, pardo, solteiro, constituição regular, temperamento genital, de profissão [?], sem cultura intelectual.*

"Este tipo com uma naturalidade que espanta, discorre sobre os gozos de sua *vita sexualis* e põe em superioridade, procurando persuadir, a quem quer que dele se aproxime, que o *coitus vulgaris nom tantam voluptatem offert quantuam immissio membri in anum*.<sup>116</sup>

É de tal sorte o estado mental deste androfilista, que longe de trajar como os homens normais, não despreza sobretudo aos domingos e dias santificados um xale ao ombro e uma flor no cabelo, e não raras vezes uma camisa feminina com calça branca.

Uma comunicação por [um] sinal impudico é bastante para vê-lo nos quebrantados de sua marcha, de mãos às cadeiras, sacudido pressuroso aproximar-se. De comportamento exemplar, sempre estimado pelos vizinhos, apesar de sua desvairada libertinagem, este infeliz nas correrias lúbricas dá lugar de honra aos indivíduos que possui *membrum virile permagnum*. "<sup>117</sup>

(Pinheiro, 1898, p. 77)

**190. O.V. (1898)**

*46 anos, branco, filho de pais provavelmente nervosos, viúvo, de temperamento nervoso, muito emocionável, compleição forte, dava-se descomedidamente à pedandrorastia.*

"De *vita sexualis* muito sensível, este doente para maior superexcitação de sua inclinação mórbida, tinha por hábito *imbuere odoribus anum*<sup>118</sup> do seu *petit-Jesus e post actum*<sup>119</sup> sentia uma depressão psíquica e física mais ou menos acentuada que o convidava ao leito. Pouco sabemos dos seus precedentes hereditários, mas o que podemos afirmar é que a melancolia e a neurastenia observavam-se neste doente, cujas faculdades intelectuais, pouco rudimentares no começo do estado mórbido, embotaram-se quase à imbecilidade nos tempos últimos de sua vida."

(Pinheiro, 1898, p.38)

---

<sup>115</sup> *Lingua lambet membrum viri*: lambe com a língua o membro do homem.

<sup>116</sup> *Coitus vulgaris nom tantam voluptatem offert quantuam immissio membri in anum*: o coito vulgar não oferece tanta voluptuosidade quanto a penetração do membro no anus.

<sup>117</sup> *Membrum virile permagnum*: membro viril muito grande.

<sup>118</sup> *Imbuere odoribus anum*: impregnar o anus com odor.

<sup>119</sup> *Post actum*: depois do ato.

### 191. O.X. (1898)

*Empregado no comércio 22 anos, solteiro, branco, de boa compleição física, temperamento sanguíneo, ligeira cultura intelectual*

"Desde a vida colegial entrega-se desapidadamente ao amor *contra naturalis*. Ligeira remissão de sua inclinação enfermiça manifestou-se nos primeiros tempos de sua retirada do colégio, para mais tarde surgir com toda intensidade e pujança não observadas no começo. Aos desejos lascivos de seu amante sacrifica-se atualmente o doente, prestando-se ao *coitus inter-femora atque in anum*<sup>120</sup>, sem absolutamente aceder aos seus constantes pedidos no sentido de *in os membrum accipere*.<sup>121</sup>

Neste doente o coito natural é impossível e não lhe inspira desejo sexual da mais *bella ragazza*. Declara, sob o ponto de vista da *libido sexualis horror feminarum* experimentar, quando se lhe ordena que as procure.

Seu pai é irritável, excêntrico e alcoólatra ; sua mãe sofre de uma pertinaz dor de cabeça consecutiva, segundo nos informaram, e uma febre intermitente."

(Pinheiro, 1898, p. 82-83)

### 192. P.V. (1898)

*25 anos de idade, branco, solteiro, constituição boa, temperamento nervoso, de inteligência pouco cultivada, não obstante dedicar-se à leitura de romances amorosos e pornográficos, tem horror feminae e estima o imenso sacrifício do amor androfílico.*

"*In artem libidinis* sempre figurando passivo, este doente irrita-se quando sabe que seu amado *penem in anum alterius immittit*.<sup>122</sup> Jacta-se de possuir muitos amantes e nas seduções libidinosas sempre procura sobrepujar seus *commilitones*<sup>123</sup>, desembaraçadamente discorrendo sobre as representações da *Ars erotica*.

Pessoa que *semen in anum ejaculavit* deste androfilista, contou-nos que ele experimentava sensações extraordinárias quando a fim de atingir o apogeu da *libido contra-naturalis*, procurava *penem in os recipere*<sup>124</sup> para com a mão masturbar-se e com a outra *in anum proprium digitum immittere*.<sup>125</sup>

Até o meado do ano passado vagueava este infeliz pelas ruas de Salvador, despertando a curiosidade pública pelo seu todo efeminado. Seus precedentes hereditários ignoramos; entretanto o doente era irritável e melancólico nos intervalos do mórbido *contra naturalis*."

(Pinheiro, 1898, p.71-72)

---

<sup>120</sup> *Coitus inter-femora atque in anum*: coito entre as coxas assim como no anus.

<sup>121</sup> *In os membrum accipere*: receber o membro na boca.

<sup>122</sup> *Penem in anum alterius immittit*: Meteu o pênis no anus de outrem.

<sup>123</sup> *Commilitones*: companheiros de arma.

<sup>124</sup> *Penem in os recipere*: receber o pênis na boca.

<sup>125</sup> *In anum proprium digitum immittere*: meter o dedo dentro do próprio anus.

**193. RAIMUNDO MARQUES RODRIGUES (1856)**

*Marinheiro.*

O 1º Tenente da Companhia de Aprendizes de Marinheiro oficia ao Presidente da Província da Bahia informando que o marinheiro Raimundo Marques Rodrigues "promove o horrível vício da sodomia no Quartel da Marinha, plantando por esta forma a imoralidade entre os aprendizes." Pede a remoção do faltoso informando que ele já tinha sido castigado pelo desvio.

(Arquivo Público do Estado da Bahia, Intendência da Marinha, 19-11-1856, maço 3248.  
Este documento foi gentilmente indicado pelo Prof. João José Reis, da UFBA)

**194. R.O. (1898)**

*Jurisconsulto, 50 anos de idade, branco, casado, de compleição forte, temperamento nervoso, de faculdades intelectuais.*

"Vítima do androfilismo passivo. Jurisconsulto eminente que cargos de grande responsabilidade com proficiência ocupou, este doente tinha para saciedade de seus nefandos desejos um gabinete luxuosamente preparado, onde com amantes sem distinção de estirpe, a gama de representações da *Ars erotica* entregava-se. Por ocasião da *libido contra naturalis anum odoribus imbuebat* e com suas próprias mãos *membrum commilitionis oleo infricat ut facile in anum penetret*.<sup>126</sup> Indizível prazer experimentava quando, consumado o ato libidinoso *affabilitate amantis penem lavabat*.<sup>127</sup>

E entretanto este indivíduo era um funcionário público, de muita reputação, de caráter honrado; inexcedível na extrema delicadeza do trato, de grande consideração e respeito entre amigos políticos e mesmo adversários, que nele encontraram firmeza de idéias, sinceridade e caráter."

(Pinheiro, 1898, p. 77)

**195. R.S. (1898)**

*Literato, 54 anos de idade, casado, filho de pais nervosos, de constituição boa, temperamento vivo e sensual, com estigmas físicos e morais de perversão da vita sexualis, ocupando com grande aptidão lugar cobiçado no mundo das letras*

"Desde os 37 anos experimentou desejos lúbricos pelas crianças do sexo masculino. Por mais de uma vez conseguiu realizar os seus nefandos intentos sobre crianças que inocentes ainda lhe perguntavam - para que isto? - e o miserável sedento de amor enfermigo respondia com a saciedade da horrorosa lascívia - consumada agora no coito bucal, inter-femural, agora no inter-glúteo, axilar, etc., por não permitir a passagem, sem cruciantes dores e gritos e tórridas lágrimas, *membri in anum adolescentuli*.

---

<sup>126</sup> *Membrum commilitionis oleo infricat ut facile in anum penetret*: esfrega com óleo o membro do parceiro para facilitar a penetração anal.

<sup>127</sup> *Affabilitate amantis penem lavabat*: lavava com afabilidade o pênis do amante.

Neurastênico e hipocondríaco, ainda hoje o doente sexualmente despreza sua esposa, para na anomalia de sua *vita sexualis* santificar os inefáveis momentos *concumbere juvenibus*.<sup>128</sup>

(Pinheiro, 1898, p. 34)

#### **196. S. (1898)**

*Sacristão, 29 anos de idade, preto, solteiro, de constituição boa, temperamento nervoso, irritável e melancólico, de inteligência muito pouco cultivada.*

"Dá-se ao amor entre os homens em a qualidade de paciente exclusivamente. É uma raridade que este indivíduo pratique o libido *contra-naturalis* com a pessoa a quem sabe *toto pectore amare*<sup>129</sup>, sem primeiro, como meios excitantes, *labiumque membrum commilitationis osculare atque sugere*.<sup>130</sup> Durante o coito *per anum* este doente é masturbado por seu amante, que nas ânsias da volúpia *pathici collum mordet*<sup>131</sup>, aumentando a satisfação voluptuosa quando *jugo pathicus collum eripit*. A tal ponto é a efeminação deste indivíduo acentuada, que mesmo no interior da sacristia, as pilhérias de alguns sacerdotes em ar de censura, porém com vislumbres de impudicícia, fazem-no abertamente dizer que nascera para usar *mulieris vestimentum, id est, vestem masculi mutare amat*.<sup>132</sup>

Nada sabemos dos precedentes hereditários do doente que contradigam a normalidade de seus pais, convindo notar que muito lhe embargam a vida libidinosa prolongados acessos de asma essencial inveterado."

(Pinheiro, 1898, p. 80)

#### **197. SABINO ÁLVARES (1833)**

*Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, dito Sabino, médico, professor, jornalista e revolucionário brasileiro, militou na guerra da Independência, chefiando a Revolta da Sabina (novembro/1837 a março/1838), cujo objetivo era desligar a Bahia do governo regencial, instaurando aí uma república provisória, a Baiense, enquanto durasse a menoridade do imperador Dom Pedro II. Vitoriosos a princípio, os sabinos ou raposas terminaram por se render. Sabino, foi preso e condenado à morte. Comutada a pena, sofreu deportação para Goiás e depois para Mato Grosso, onde faleceu em 1846. Eis seu tipo físico: "estatura mediana, cabeça arredondada, testa alta e larga com uma cicatriz transversal, sobrancelhas grossas, cabelos castanhos e crespos, olhos grandes e azuis, nariz grande e um tanto largo, lábios finos, barbas fechadas e suíças pequenas".*

"Espírito exaltado", Sabino foi acusado de ter assassinado um desafeto e causado a morte da própria mulher em circunstâncias que possivelmente o tornaram conhecido também como homossexual.

---

<sup>128</sup> *Concumbere juvenibus*: coabitar com jovens.

<sup>129</sup> *Toto pectore amare*: amar com paixão.

<sup>130</sup> *labiumque membrum commilitationis osculare atque sugere*: beijar e até chupar o lábio e membro do companheiro.

<sup>131</sup> *Pathici collum mordet*: morde o peçoço do passivo.

<sup>132</sup> *Mulieris vestimentum, id est, vestem masculi mutare amat*: roupa de mulher, isto é, gosta de mudar a veste de homem.

Sua esposa tinha então 25 anos e ele 37. O episódio que resultou na morte deu-se a 18 de setembro de 1833. Segundo Luiz Viana Filho, 'sua causa foi a perversão sexual da virilidade de Sabino, que, surpreendido pela mulher, Joaquina Gonçalves, em sua própria casa, ao Castanheda, contra ela investiu empunhando uma faca de ponta.' Ela caiu da escada, era noite, e teve uma fratura no braço, que infeccionou. Sabino parece ter feito o possível para salvá-la, formando uma verdadeira junta médica com colegas. Mas ao resolverem amputar, era tarde. Ela morreu de tétano. Sabino respondeu a processo.

Das sete testemunhas a depor, seis afirmaram ser este o motivo da desavença: sua esposa encontrara-o na rede, nas palavras de uma delas, "servindo-se de um homem preto com se fora mulher"; ou no pleonasma inédito de outra, 'servindo-se copulativa e carnalmente de um homem preto'. Das seis testemunhas, três receberam a informação da preta Maria, uma ex-escrava do pai de Sabino que habitava uma loja da casa deste. A preta Maria ouvira o relato de Joaquina Gonçalves, ao lhe prestar assistência no dia seguinte, em casa do vizinho onde ela se refugiara.

Subversivo e homossexual: quem sabe os homens grados da Província da Bahia não se apavorassem ante a idéia de serem governados por um homem no qual viam esses predicados?"

(Lima de Souza, Paulo César: *A Revolta da Sabinada, Bahia, 1837*. Dissertação de Mestrado, UFBa, 1984, p.23-24; Viana Filho, Luiz, *A Sabinada*, RJ, José Olympio, 1938 )

#### **198. T.D. (1898)**

*24 anos de idade, filho de pais nervosos, temperamento linfático-nervoso, boa constituição física, é neurastênico; a menor contrariedade o irrita a ponto de manifestar tendências ao crime e ao suicídio; nele existem estigmas de degeneração.*

"A mais formosa *ragazza* não tem para ele os sensuais encantos de um formoso e bem conformado *bambino*, onde concentra-se todo seu ideal de amor e de volúpia, tendo porém *taedium vitae*<sup>133</sup> todas as vezes que seus companheiros narram-lhe o valor das conquistas amorosas normais e o inefável prazer do coito *per vaginam*. Mau grado a *vita sexualis* aberrada, o doente afirma de uma maneira merecedora de fé, que jamais deu-se ao hábito da *espermatorréia solitária*."<sup>134</sup>

(Pinheiro, 1898, p.38)

#### **199. T.O. (1898)**

*Monge beneditino, branco, de grande erudição intelectual, verdadeira glória do clero brasileiro, que no púlpito sobretudo, firmou as bases do seu levantado talento, colhendo imarcescíveis louros de triunfo. Hoje, até certo ponto, a velhice o obriga a viver de recordações dos belos tempos que não voltam mais.*

---

<sup>133</sup> *Taedium vitae*: tédio da vida

<sup>134</sup> *Espermatorréia solitária*: masturbação



"Neste doente, o vício degenerou em verdadeira moléstia e imenso acentuou-se nas campanhas do Paraguai, por forma a não respeitar nem elevadas patentes militares em suas carreiras impudicas.

Todavia, ainda hoje, conta-se, que poucos não são os *bambinos* e *ragazzos* que no altar de sua atividade lúbrica, prestam-se reverentes em obediência aos enleios de estremecimentos estáticos aspergidos com o orvalho da volúpia.

Este doente é irritável, neurastênico e tem alguma coisa de impulsivo. Seus pais, diz-se, foram tipos bem equilibrados."

(Pinheiro, 1898, p. 83)

## **200. VISCONDE DO RIO BRANCO (1854)**

*José Maria da Silva Paranhos, político brasileiro (Salvador, 1819 - Rio de Janeiro, 1880), um dos vultos mais notáveis da vida pública do Segundo Reinado. Foi inicialmente professor da Escola Militar e jornalista. Ministro da Marinha e dos Negócios Estrangeiros no governo Abaeté e ministro da Fazenda no gabinete presidido pelo barão de Caxias. Senador por Mato Grosso (1862), foi em missão especial ao Rio da Prata em 1864 e negociou a adesão do Uruguai à guerra do Brasil contra o Paraguai. Reassumiu a pasta dos Negócios Estrangeiros no gabinete Itaboraí, em 1868, e no ano seguinte voltou ao Rio da Prata em nova missão especial, referente ao fim da guerra do Paraguai. Assinou os protocolos sobre a formação do governo provisório em Assunção e o tratado preliminar de paz (1870). Formou em 1871 o mais longo e um dos mais importantes ministérios do Segundo Reinado. Sua maior obra foi a apresentação e promulgação da lei do Ventre Livre. Abandonou em 1875 a presidência do Conselho e foi nomeado diretor da Escola Politécnica (1876). Patrono da cadeira n.º 40 da Academia Brasileira de Letras.*

"José Maria da Silva Paranhos, o Visconde do Rio Branco, emérito personagem da história brasileira, muito se salientou fazendo em travesti os papéis de dama-galã, no conjunto teatral Regeneração Dramática, fundado em 1854, na Bahia."

Como referimos na *Introdução*, este *Dicionário* inclui também os/as praticantes do *travestismo*, lembrando que homossexualidade e travestismo são realidades diversas, embora em muitos casos, convergentes. Não há documentação comprobatória de que o Visconde do Rio Branco tenha praticado o "amor que não ousava dizer o nome", que representou como travesti o papel de mulher da vida não há como duvidar!

(Galante de Souza. *O Teatro no Brasil*, p.118-119; apud Trevisan, J.S. *Devassos no Paraíso*, p.143)

## **201. VOLUNTÁRIO DO 54 (1870)**

"No domingo, no Largo dos Aflitos, apareceu um homem vestido de mulher. Um gaiato, vendo aquela mulher e supondo ser alguma menina feliz, foi baculeá-la [sic] e encontrou-se com o rigoroso insano. Descobriu porém o engano em que estava e viu que a suposta mulher era um ex-voluntário do 54. Reuniram-se diversos rapazes e puseram a roupa do efeminado em tiras, sendo a saia levada feito bandeira por um dos sujeitos, que

o esbordoaram. Eis por fim apresentou-se a polícia, e por sua vez espancou também o povo. Que terra, meu Deus!"

(O Alabama, 4-11-1870, apud Teles dos Santos, p. 163)

## 202. **YAYÁ MARIQUINHAS (1869)**

O *Diário da Bahia* publica aos 13 de julho de 1862 a seguinte notícia: "foi acometido repentinamente de um ataque do que ficou prostrado e sem sentidos **Manuel Francisco do Espírito Santo**, que na cadeia da correção estava na qualidade de servente. Conduzido para o Hospital da Caridade em uma padiola, sucumbiu em caminho. Esse infeliz era conhecido pelos vadios por **Yayá Mariquinhas.**"

Quase 6 anos depois, o bissemanal *O Alabama* diz que um vadio conhecido como **Yayá Mariquinhas** era um exemplo de "ofensa permanente à moralidade pública já que se dava até para querer transformar o sexo, usando de trajes de mulher nas ruas e portaria de São Francisco." Foi preso por ordem do Delegado Freitas Henriques.

Este caso merece maior investigação, pois ou existiram duas **Yayá Mariquinhas**, sendo portanto nome comum entre a vadiagem soteropolitana, ou então *O Alabama* referia-se ao finado vadio, falecido anos antes. Uma terceira hipótese para os místicos: como diz um provérbio nosso contemporâneo, "bicha não morre, vira purpurina!", quem sabe, Yayá Mariquinhas havia ressuscitado...

(Diário da Bahia, n.159, 15-7-1862; O Alabama, 24-1-1868, apud Teles dos Santos, p. 164; Agradeço à pesquisadora Cristinana Lyrio a gentil indicação deste documento.)

FINIS

*Índice Alfabético dos Homens e Mulheres da Bahia praticantes ou infamados de praticar o amor que não ousava dizer o nome - Século XVI-XIX*

- A.A. (1898)
- A.C. (1898)
- A.U. (1898)
- A.V. (1898)
- A.V. (1898)
- ABRAÃO HUGO (1630)
- AFEMINADO ANÔNIMO (1870)
- AFONSO CASTELHANO (1653)
- AMADOR AMADO ANTUNES, Padre (1630)
- ANA CUNHA (1592)
- ANA JOAQUINA (1781)
- ANTÔNIA (1869)
- *ANTÔNIO AGUIAR (1591)*
- ANTÔNIO ANASTÁCIO (1750)
- ANTÔNIO COSTA (1646)
- ANTÔNIO DE GUIZERONDE, Padre (1730)
- ANTÔNIO DE SOUZA, (1646)
- ANTÔNIO DE SOUZA, Padre (1646)
- ANTÔNIO GUEDES DE BRITO (1646)
- ANTÔNIO GUERRA, Padre (1684)
- ANTÔNIO HOMEM (1624)
- *ANTÔNIO LOPES (1591)*
- ANTÔNIO LOPES (1756)
- ANTÔNIO MARIA ESCATI, Padre (1730)
- ANTÔNIO OLIVEIRA RAMOS (1697)
- ANTÔNIO PEREIRA (1618)
- APOLINÁRIO (1749)
- *B.A. (1898)*
- B.D. (1898)
- B.J. (1898)
- B.V. (1898)
- BALTAZAR ÁLVARES (1620)
- BALTAZAR MARINHO, Padre (1618)
- BARTOLOMEU DOS MÁRTIRES, Frei (1689)
- BARTOLOMEU FERREIRA (1646)
- *BASTIÃO AGUIAR (1591)*

- *BELCHIOR DA COSTA (1592)*
- *BELLA (1870)*
- *BENTO (1591)*
- *BENTO (1618)*
- *C.F. (1898)*
- *C.G. (1898)*
- *CÂMARA COUTINHO ( 16 )*
- *CAROLINA MARIA FERREIRA MAIA (1854)*
- *CATARINA QUARESMA (1591)*
- *CATERINA BAROA (1592)*
- *CRISTÓVÃO ALBERTO (1683)*
- *CRISTÓVÃO DA CONCEIÇÃO, Frei (1644)*
- *DAMIÃO PINTO BARROSO (1647)*
- *DANIEL PEREIRA (1748)*
- *DIOGO AFONSO (1592)*
- *DIOGO BATISTA (1618)*
- *DIOGO BOTELHO, (1618)*
- *DIOGO DA SILVA (1618)*
- *DOMINGOS BANGO (1646)*
- *DOMINGOS SOARES DA FRANÇA (1667)*
- *DOMINGOS TAVARES (1640)*
- *DOMINGOS, Frei (1646)*
- *DOROTEU ANTUNES (1689)*
- *DUARTE FERNANDES, (1618)*
- *ELISEU LOPES (1618)*
- *ESCRAVO DE GUIOMAR FERNANDES (159 )*
- *F.S. (1898)*
- *FELIPA DE SOUZA (1591)*
- *FELIPE THOMÁS (1618)*
- *FERNÃO LUIZ (1591)*
- *FERNÃO ROIS DE SOUZA, (1618)*
- *FILHO DO OURIVES DE STO. ANTÔNIO DO CABO (1646)*
- *FELIPE DE MOURA (1638)*
- *FRANCELINA OLIMPIA DA ROCHA (1869)*
- *FRANCISCA (1591)*
- *FRANCISCA LUIZ (1592)*
- *FRANCISCO (1871)*
- *FRANCISCO CORREIA FIGUEIRA (1749)*
- *FRANCISCO DA CONCEIÇÃO USEDA, Frei (1836)*
- *FRANCISCO DE SAMPAIO ARANHA (1618)*
- *FRANCISCO FREITAS (1638)*
- *FRANCISCO MANICONGO (1591)*
- *FRANCISCO ROCHA (1645)*

- FRANCISCO RODRIGUES (1693)
- FRUTUOSO ALVARES, Padre (1591)
- G.J. (1898)
- GASPAR DE SANTO AGOSTINHO, Frei (1651)
- GASPAR ROIS (1591)
- GASPAR (1703)
- GONÇALO PIRES (1593)
- GREGÓRIO, Frei (1646)
- GUIOMAR PIÇARRA (1592)
- GUIOMAR PINHEIRA (1592)
- H.M. (1898)
- H.O. (1898)
- HILÁRIO NUNES (1646)
- HOMEM-MULHER (1871)
- HOMEM VESTIDO DE MULHER (1870)
- HOMENS VESTIDOS DE MULHER (1885)
- HORÁCIO (1867)
- INÁCIO ANTUNES (1646)
- INÁCIO PEREIRA (1755)
- INÁCIO PEREIRA (1801)
- ISABEL ANTÔNIA (1580)
- ISABEL MARQUES (1593)
- J.B. (1898)
- J.R. (1898)
- JERÔNIMO PARADA (1591)
- JERÔNIMO SOARES (1644)
- JOANE (1591)
- JOANE (1592)
- JOÃO BATISTA (1593)
- JOÃO CARVALHO DE BARROS (1703)
- JOÃO DIAS, O CABRA (1624)
- JOÃO FERNANDES, (1618)
- JOÃO PAULO (1865)
- JOÃO QUEIXADA (1592)
- JOÃO ROIS (1639)
- JORGE (1610)
- JORGE MONIZ (1620)
- JOSÉ (1749)
- JOSÉ DAVID, Padre (1730)
- JOSÉ DO PILAR (1750)
- JOSÉ DO OURO (1866)
- JOSÉ FERREIRA PACHECO (1853)
- JOSÉ GONÇALVES (1683/1686)
- JOSÉ LOPES (1695)

- *JOSÉ NUNES (1680)*
- *JOSÉ PINTO DE FREITAS, Padre (1669)*
- *JOSÉ RIBEIRO DIAS, Padre (1745)*
- *JOSEPH FERNANDES (1618)*
- *JOSEPH (1703)*
- *JUNQUEIRA FREIRE (1855)*
- *L.O. (1898)*
- *LUCAS DA COSTA PEREIRA (1747)*
- *LUIZ (1591)*
- *LUIZ ALVES (1621)*
- *LUIZ DELGADO (1689)*
- *LUIZ FERREIRA DE NORONHA (16 )*
- *LUIZ MARTINS DE SIQUEIRA (1649)*
- *LUIZ MOREIRA, Frei (1610)*
- *M.N. (1898)*
- *M.X. (1898)*
- *MANOEL CANAL (1618)*
- *MANOEL DA COSTA (1644)*
- *MANOEL DA COSTA (1656)*
- *MANOEL DA MAIA (1618)*
- *MANOEL DE LEÃO (1638)*
- *MANOEL DE SOUSA (1680)*
- *MANOEL DOS SANTOS, Padre (1730)*
- *MANOEL FERNANDES DOS SANTOS (1747)*
- *MANOEL FRANCISCO (1854)*
- *MANOEL VIEIRA MARTINIANO (1765)*
- *MANUEL ABREU MACHADO (1630)*
- *MANUEL DE BAIRROS (1610)*
- *MANUEL DE TÁVORA (1656)*
- *MANUEL FERNANDES (1689)*
- *MANUEL ROIS (1646)*
- *MARCOS BARROSO (1592)*
- *MARCOS DIAS CHAMORRO (1644)*
- *MARCOS PIRES (1591)*
- *MARCOS TAVARES (1592)*
- *MARIA ARCANJA DA CONCEIÇÃO (1871)*
- *MARIA LOURENÇO (1591)*
- *MARIA QUITÉRIA (1792-1853)*

- MARIA RANGEL (1592)
- MARIMBONDA (168?)
- MARTIM CARVALHO (1591)
- MARTINS (1651)
- MATEUS (1703)
- MATEUS DUARTE (1591)
- MATEUS LOPES (1646)
- MATEUS NUNES (1592)
- MATIAS DA SILVA (1646)
- MATIAS DOS PRAZERES GAYO, Frei (1756)
- MÉCIA (1592)
- MIGUEL (1653)
- MOÇO ALTO DE BARBA PRETA (1634)
- NEGRO (1813)
- *NISE (168?)*
- O.M. (1898)
- O.N. (1898)
- O.S. (1898)
- O.V. (1898)
- O.X. (1898)
- P.V. (1898)
- *PANTALEÃO VASCONCELOS (1646)*
- *PAULA DE SIQUEIRA(1591)*
- *PERO GARCIA (1618)*
- *PERO MENDES (1618)*
- *QUITÉRIA SEQUA (1592)*
- R.O. (1898)
- R.S. (1898)
- RAIMUNDO MARQUES RODRIGUES (1856)
- S. (1898)
- SABINO ÁLVARES (1833)
- SIMEÃO, Frei (1646)
- SOBRINHO DO OURIVES LOPES (1646)
- T.D. (1898)
- T.O. (1898)
- TEOTÔNIO DO BOM SUCESSO (1723)
- VISCONDE DO RIO BRANCO (1854)
- VOLUNTÁRIO DO 54 (1854)
- YAYÁ MARIQUINHAS (1869)

*ÍNDICE ALFABÉTICO DAS MULHERES DA BAHIA PRATICANTES OU INFAMADAS  
DE PRATICAR O AMOR SÁFICO – SÉCULO XVI-XIX*

- ANA CUNHA (1592)
- ANA JOAQUINA (1781)
- ANTÔNIA (1869)
- BELLA (1870)
- CAROLINA MARIA FERREIRA MAIA (1854)
- CATARINA QUARESMA (1591)
- CATERINA BAROA (1592)
- FELIPA DE SOUZA (1591)
- FRANCELINA OLIMPIA DA ROCHA
- FRANCISCA (1591)
- FRANCISCA LUIZ (1592)
- GUIOMAR PIÇARRA (1592)
- GUIOMAR PINHEIRA (1592)
- ISABEL ANTÔNIA (1580)
- ISABEL MARQUES (1593)
- MARIA ARCANJA DA CONCEIÇÃO (1871)
- MARIA LOURENÇO (1591)
- MARIA QUITÉRIA (1792-1853)
- MARIA RANGEL (1592)
- MARIMBONDA (168?)
- MÉCIA (1592)
- NISE (168?)
- PAULA DE SIQUEIRA(1591)
- QUITÉRIA SEQUA (1592)

ÍNDICE TEMÁTICO DOS HOMENS E MULHERES  
PRATICANTES OU INFAMADOS DE PRATICAR O AMOR QUE NÃO OUSAVA DIZER O  
NOME NA BAHIA – SÉCULOS XVI-XIX

*[Os números remetem à numeração de ordem]*



- *Bacharel*: 4
- *Cavaleiros*: 41-61-66-73
- *Cirurgiões*: 5-36-55-119-140
- *Cozinheiros*: 60-83-84-121-152
- *Criados*: 16-31-43-57-58-62-69-72-74-87-88-89-93-98-119-121-158
- *Cristãos-Novos*: 6-9-19-26-68-69-72-88-105
- *Empregados do Comércio*: 154-162-169-190
- *Escravos*: 6-9-10-15-17-24-25-41-44-49-54-55-64-71-72-77-83-84-95-104-116-120-130-131-132-133-134-135-139-140-141-142-144-145-173
- *Escritores*: 177-195
- *Estudantes*: 16-23-42-44-48-50-53-60-68-79-88-89-92-98-100-103-110-113-115-184
- *Feitores*: 16-17-135
- *Fidalgos*: 73-105
- *Governadores*: 56-61-197
- *Índios*: 6-25-28
- *Jornalistas*: 186-197-200-
- *Lavradores*: 2-18-29-62-135
- *Mamelucos*: 2-4-8-17-22-31-39-55-87-88-98
- *Marceneiros*: 148-167-184
- *Marinheiros*: 45-151-157-193
- *Mercadores*: 18-26-59-69-78-111-159
- *Mestiços*: 31-77
- *Militares*: 17-34-40-41-42-44-47-54-57-61-67-71-75-86-90-91-96-102-107-108-114-123-147-182-199
- *Mulatos*: 12-27-30-35-71-82-83-85-92-93-94-112-114-120-133-138-158-167-187
- *Negros*: 10-17-19-37-49-54-63-64-76-112-122-130-131-134-135-141-144-145-174-185-186
- *Ourives*: 81-111
- *Pagens*: 27-40-56-61-62-70-71-73-74-90-96-109
- *Pardos*: 71-94-128-130-134-135-141-148-152-153-169-173-183
- *Professores*: 12-30-86-126-146-197
- *Sacerdotes*: 3-4-16-23-40-42-45-49-52-54-58-63-64-65-70-79-80-83-92-98-99-106-109-115-119-122-126-127-131-136-138-142-145-178-183-186-196-199

## **BIBLIOGRAFIA**

Bellini, Lígia.

**A coisa obscura. Mulher, sodomia e Inquisição no Brasil colonial.**  
 SP, Editora Brasiliense, 1989.

Boswell, John

**Christianity, Social Tolerance and Homosexuality. Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century.**  
The Chicago University Press, 1980,

Caldas, José Antônio  
**Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759.**  
Salvador, Editora Beneditina, 1951

Calmon, Pedro  
**Introdução e Notas ao Catálogo Genealógico das Principais Famílias de Frei Jaboatão.**  
Salvador, Empresa Gráfica da Bahia, 1985

**Confissões da Bahia, 1591-1592.**  
Rio de Janeiro, F.Briguiet e Companhia Editores, 1935  
(Nova Edição: São Paulo, Companhia das Letras, 1997)

Courouve, C. ;pl  
**Vocabulaire de l'homosexualité masculine.** Payot, 1985

Damata, Gasparino & Ayala, Walmir  
**Poemas do Amor Maldito.**  
Brasília, Coordenada Editora de Brasília, 1969

**Denúncias da Bahia, 1591-1592.**  
São Paulo, Paulo Prado, 1925

Dynes, W.  
**Encyclopedia of Homosexuality.**  
New York, Garland, 1990

Kosnik, A.  
**Sexualidade Humana.**  
Petrópolis, Editora Vozes, 1982

Léry, Jean  
**Viagem à Terra do Brasil.**  
S.Paulo, Livraria Martins, 1941

Lima, Estácio.  
**A Inversão dos Sexos.**  
Rio de Janeiro, Guanabara, s/d.

Lima de Souza, Paulo César  
**A Revolta da Sabinada, Bahia, 1837.**  
Dissertação de Mestrado, UFBA, 1984

Matos, Gregório

**Obras completas. Crônica do Viver Baiano Seiscentista.**

Salvador, Editora Janaína, 1969.

Mendonça, J.L. & Moreira, A.J.

**História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal.**

Lisboa, Biblioteca de Autores Portugueses, 1980.

Mott, Luiz.

*“A Homossexualidade no Brasil: Bibliografia”*,

**Latin American Masses and Minorities**

Madison, Princeton University, 1987

*“Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais”.*

**Ciência e Cultura**, fevereiro 1988, 40(2)120-139

**A Inquisição em Sergipe.**

Aracaju, Fundesc, 1989

**Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição.**

Campinas, Editora Papyrus, 1989

**Os pecados da família na Bahia de todos os santos.**

Salvador, Centro de Estudos Baianos, 19

**O Lesbianismo no Brasil.**

Porto Alegre, Editora Mercado Aberto,

Novinsky, A.

**Cristãos Novos na Bahia**

S.Paulo, Editora Perspectiva, 1972

Peres, Fernando da Rocha

**Gregório de Mattos e a Inquisição.**

Salvador, Centro de Estudos Baianos, 1987

Pinheiro, Domingos Firmino

**O Androfilismo.**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina e de Farmácia da Bahia, Salvador, 1898.

Pitta, Sebastião da Rocha

**História da América Portuguesa desde o ano de 1500 do seu descobrimento até o de 1724.**

Lisboa, Francisco Arthur da Silva, 1880

Salvador, Frei Vicente

**História do Brasil, 1500-1627.**

S.Paulo, Editora Melhoramentos, 1965

**Segunda Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil, pelo Inquisidor e Visitador o Licenciado Marcos Teixeira, Livro das Confissões e Ratificações da Bahia: 1618-1620.**

**Anais do Museu Paulista**, Tomo XVII, S.Paulo, 1963, p.123-547

Silva Campos,

Teles dos Santos, Jocélio

"Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados: Indumentária e Travestismo na Bahia do século XIX". **Revista de Antropologia**, USP, volume 40, n.2, 1997, p.145-182.

Sousa, Affonso Ruy

**História política e administrativa da Cidade do Salvador.**

Salvador, Prefeitura Municipal, 1949

Trevisan, João S.

**Devassos no Paraíso.**

Rio de Janeiro, Max Limonade, 1986.

Vainfas, Ronaldo.

**Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil.**

**Rio de Janeiro**, Editora Campus, 1989.

Viana Filho, Luiz

**A Sabinada.**

Rio de Janeiro, José Olympio, 1938

"DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DOS HOMOSSEXUAIS DA BAHIA é um volume precioso. Iniciativa pioneira no gênero, seu autor não podia ser melhor, pois Luiz Mott, além de militante dos mais abnegados da causa *gay* no Brasil, e dirigente que muito se tem dedicado na luta contra o preconceito homofóbico e as violências dele resultantes, é etno-historiador já consagrado. Pesquisador minucioso da vastíssima documentação inquisitorial contra delitos de comportamento e de fé, sobre o que publicou inumeráveis artigos e livros, sendo caso de destacar seus trabalhos sobre a perseguição do Santo Ofício aos sodomitas, assunto exhaustivamente contemplado neste *Dicionário*.

Um livro que fala de perseguições e preconceitos, paixões e desejos. E recompõe, com esmero, uma face histórica importante da querida Bahia, berço do Brasil, dando rosto e nome aos que ousaram cometer o pecado cujo nome não se podia sequer dizer em tempos idos."

Prof. Ronaldo Vainfas  
Universidade Federal Fluminense

Opiniões sobre a obra de Luiz Mott

"Luiz Mott fez na Bahia interessante estudo sobre Os Pecados da Família na Bahia de todos o santos". Carlos Drummond de Andrade

"Muito obrigado pelo seu trabalho sobre A Inquisição em Ilhéus (que recebi ontem e já li): é um texto excelente, pesquisa rica de informação, estudo sério." Jorge Amado, Escritor

"Luiz Mott escreve bem o português. Coisa rara entre os acadêmicos brasileiros."

Paulo Francis, Jornalista

"José Sarney, editor do Livro da Profecia, declarou que o artigo de Luiz Mott, "Homossexualismo: um triste passado, um futuro brilhante", é um dos mais interessantes de sua coletânea. Fernando Henrique Cardoso, que estava a seu lado, completou : Luiz Mott foi meu aluno. Rapaz brilhante, disse o Presidente, piscando o olho para os presentes." Jornal do Brasil, 1997

"Considero magistral o estudo de L.Mott sobre o Cônego João Calmon."

Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

"Os estudos de Mott sobre a sexualidade são os mais excitantes da historiografia brasileira." Stuart Schwartz

"O Grupo Gay da Bahia e seu líder, Luiz Mott, são o orgulho da Bahia".

Caetano Veloso, Compositor e Escritor

"Rosa Egípcia é um livro de história e antropologia, notável pela erudição em matéria religiosa, um trabalho de peso, fundamental." Laura de Mello e Souza, Historiadora da USP

"O livro de L.Mott sobre esta santa africana me fascinou. É uma das publicações mais importantes que saíram ultimamente acerca da história religiosa do Brasil." Eduardo Hoornaert, Historiador

"Mott é pesquisador cuidadoso e observador arguto. Conta a história de maneira envolvente, às vezes com humor, outras com indignação, nunca com indiferença." João José Reis, Historiador da UFBA

"Luiz Mott é um travesti repelente!" José Augusto Berbert, Jornalista de A Tarde, Salvador

"Mott botou o dedo na ferida [ao divulgar que Zumbi era gay]. Seu trabalho mostra que todos temos fronteiras e limites. Suas palavras tiveram o mérito de abrir o problema dentro de um grupo sensível à discriminação, indicando que todas as coletividades são preconceituosas." Roberto da Matta, Antropólogo

"Livro surpreendente, Rosa Egipcíaca é uma biografia escrita com apurado estilo literário e enriquecida com uma erudição verdadeiramente acadêmica. Livro Imperdível e instigante." Fernando da Rocha Peres, da Academia Bahiana de Letras

"O trabalho de Mott, Homofobia, é peça fundamental na conquista dos direitos humanos." Marta Suplicy, Deputada Federal

Foto

Luiz Mott, 53 anos, paulistano de nascimento, mineiro de criação, baiano por opção, cidadão de Salvador por decreto municipal. Estudou 8 anos no Seminário dos Dominicanos. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de S.Paulo, Mestre em Etnologia pela Sorbonne, Doutor em An-

antropologia pela Unicamp. Vice-Chefe do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Autor de 15 livros e mais de 200 artigos em revistas nacionais e estrangeiras, versando sobre escravidão, Inquisição, história da homossexualidade, lesbianismo, Aids, direitos humanos. É membro da Associação Brasileira de Antropologia; dos Institutos Históricos e Geográficos da Bahia, Sergipe e Goiás; membro da Comissão Nacional de Aids do Ministério da Saúde; Secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis; Fundador do Grupo Gay da Bahia. Divorciado, pai de duas filhas universitárias, vive desde 1985 com Marcelo Cerqueira, Presidente do Centro Baiano Anti-Aids. Principais publicações:

Piauí Colonial. (Secretaria de Cultura, Teresina, 1985)

O Lesbianismo no Brasil. (Editora Mercado Aberto, P.Alegre, 1987)

A Inquisição em Sergipe. (Fundesc, Aracaju, 1989)

Rosa Egípcíaca: Uma Santa africana no Brasil. (Ed.Bertrand do Brasil, RJ, 1993)

Escravidão, Homossexualidade, Demonologia. (Editora Icone, SP, 1988)

O Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas Garras da Inquisição. (Ed.Papirus, 1989)

Homofobia: A violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil. (Editora IGLHRC, S.Francisco, 1997)